

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

JULIANA CORRÊA PEREIRA SCHLEE

**MULHERES, PAMPA E NATUREZA: UM OLHAR PARA
A EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Rio Grande

2019

JULIANA CORRÊA PEREIRA SCHLEE

**MULHERES, PAMPA E NATUREZA: UM OLHAR
PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Ambiental, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

Orientadora: Prof. Dr^a. Paula Corrêa Henning.

Co-Orientadora: Prof. Dr^a. Paula Regina Ribeiro.

Rio Grande, 2019.

Ficha catalográfica

S339m Schlee, Juliana Corrêa Pereira.
Mulheres, pampa e natureza: um olhar para a educação ambiental / Juliana Corrêa Pereira Schlee. – 2019.
153 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Rio Grande/RS, 2019.

Orientadora: Dra. Paula Corrêa Henning.

Coorientadora: Dra. Paula Regina Ribeiro.

1. Educação Ambiental 2. Filosofia da Diferença 3. Mulheres
4. Pampa 5. Natureza I. Henning, Paula Corrêa II. Ribeiro, Paula Regina III. Título.

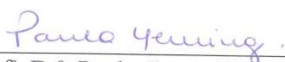
CDU 504:37-055.2

Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos CRB 10/2344

Juliana Corrêa Pereira Schlee

“Mulheres, Pampa e Natureza: Um olhar Para a Educação Ambiental”

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação Ambiental no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Comissão de avaliação formada pelos professores:



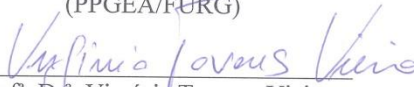
Prof.^a. Dr.^a. Paula Corrêa Henning
(PPGEA/FURG)



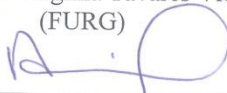
Prof.^a. Dr.^a. Paula Regina Costa Ribeiro
(PPGEA/FURG)



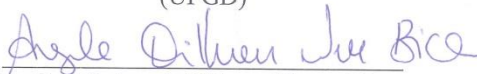
Prof.^a. Dr.^a. Elisabeth Brandão Schmidt
(PPGEA/FURG)



Prof.^a. Dr.^a. Virgínia Tavares Vieira
(FURG)



Prof.^a. Dr.^a. Ana Maria Colling
(UFGD)



Prof.^a. Dr.^a. Angela Dillman Nunes Bicca
(IFSUL)

*Dedico às minhas avós Célia e Alzira,
À minha mãe Jussara e minha filha Flora*

A vida é sem explicação. Então criemos, escrevamos, pintemos. Escrever é pura potência, é um modo de sondar o mundo, é movimentar-se sobre um fundo de silêncio.

Amar, viver, pensar – talvez seja esse um jeito de compartilhar o que não se tem. Viver a trama da nudez e do vazio, a nudez da morte. Não como o fim de tudo, como destruição. Mas como amor ao desconhecido, amor das palavras e das coisas, irredutíveis que são umas às outras (FISCHER, 2016, p. 21).

AGRADECIMENTOS

Aproveito este espaço dedicado aos agradecimentos à aqueles que foram fundamentais para que este trabalho se concretizasse...

Agradeço e dedico à Flora, minha filha amada, minha companheira de vida! Também agradeço especialmente ao meu companheiro José Milton Schlee Jr., pelo apoio, carinho, conversas, escutas e ao compartilhar muitas vivências pampeanas com arte e poesia! Aos meus queridos Dudu (Eduardo Schlee), Inti Schlee e Kamala Schlee, pela amizade, carinho, conversas, e pelos sonhos e realizações que compartilhamos nesta vida.

Aos meus pais Jussara e Cláudio que foram fundamentais nas minhas ausências nos cuidados e atenção com a Flora, agradeço também meu irmão Antônio e minha cunhada Jerusa, e Cleusa pelo apoio e cuidados conosco. Muito obrigada!!!

Agradeço às minhas orientadoras Paula Corrêa Henning e Paula Regina Ribeiro, pela paciência, respeito, carinho e potência nas orientações. Vocês foram muito mais que orientadoras e professoras, vocês potencializaram em mim uma experiência única como pesquisadora. Gracias sempre!

Agradeço imensamente às mulheres-narradoras desta pesquisa Lala, Aradia e Dona Corunilha, meu desejo é que muitas e muitas outras charlas e mates venham nos re-unir! Sem vocês nada disso seria possível!

À Universidade Federal do Rio Grande (FURG), pública e gratuita, e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro, fundamental para a realização desta pesquisa. Estendo o agradecimento também aos funcionários, professores e colegas do Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental, em especial a Leca (Danielle Andrade), Gis (Gisleine Portugal) e Rachel (Rachel Munhoz).

Ao Grupo de Pesquisa em Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia (GEECAF) coordenado pela orientadora Paula Corrêa Henning, agradeço imensamente a acolhida, a amizade, o respeito, assim como os estudos e discussões que foram fundamentais para esta pesquisa.

Às(aos) amigas(os) que compartilhamos risadas, tristezas, mates, leituras, que compartilhamos vida, muita vida... Lu (Luciane Lauda), Bel (Isabel Marques), Re (Renata Schlee), Kekel (Raquel Dias), Vica (Virgínia Vieira), Carol

(Caroline Bonilha), Camila Magalhães, Gisa (Gisele Silva), Dárcia Ávila, Sérgio Pinho e Flávio Mendes. Viva la vida!

À(aos) amigas(os) do Grupo Ecológico Amantes da Natureza, agradeço pelas parcerias, pelas vivências nas lutas ambientalistas!

E finalmente agradeço a este espaço-tempo pampeano, ao mate companheiro de estudos e pensamentos, à Rádio La Zurda (Uruguai), ao meu lugar no mundo o Chasqueiro (Arroio Grande, RS) e que me proporciona a coexistência com outros seres amigos.

RESUMO

O presente trabalho trata-se de uma dissertação de mestrado, realizada no Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental, na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) que tem como objetivo problematizar como mulheres ambientalistas do pampa gaúcho narram a sua relação com a natureza e a Educação Ambiental. Os caminhos teóricos metodológicos foram tramados a partir das leituras de autores da filosofia da diferença, como Friedrich Nietzsche, Michel Foucault, Gilles Deleuze e Félix Guattari. Nesta pesquisa, conduziu-se a partir da questão das relações entre sujeito e verdade, conceitos importantes nas obras dos autores Nietzsche e Foucault, deste último nos aprofundamos também nos conceitos de subjetividade, subjetivação. A partir das leituras de Deleuze e Guattari buscou-se um devir-menor ao olhar para as narrativas das mulheres, para as vias de singularização de educação ambiental/educações ambientais produzida nos interstícios do pampa gaúcho. Tomou-se como questões de pesquisa: Como se constituem as relações com a natureza de mulheres ambientalistas no pampa gaúcho? Como se constroem narrativas de educação ambiental/educações ambientais a partir dos trabalhos desenvolvidos por três mulheres no pampa gaúcho? Que Educações Ambientais possíveis há nos espaços do pampa gaúcho? Nesta pesquisa realizamos uma investigação narrativa em que analisamos as narrativas de três mulheres ambientalistas do pampa – Aradia, Dona Corunilha e Lala. Através um devir menor para escutar estas vozes de vidas infames, suas experiências de vida com a educação ambiental, tramou-se a arte e a filosofia para intensificar este encontro. Com tudo isso, na finalização desta pesquisa, foi possível considerar que as mulheres ambientalistas do pampa gaúcho narram suas relações com a natureza e com a educação ambiental mobilizadas, atravessadas, constituídas por um sentimento, que chamamos de *sentimento pampeano* e que possui vestígios da nossa cultura e história pampeana; assim como marcas nas relações entre as mulheres e a natureza em que o cuidado pelo lugar recorre; e também por rastros de uma educação ambiental que faz parte da vida destas mulheres com um intenso apelo pelas relações de pertencimento ambiental, entendendo o humano como parte da natureza.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Filosofia da Diferença; Mulheres; pampa; natureza.

ABSTRACT

The present work is about a master's dissertation, held in the Graduate Program in Environmental Education, at the Federal University of Rio Grande (FURG) which aims to problematize how women environmentalists of the pampa gaucha narrate their relationship with nature and environmental education. The theoretical-methodological paths were devised from the readings of authors of the philosophy of difference, such as Friedrich Nietzsche, Michel Foucault, Gilles Deleuze, and Félix Guattari. In this research, it was conducted from the question of the relations between subject and truth, important concepts in the works of the authors Nietzsche and Foucault, of the latter we also delve into the concepts of subjectivity, subjectivation. From the readings of Deleuze and Guattari, a minor turning-off was sought when looking at women's narratives, to the ways of singularization of environmental education / environmental education produced in the interstices of the pampa gaucha. It was taken as research questions: How are the relations with the nature of environmentalist women in the gaucha pampa? How are environmental education/ environmental education narratives constructed from the works developed by three women in the pampa gaucha? What Environmental Education is possible in the spaces of the pampa gaucha? In this research, we carry out a narrative investigation in which we analyze the narratives of three women environmentalists from the pampa - Aradia, Dona Corunilha and Lala. Through a lesser becoming to listen to these voices of infamous lives, their life experiences with environmental education, art and philosophy were worked out to intensify this encounter. With all this, at the conclusion of this research, it was possible to consider that the environmentalist women of the pampas gauchos narrate their relations with nature and environmental education mobilized, crossed, constituted by a feeling, which we call the *Pampas Sentiment* and which has vestiges of our pampas culture and history; as well as marks in the relations between the women and the nature in which the care by the place resorts; and also by traces of an environmental education that is part of the life of these women with an intense appeal for the relationships of environmental belonging, understanding the human as part of nature.

Keywords: Environmental Education; Philosophy of Difference; Women; pampa; nature.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DA PESQUISA	11
CAPÍTULO I PAMPA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: CAMINHOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA	13
1.1. Alguns caminhos percorridos... ..	15
1.2. Pampa e Educação Ambiental	19
1.3. Os caminhos investigativos da pesquisa	28
1.4. Ecologia menor: movimentos teóricos metodológicos	31
CAPÍTULO II MULHERES DO PAMPA GAÚCHO E SUA RELAÇÃO COM A NATUREZA E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL	42
2.1. Mulheres Pampeanas na trama histórica, cultural e da tradição gaúcha ...	45
2.2. Mulheres e sua relação com a natureza no pampa gaúcho	55
2.3. Relação mulheres e natureza nos interstícios da Educação Ambiental	67
2.4. Considerações Finais	77
CAPÍTULO III VIDAS INFAMES NO PAMPA: ENTRE CHARLAS E MATES	79
3.1. Criar um devir-menor.....	81
3.2. Charlas, arte e filosofia.....	87
3.3. Considerações Finais.....	102
CAPÍTULO IV VIDAS NARRADAS: NA TRAMA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL, CULTURA E NATUREZA NO PAMPA	103
4.1. “Eu sou do pampa, o pampa sou eu”: subjetividade, cultura e natureza ...	107
4.2. “Contem melhor esta história”: mulheres e natureza.....	117
4.3. Educação ambiental nos interstícios pampeanos.....	127
4.4. Considerações Finais.....	136
CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO: ALGUMAS INQUIETAÇÕES E PERSPECTIVAS	137
REFERÊNCIAS	143
ANEXO – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	153

APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

Na trama entre Pampa e Educação Ambiental, potencializamos a escrita de pensar em como somos atravessadas enquanto educadoras ambientais pelos aspectos culturais, históricos, ambientais, sociais, estéticos do pampa do Rio Grande do Sul. No entanto, convocamos vozes, aprimoramos a escuta, provocamos, questionamos e compartilhamos charlas e mates com três mulheres ambientalistas pampeanas. Buscamos olhar para estas narrativas infames, com um devir-menor, com deslocamentos possíveis do que nos conduz para uma Educação Ambiental maior.

Sendo assim, esta dissertação tem como objetivo geral **problematizar como mulheres ambientalistas do pampa gaúcho narram a sua relação com a natureza e com a Educação Ambiental**. Para isso, pensamos em algumas questões que perpassam a pesquisa: “Como se constituem as relações com a natureza de mulheres ambientalistas no pampa gaúcho?”, “Como se constroem narrativas de Educação Ambiental/Educações Ambientais a partir dos trabalhos desenvolvidos por três mulheres no pampa gaúcho?”, “Que Educações Ambientais possíveis há nos espaços do pampa gaúcho?”

Para apresentar a organização da pesquisa, destacamos alguns dos seus movimentos. No primeiro capítulo, intitulado **Pampa e Educação Ambiental: caminhos teóricos e metodológicos da Pesquisa** apresentamos os caminhos percorridos pela pesquisadora, assim como os caminhos teóricos e metodológicos da pesquisa. Primeiramente trata-se a respeito da vida da pesquisadora e sua aproximação com a Educação Ambiental e com o Programa de Pós-graduação. Após exploramos a temática “Pampa e Educação Ambiental” e, em seguida, delineamos o Projeto de Pesquisa e os caminhos investigativos. Logo definimos a metodologia e o *corpus* empírico.

Em **Mulheres do pampa gaúcho e sua relação com a natureza e a Educação Ambiental** pesquisamos como a relação entre Mulheres e Pampa é atravessada por uma “tradição” gaúcha, na construção das relações com a natureza, nos indicando pistas para uma Educação Ambiental. No primeiro momento discutimos a respeito da posição de centralidade em que o gaúcho é colocado nessa trama da história e da cultura gaúcha e as mulheres como

coadjuvantes, assim como nas suas relações com o Pampa; na segunda seção buscaremos dar visibilidade para a relação mulheres e natureza, no pampa gaúcho, ao olhar para a literatura; e, na terceira seção problematizamos a relação mulheres e natureza que vem sendo amarrada a partir de diferentes conferências internacionais e atrelada a esse campo de saber.

No terceiro capítulo, **Vidas infames no pampa: entre charlas e mates** nos dedicamos às pistas metodológicas a partir de um devir menor, tramando a potência da arte e da filosofia para travar charlas com as mulheres ambientalistas. Ao articular estes temas potentes a partir de um exercício filosófico, tramando com a arte as possibilidades de pensar o próprio pensamento, de suscitar, de tensionar verdades e saberes, de problematizar a educação ambiental nos interstícios do pampa.

No quarto capítulo **Vidas narradas: na trama da educação ambiental, cultura e natureza no pampa** realizamos as análises das narrativas, buscando pesquisar as condições de emergência para que o *Sentimento Pampeano* fosse recorrente às narrativas das mulheres ambientalistas do pampa, tramadas pela história e cultura gaúcha com marcas de uma estética e sensibilidade; pelo o amor e o cuidado com o lugar, com o pampa nas relações entre as mulheres e a natureza; e por atravessamentos potentes na vida destas mulheres de educação ambiental/educações ambientais possíveis com vestígios de um pertencimento ambiental.

Finalizamos com as **Considerações finais da dissertação: algumas inquietações e perspectivas** em que apresentamos as últimas considerações desta pesquisa.

Com esse estudo, o desejo é potencializar o pensar - a partir do filósofo Michel Foucault - sobre o que somos, como somos, de suspeitar o que alimenta nossa existência, como mulheres, como educadoras ambientais, como pampa e como natureza, com um olhar atravessado por um devir menor que miramos para a educação ambiental vivenciada aqui no pampa.

Desejamos uma boa leitura às(aos) leitoras(es) desta pesquisa!

CAPÍTULO I
PAMPA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: CAMINHOS TEÓRICOS E
METODOLÓGICOS DA PESQUISA

*Vou num carro são
Sigo essa frente fria
Pampa a dentro e através
Desde o que é Libres sigo livre
E me espalho sob o céu
Que estende tanta luz
No campo verde a meus pés*

*O que vejo lá?
Mata nativa instiga o olho
Que só visa me levar
Sobe fumaça branca
E a pupila se abre pra avisar
Se há fumaça, há farrapos por lá*

Eu acho que é bem

*Eu indo ao pampa
O pampa indo em mim [...]
(RAMIL, 1997)¹*

¹ <https://www.youtube.com/watch?v=cnTBNE7xIOE>

Inicia-se aqui a escrita desta dissertação, “sigo essa frente fria, Pampa a dentro e através” como nos inspira Vitor Ramil, buscamos olhar para as experiências vividas, para vozes narradoras de mulheres ambientalistas que experenciam no cotidiano do pampa gaúcho as suas relações com a natureza e com a Educação Ambiental. Nos caminhos desta pesquisa, carregamos um pampa, uma história, uma cultura, atravessamentos que nos fazem ser como somos e que permeia constantemente esta escrita.

Nesse momento, o capítulo aqui apresentado foi sendo tramado a partir de inquietações com a Educação Ambiental, tema de diferentes pesquisas, discutidas e proliferadas nos dias atuais. Abrimos então a dissertação com o tema Pampa e Educação Ambiental. Neste primeiro capítulo, temos a intenção de apresentar ao(à) leitor(a) a pesquisa, a pesquisadora, as ferramentas teóricas e metodológicas. Para isso dividimos em quatro seções:

A primeira seção **Alguns caminhos percorridos...** trata a respeito da vida da pesquisadora e sua aproximação com o Pampa e a Educação Ambiental e com o Programa de Pós-graduação, uma vez que, ao olharmos para as experiências vividas, vemos atravessamentos que tramam a investigadora e a autora desse estudo com a temática da dissertação. Na segunda seção **Pampa e Educação Ambiental** situamos o(a) leitor(a) no território a ser pesquisado nesta dissertação. O pampa e seus limites geográficos, sua história e cultura que constituem os modos de ser e de viver, assim como também discutimos o campo de saber da Educação Ambiental ao olhar para esse território.

Na continuidade, **Caminhos investigativos da pesquisa** buscamos mostrar a organização da pesquisa, o objetivo e as questões que irão perpassar ao longo da dissertação. Na quarta seção **Ecologia menor: movimentos teóricos metodológicos** buscamos esclarecer ao(à) leitor(a) a metodologia que será utilizada na pesquisa, com a pretensão de pôr em movimento uma menor das ecologias (GODOY, 2008) ao fazer uma investigação narrativa, tendo como objeto de pesquisa a narrativa de três mulheres ambientalistas do pampa gaúcho.

Tramadas pela potência de intersecção entre Pampa e Educação Ambiental, convidamos o(a) leitor(a) a pensar conosco nos atravessamentos culturais, políticos, éticos e estéticos da constituição de mulheres

ambientalistas. A aposta foi feita e o tensionamento iniciado aqui, nessa dissertação.

1.1. Alguns caminhos percorridos...²

Que a gente se torne o que é pressupõe que a gente não saiba, nem de longe, o que a gente é (NIETZSCHE, 2008, p. 63).

No momento inicial desta dissertação que apresento e desenvolvo, no Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental, trago a inquietação de Friedrich Nietzsche e a compartilho com o(a) leitor(a): *como nos tornamos aquilo que somos?*

Ser pesquisadora me provoca a pensar o campo de saber da Educação Ambiental. Ele torna-se uma possibilidade, entre outras, de olharmos, de percebermos, de conhecermos o mundo e as relações que se estabelecem entre a sociedade e a natureza. Pensar nesta pesquisa é pensar também em como me constituo como mulher pampeana preocupada com as questões ambientais. Há atravessamentos, tramas, nós e linhas que moldam, tecem, enredam e constituem a pesquisa e a pesquisadora. Provoco-me mais uma vez e questiono: o que é ser educadora ambiental e pesquisadora? E mais uma vez: *como me torno aquilo que sou?*

Ser pesquisadora, tendo como intercessor Michel Foucault, faz com que tome este projeto de pesquisa como um projeto de experiência, de romper e de olhar para o que me constitui, de questionar o que me atravessa, me tece. Como diz Foucault “[...] sou um experimentador, não um teórico... no sentido que escrevo para mudar a mim mesmo e não mais pensar na mesma coisa” (2010, p.290). Uma pesquisa-experiência, não um experimento repetível, mas sim, singular, profundo, inquietante, uma experiência-limite como escreve Foucault “[...] a ideia de uma experiência-limite, que arranca o sujeito de si mesmo, eis o que foi importante para mim, na leitura de Nietzsche, de Bataille, de Blanchot... visando a me arrancar de mim mesmo, a me impedir de ser o mesmo”(2010, p.291).

² Deixo claro ao(à) leitor(a) que esta primeira seção está escrita na primeira pessoa do singular por entender que se trata de trajetórias pessoais e no restante da dissertação escrevo na primeira do plural por compreender que se trata de um escrita compartilhada com as Orientadoras e com o Grupo de Pesquisa.

Eis o que é importante para mim... o que me move como pesquisadora e ir adiante nessa investigação. Para isso, passo a olhar as minhas vivências e experiências, alguns caminhos percorridos que me aproximaram da Educação Ambiental e deste Programa de Pós-graduação.

A experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à escrita. Digamos, com Foucault, que escrevemos para transformar o que sabemos e não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a escrever é a possibilidade de que esse ato de escritura, essa experiência em palavras, nos permita libertar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa, diferentes do que vimos sendo (LARROSA, 2015, p. 5).

Penso ser importante dar sentido ao que me acontece, ao que sou, como me provoca Jorge Larrosa. Ser um sujeito de experiência, como um território de passagem, como uma superfície sensível, que aquilo que nos acontece deixa marcas, vestígios e efeitos. Passo agora a olhá-las...

O pampa sempre fez parte de minhas vivências, desde a infância e juventude. A experiência com o rural acontecia nos finais de semanas, nos feriados e nas férias, para o chamado “ir para fora”. Aguardava-se muito essa época, pois eram experiências inesquecíveis como piqueniques, trilhas no meio da mata, subidas em árvores, banho de sanga e lagão, pescarias e acampamentos, olhar o céu, as nuvens e suas formas, assim como a lua e as chuvas de estrelas-cadentes. E ainda o contato com os animais: brincar com cachorros, andar a cavalo, alimentar porcos e galinhas, cuidar das ovelhas... No sítio dos meus avós, acompanhada pelos(as) primos(as), desfrutávamos de frutas colhidas no pé, jogos ao ar livre, brincadeiras em volta das árvores. Esse prazer de estar “para fora” sempre foi valorizado na minha infância e juventude por mim e pela minha família. Assim, fui sendo moldada por essas experiências e atravessamentos.

Por meio de experiências entre o rural e o urbano, neste pampa gaúcho fui fomentando em mim a vontade pelas lutas ambientais. Atuo como ativista ambiental, desde a fundação da ONG Grupo Ecológico Amantes da Natureza, no município de Arroio Grande, há 20 anos com projetos ambientais que envolvem as escolas e a comunidade.

Nesse caminho trilhado, ingressei no curso de Bacharelado e Licenciatura em Ciências Biológicas na Universidade Federal de Pelotas, com ênfase em Meio Ambiente. Busquei ainda mais me aproximar das questões ambientais, da

Ecologia, da Zoologia e finalmente da Botânica, área na qual realizei meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e muitas saídas de campo para uma área florestal mais austral no pampa gaúcho.

Quando me formei em Ciências Biológicas, fui morar na zona rural com meu companheiro, na área próxima onde realizei meu TCC. Nessa busca por viver e por morar no pampa gaúcho também me aproximei de outras realidades e de outros saberes. A vida diária neste território pampeano, exigiu de mim (de nós) outros saberes: aprender a lida campeira, a tirar leite, criar guachos, galinhas, perus, gansos e patos; juntar lenha, curar os animais, amansar vacas leiteiras, descobrir o tempo de germinação das sementes, preparar o solo para plantar, desfrutar as estações do ano, o ciclo das águas (tempos de seca e tempos de muita chuva), esquilar³ ovelhas, camperear⁴ a cavalo, recorrer o campo... Nesse mundo, há outro tempo e espaço, um espaço de paciência, de experiências, de aprendizagens, um tempo para muita conversa e escuta. Desenvolvemos nossa rotina, nosso cotidiano e, entre o trabalho diário, realizamos as pesquisas em ecologia florestal: monitoramento da fauna silvestre, levantamento da flora e fauna, mapeamento das espécies novas e ameaçadas de extinção para a região. Dessa forma, através dessas vivências, descobrimos juntos outras formas de viver e de ser, aprender a coexistir com outros seres, a ser pampa, a ser natureza.

A vida no campo me possibilitou conhecer outras mulheres que vivem nesse espaço rural, nesse território pampeano, mulheres que se relacionam de diferentes formas com este ambiente. Mulheres que trabalham, seja no espaço rural, seja no urbano como domésticas, agricultoras, pecuaristas, campeiras, artesãs, benzedeiros, assim como ambientalistas⁵. Marcadas pela história e cultura do pampa gaúcho, fabricadas pelas experiências vividas no âmbito social, familiar, econômico e político.

Como mulher pampeana fui me constituindo e me moldando a essas realidades, assim como (talvez) educadora ambiental. Participando de vários projetos da ONG de âmbito binacional (Brasil-Uruguai) como o Observatório Binacional da Lagoa Mirim, na implementação da Reserva Biológica do Mato

³ Segundo o Dicionário da Cultura Pampeana Sul-Rio-Grandense (2019, p. 395) esquilar “consiste na tosa de carneiros, ovelhas e borregos (...) com a tesoura de esquilar”.

⁴ De acordo com o Dicionário da Cultura Pampeana Sul-Rio-Grandense (2019, p. 193) camperear é “realizar qualquer atividade de campo na lida com o gado”.

⁵ As mulheres ambientalistas são as narradoras desta pesquisa.

Grande. Atuando como representante no Conselho Consultivo da REBIO Mato Grande; no Conselho Municipal do Meio Ambiente de Arroio Grande e no Comitê de Bacias Hidrográficas Lagoa Mirim-Canal São Gonçalo. Atualmente, também, atuo como Coordenadora da ONG Grupo Ecológico Amantes da Natureza e conselheira suplente no Conselho Consultivo da REBIO Mato Grande. Através dessa realidade, vivida diariamente no pampa gaúcho, desenvolvemos o projeto “Florestas Pampeanas”, através da ONG, juntamente com meu companheiro, realizando palestras, oficinas, exposições e nutrindo o blog Florestas Pampeanas com textos e fotografias do pampa (Blog Florestas Pampeanas, 2018; SCHLEE, SCHLEE JR., SCHLEE, 2016; SCHLEE, SCHLEE JR., SCHLEE, 2017).

A minha profissão como bióloga me possibilitou participar dos projetos da ONG através das pesquisas realizadas em ecologia, botânica e zoologia. Compreendendo que não eram sinônimos, questionava-me se o que eu fazia era Educação Ambiental, assim como o que era Educação Ambiental ou como poderia realizá-la?, visto que desde meus 15 anos participava da ONG, vivia uma vida dedicada às lutas ambientais e à Educação Ambiental.

Mais tarde, trabalhei como educadora ambiental do Departamento Municipal de Meio Ambiente, na Prefeitura Municipal de Arroio Grande. Foi nesse período que realizei o Curso de Aperfeiçoamento à distância em Educação Ambiental da FURG, através do polo de Jaguarão. Nessa época, me envolvi muito com a questão da limpeza urbana, coleta seletiva solidária e com a Cooperativa Reciclar atuante no Município. E mais uma vez me questionava o que era Educação Ambiental? Seria somente uma forma de *exigir* a mudança de condutas da população em relação ao lixo? Caberia somente aos cidadãos uma *conscientização ecológica*? E fui compreendendo que a solução dos problemas ambientais implicava outras esferas políticas, econômicas, sociais, e não só a mudança de atitude dos cidadãos.

Dentre esses projetos de que participei, o que mais me chamava atenção era a forma como as pessoas se relacionavam com o ambiente, com o seu território: seja as mulheres e os homens no pampa gaúcho, seja os pescadores da Vila de Santa Isabel com a Lagoa Mirim, seja os moradores do entorno da Reserva Biológica do Mato Grande, seja os catadores da Cooperativa Reciclar e o ambiente urbano, seja os professores e os alunos e suas escolas e entornos.

Relações com o ambiente que são diferentes formas, algumas agressivas em relação a outras formas de vida, como a caça predatória. E outras relações de cuidado e proteção.

Alguns caminhos foram percorridos, tanto que as minhas vivências relacionadas à natureza, como bióloga e como ativista ambiental, levaram a me aproximar do Programa de Pós-graduação de Educação Ambiental e - através das leituras que realizei para a seleção do Mestrado - deparei-me com um enorme campo de saber, diferentes correntes e perspectivas próprias do ambiente acadêmico. Nas atividades de Educação Ambiental da ONG não questionávamos se o que fazíamos era formal ou não formal, conservacionista ou socioambiental. Atuávamos na escola e fora dela e talvez essa separação não fosse tão visível como nos livros acadêmicos.

Hoje, participando do GEECAF – Grupo de Estudos em Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), através dos estudos de Michel Foucault, disponho-me a questionar uma série de discursos que me constituíam – e outros que continuam me constituindo. Desafio-me, ainda, na difícil tarefa de questionar o próprio campo de saber da Educação Ambiental, problematizando-o como um projeto de verdade e procurando compreendê-lo como uma gama de possibilidades múltiplas de educações ambientais.

Assim, a pesquisa de dissertação que apresento neste Programa de Pós-graduação, através dos estudos sobre a Educação Ambiental, seus fundamentos e seus atravessamentos, envolvem dois temas importantes na minha trajetória: Pampa e Educação Ambiental. Ao chegar até aqui, problematizo quem sou, minhas vivências e experiências que realizo pertencem a própria vida, que ressoa, que treme, que trama e que me constitui.

1.2. Pampa e a Educação Ambiental

Fazer fogo é cultural, no inverno e no verão. É a primeira tarefa do dia. Aquecer a água para o mate [...] (ADAUTO, 2016, p. 109).

Começamos a escrita desta seção aquecendo a água e preparando o mate, como nos fala Fernando Adauto sobre a vida do gaúcho e os elementos culturais do pampa gaúcho no livro “Nosso pampa desconhecido”. O mate, também conhecido como chimarrão, é uma bebida preparada em cuia feita de porongo,

onde colocamos na medida certa a erva mate, um pouco de água morna e assentamos a bomba, como um ritual preparado há séculos neste território pampeano o qual se estende pela região sul do Brasil e países como o Uruguai, Argentina, Paraguai.

Bebida de origem indígena do sul da América, chamada de caá-i pelos Guaranis. O hábito de tomar mate se alastrou com a chegada dos colonizadores espanhóis, que investiram em expedições em busca da erva, escravizando os indígenas. De início, a Igreja atribuía propriedades afrodisíacas para a erva mate (erva do diabo) e isso aumentou sua procura. Com a instalação das reduções jesuíticas, a Igreja veio a capitular a regra e incentivar o mate para substituir as bebidas alcoólicas entre os indígenas. Então, o caá-i tornou-se um hábito comum e diário, como uma prática cultural que alimenta, sustenta e se consolida ao amenizar as adversidades em meio ao pampa (SCHLEE, 2018).

Servimos o primeiro mate - de muitos que tomamos ao longo desta escrita - e, ao sentirmos o gosto amargo da infusão, despertamos o corpo e os pensamentos. Através de um exercício filosófico de pensar o que somos, por que somos e como somos, de suspeitar as crenças e os sentimentos que alimentam nossa existência, com um olhar atravessado pela Educação Ambiental, olhamos para o pampa, para seus costumes, seus habitantes, sua história, sua cultura. E aqui vemos a importância de potencializar a conversa entre Pampa e Educação Ambiental a partir do pensamento de Michel Foucault, Friedrich Nietzsche, Félix Guattari, Ana Godoy e Paula Henning.

Figura 1. “Patria Mía”, fotografia de Celine Frers.



Fonte: FRERS, 2012.

A fotografia acima, intitulada “Patria Mía” pela fotógrafa argentina Celine Frers, está presente no álbum “Gauchos” e nos provoca a pensar nesta pátria pampa, neste território pampeano. A fotografia mostra o ato de tomar mate, como símbolo desta pátria e deste pampa que nos aconchega, que nos esquentam numa fria manhã de inverno, que nos aproxima enquanto habitantes deste território, que nos constitui como cultura, como pampa, como natureza. Nesse sentido, o pampa passa a ser compreendido por nós como um território inventado, fabricado, constituído de histórias, de significações e de experiências vivenciadas, preenchido de pessoas e de paisagens naturais-culturais que vem fortemente fabricando sujeitos, modos de viver e de ser. Para além de fronteiras políticas, o pampa se constrói a partir de uma cultura:

O Pampa, pela sua construção histórica nas representações sociais, é uma paisagem cultural – este há muito no temário da cultura regional, seja na literatura (José Hernández, Jorge Luis Borges, Simões Lopes Neto, Cyro Martins, entre tantos outros) na pintura (Pedro Weingärtner, Iberê Camargo, Plínio Bernhardt), na música (aqui cabem principalmente a milonga de todos os tipos, a chimarrita, o tango, o chamamé, entre outros ritmos); e ainda nos hábitos, nas

expressões cotidianas, na culinária, sendo o chimarrão e o churrasco duas manifestações que são comumente associadas a essa paisagem. Inclusive, até na constituição do olhar baseado na experiência de abertura ao horizonte, que frequentemente é evocado nas representações literárias e até jurídicas/normativas (PANITZ, 2010, p. 25).

Na citação acima Panitz nos inquieta quanto ao que pensamos nas relações entre natureza e cultura e, nos questionamos o que tomamos como natureza e cultura no pampa? Provocamo-nos a potencializar o pensar sobre estes atravessamentos no território pampeano. Talvez não pensar nesta relação como separação, dicotomia, mas sim como possibilidades múltiplas de entrelaçamentos e de construção do sujeito pampeano. Questões importantes que foram desenvolvidas nas teses de Doutorado de Virgínia Veira (2017) e Renata Schlee (2018).

Podemos, então, perguntar: como essa forma de ser e estar gaúcho, que vai se atualizando no tempo, percebe e produz a natureza? Busco o carácter contingente, não transcendental, do sujeito que vive no Pampa e fabrica esse discurso de natureza, entendendo que, ao mesmo tempo, o indivíduo se constrói nesse processo. Esse discurso de natureza que sujeita o sujeito, mas que, ao mesmo tempo, é construído por ele pode ser colocado em suspenso. Os discursos são invenções e, como invenções, se estabelecem em regimes de verdade (SCHLEE, 2018, p. 105).

Na correnteza destas autoras, com o olhar atento, passamos a ver o pampa que compõe o território a ser problematizado nesta dissertação. No entrelaçamento entre Educação Ambiental e pampa pensamos o quanto este território como paisagem geográfica e natural é construída culturalmente. E aqui Guimarães (2008) nos ajuda a mirar as leituras da natureza e o modo como ela vem sendo historicamente significada na cultura, portanto buscamos ver o pampa como um espaço simbólico e conceitual e não simplesmente um espaço físico e territorial que é constituído cotidianamente e no coletivo:

Com isso, vemos que é na cultura, nesse espaço de circulação e de compartilhamento de significados, que vamos aprendendo a lidar com a natureza e, também, vamos estabelecendo nosso lugar no mundo, ou seja, sabendo quem nós nos tornamos dia a dia (GUIMARÃES, 2008, p. 88).

Em torno destas significações sobre o pampa, nos provocamos a questionar: podemos perceber rastros destas conformações em uma educação ambiental feita nos interstícios deste território? O modo como vemos a natureza, o pampa, produz que educações ambientais possíveis na contemporaneidade?

Que posições assumimos enquanto humano neste espaço-tempo? Na história, na cultura do pampa que posições são assumidas perante a natureza?

Perguntas que nos potencializam a pensar na interlocução do tema proposto nesta seção. Em seguida, pretendemos situar o(a) leitor(a) pinçando alguns elementos deste território pampeano, enquanto espaço geográfico, cultural, histórico e ambiental discursivamente construído, ao invés de aqui fazer uma história linear, ou então citar todos os fatos históricos que aconteceram.

O pampa, enquanto descrição geográfica, faz parte de uma extensa região natural que se estende para além do território brasileiro. São regiões pastoris nos três países da América do Sul - cerca de dois terços do Estado do Rio Grande do Sul, as províncias argentinas de Buenos Aires, La Pampa, Santa Fé, Entreríos e Corrientes e a República Oriental do Uruguai (SUERTEGARAY; SILVA, 2009). Nesse espaço geográfico, mulheres e homens pampeanos desenvolveram culturas típicas, que demonstram modos de pensar, de sonhar, de agir e de viver. Para esta dissertação, nos limitaremos ao espaço geográfico do Pampa no Rio Grande do Sul.

Figura 2. Mapa geográfico do Bioma Pampa.



Fonte: SUERTEGARAY; SILVA, 2009.

A denominação “pampa” foi dada pelos primeiros caminhantes humanos, aproximadamente 10.000 anos (A.P. – antes do presente) que habitavam este território e lugar. O termo de origem quíchua (ou quechua), língua aborígine da América do Sul, significa “região plana” e está associada à paisagem dominante de extensas planícies cobertas de vegetação rasteira (SUERTEGARAY; SILVA, 2009). Segundo Pereira (2008), na região do pampa, em seus campos, banhados e várzeas dos rios e lagoas, uma nação viveu por milhares de anos, em uma época em que não existia a população colonizadora nem a fronteira. Seriam grupos de caçadores-pescadores e coletores nômades de paisagens abertas; com a chegada dos colonizadores, seus descendentes passariam a se chamar Minuanos/Guenoas. Conforme Golin (2001) nos séculos XVII, XVIII e XIX, o colonizador de origem europeia converteu o pampa em sua propriedade, extinguiu o modo de vida dos indígenas, promovendo genocídios, incorporando-os aos trabalhos subalternos. Minuanos foram integrados à população espanhola, à portuguesa e à missioneira após guerras de extermínio e incorporados nas estâncias, contribuindo para a formação do gaúcho (PEREIRA, 2008).

Durante alguns séculos os minuanos disputaram o pampa com os guaranis, inicialmente através de guerras tribais e posteriormente por uma forma de ocupação permanente, estabelecendo estâncias de criação de gado para as Missões Jesuíticas. A história dos caçadores-coletores pampeanos é muito diferente da dos guaranis, que foram rapidamente aldeados ou escravizados pelos colonizadores, enquanto os minuanos puderam sobreviver a quase três séculos com apenas contatos esporádicos com os colonizadores (KÜHN, 2002). Quando os povos nativos começaram a usar o cavalo como meio de transporte, e o gado bovino como fornecedor de alimento e de matéria prima para o couro, nos mais diferentes usos, iniciou a Idade do Couro. Assim, o gaúcho herdou dos minuanos o laço, as boleadeiras, o tirador, a guaiaca, a bota de garrão, o governo do cavalo através de rédeas, o bocal guasca e, mais tarde, o freio (PEREIRA, 2015).

Arrebanhando os índios nas Missões ou obrigando-os a trabalhar, sob pena de prisão, os estanceiros obtiveram uma peonada que também veio a constituir uma força militar potencial e em permanente disposição. Com o declínio da estância, o cercamento dos campos e o surgimento da linha férrea,

os empregos se tornaram raros e o êxodo rural acrescentou nota trágica ao destino do gaúcho, indo-se o derradeiro orgulho: o “centauro dos pampas”, indômito e solitário em seu “pingo”, como rezava a tradição, virou o “gaúcho a pé”, transformou-se no abandonado das coxilhas. Nessa estrita interdependência da peonada com os estanceiros, ocorreram muitas guerras, principalmente a Revolução Farroupilha, a qual permitiu, também numa instância histórica, a mitologia do gauchismo, e assim valores foram especialmente exaltados como virtude, honra e bravura (LOPEZ, 1992). Segundo Kühn (2002) a Guerra dos Farrapos foi fundamental para a constituição da própria identidade rio-grandense, fornecendo elementos que compõem o imaginário político gaúcho, sendo os valores associados à liberdade, ao carácter guerreiro e à independência em relação ao poder central.

Uma história contada e recontada nos livros, na mídia, nas escolas, nos Centros de Tradição Gaúcha, uma história que, muitas vezes, é de enaltecimento da figura do gaúcho – homem viril e forte. Valores como a bravura, a coragem e a honra, muitas vezes, tomados como verdadeiros na constituição do povo do Rio Grande do Sul, reconhecem todos os habitantes deste Estado como gaúchos, desde a Guerra dos Farrapos.

Importante pensar nas relações que se estabelecem entre os habitantes e este território pampeano, ao ver condições de possibilidades para a emergência de discursos de proteção e cuidado com o pampa. A título de exemplo, citamos o reconhecimento do pampa como um Bioma do Brasil. Essa distinção inseriu o pampa na agenda ambiental nacional, contribuindo para ações de proteção deste patrimônio natural e cultural, o que permitiu, no âmbito das legislações, destacar a importância, a singularidade e as potencialidades deste ambiente único no mundo (BENCKE; CHOMENKO; SANT’ANNA, 2016).

O território pampeano foi e é moldado pelos conflitos, pelas disputas, pelos combates, apresentando uma fronteira em movimento, deixando-nos rastros de história e de cultura que se manifestam nos costumes, na culinária, na arquitetura, nas artes e nas lidas campeiras. Um misto de espaço, de paisagem, de vegetação, de cultura e de história, como espaço sociocultural, uma paisagem cultural. Olhamos para o passado com um olhar no presente e vemos um território ainda em conflitos e disputas. Ao pesquisar no Google

sobre Bioma Pampa + notícias, observamos conflitos, preocupações ambientais, questões sociais e culturais imbricadas na mídia:

O Pampa perdeu 38% de sua paisagem natural em 17 anos. Enquanto isso a área de agricultura cresceu 30% (Revista Época, 2017).

Pampa gaúcho é o segundo bioma mais desmatado no Brasil. Percentual de desmatamento nos campos do sul é de 54%. Mata Atlântica tem apenas 12% da área total preservada (G1, 2012).

O pampa virou areia: agronegócio intensifica processos de erosão no bioma gaúcho (Brasil de Fato, 2017).

Essas notícias estão na primeira página de buscas do Google, em redes de noticiários de ampla divulgação como o portal G1, a Revista Época e Brasil de Fato. Olhamos a mídia, como um artefato cultural, como uma pedagogia que ensina e fabrica verdades: “o pampa perdeu 38% de sua paisagem natural”, “bioma mais desmatado”, “o pampa virou areia”! As mídias, bem como os artefatos culturais, tornam-se ferramentas importantes para a disseminação de um discurso de crise ambiental perante a sociedade. Mas até que ponto vem nos ajudando a pensar ecologicamente sem fazer uso/apelo ao medo, à insegurança e à incerteza da vida humana? O futuro do planeta, e aqui o futuro do pampa, junto à crise ambiental se tornam uma forte preocupação nos dias de hoje e a Educação Ambiental, um campo de visibilidades, como nos fala Henning, Ratto e Garré (2014):

Com isso, a educação ambiental, tomou força e vem se constituindo num campo de visibilidades diante da preocupante devastação do meio ambiente. Um dos espaços em que estes discursos circulam recorrentemente é a mídia, produzindo verdades e saberes acerca da crise vivida no século XXI. Com isso as mídias agem como potentes espaços de fabricação de verdades, que vão instituindo modos de vida e formas de convívio modelam nosso comportamento frente à “degradação do planeta”, a crise ambiental vivida por nós e as formas de se ser ecologicamente corretas, por exemplo (HENNING; RATTO; GARRÉ, 2014, p. 222) [grifo das autoras].

Como um campo de saber cada vez mais consolidado, a Educação Ambiental está presente em ações governamentais através da criação de leis federais, estaduais e municipais e programas de governo. Ainda em ações não governamentais, por meio de ONGs (Organizações Não Governamentais) que atuam com campanhas e projetos. Um campo de saber que é fabricado através dessas ações. As instituições de ensino também atuam na consolidação desse campo através de cursos, formações, pós-graduações. No âmbito escolar,

através de muitas ações e práticas de professores e professoras que atuam na educação ambiental.

Além disso, há uma infinidade de lugares em que ensinamos o que é Educação Ambiental. Ela está presente nas mídias, nas rádios, nos jornais, nas revistas e na internet. Ao pesquisar artefatos midiáticos, estudos realizados pelo Grupo de Estudos em Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia (GEECAF), como a fotografia (SCHLEE, 2018), as músicas (VIEIRA, 2013, 2017), as histórias em quadrinhos (PINHO JR, 2015), a literatura infantil (MAGALHÃES, 2016), as campanhas publicitárias (HENNING; RATTO; GARRÉ, 2014), os jogos eletrônicos (MADRUGA, 2018), percebe-se neles a educação ambiental em uma trama discursiva, produzindo verdades e saberes acerca da crise ambiental e do futuro do planeta.

As mídias, como potentes maquinarias da verdade, vão instituindo modos de viver perante uma crise ambiental que se instala. Há pouco tempo, ainda sofriamos com uma das maiores secas vividas no pampa gaúcho, logo, não há como não pensar nas mudanças ambientais. E aqui vejo a importância dos estudos de Michel Foucault para esta pesquisa: questionar o que é tomado como legítimo nessa construção e quais são seus efeitos de poder.

O importante, creio, é que a verdade não existe fora do poder ou sem poder [...]. A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 2011, p. 12) [grifo do autor].

Talvez seja hora de buscar fissuras para esse campo tão bem consolidado como um projeto de verdade, a partir dos estudos realizados por Henning, no campo da Educação Ambiental, potencializando o pensar, além de um discurso anacrônico, para além de um discurso de medo e de apelo. Olhar para a possibilidade de criação de outras educações ambientais, de resistir ao que está dado, de estranhar as verdades e as certezas, através de um exercício filosófico, e de “andar por caminhos tortos” como nos fala Nietzsche (2008, p. 65), suspeitar do que nos torna rebanhos.

Para além de uma Educação Ambiental que nos ensine a solução dos problemas, conduzindo nossas formas de vidas e subjetividades, buscamos, como pesquisadoras educadoras-ambientais, pensar diferente, pensar, criar outras educações ambientais possíveis, outras formas de conviver com o planeta, com o lugar onde vivemos, com o pampa. Segundo Henning:

Se abre así, un campo de posibilidades para la educación ambiental, pues lejos de establecer “recetas” provocará un juego reflexivo contante, en el que accionamos el campo filosófico. Las invenciones sólo pueden ser pensadas por aquellos que saben vivir el caos, el barajado, el sin salida. Es en ese lugar, marcado por el carácter experimental de la vida que existe atravesada por la ética y la política, en el deseo de pensar el mundo en que estamos implicados, que las educaciones ambientales menores pasan por el arte de vivir aquello que se nos disipa (HENNING, 2017, p. 353).

Aceitando o convite de Paula Henning, passamos a olhar para o pampa, atravessado por uma educação ambiental menor. E aqui vemos a potência de trazer a menor das ecologias de Ana Godoy (2008) para esta pesquisa⁶. A perspectiva menor trata-se de uma potência de pensamento que abandona as certezas, contestadora do presente e que busca a invenção de desvios e de novas conexões. Isso nos permite olhar para a Educação Ambiental e o pampa com mais devires e menos verdades. Apenas menor... como um amanhecer no pampa, *lavando* o mate, na lentidão dos gestos, mas com uma potência de pensar, com um corpo aquecido e desperto para começar a lida e a escrita.

Dessa forma, apresentamos ao(à) leitor(a) o tema proposto nesta dissertação: Pampa e Educação Ambiental. A seguir, discorreremos sobre os caminhos investigativos, delineando o Projeto de Pesquisa.

1.3. Os caminhos investigativos da pesquisa

Não é a dúvida, é a certeza que enlouquece...Mas para isso a gente tem que ser profundo, tem que ser abismo, tem que ser filósofo pra sentir assim...Nós todos temos medo da verdade... (NIETZSCHE, 2008, p. 55).

Tomamos a palavra de Nietzsche para assentar a escrita desta seção, delineando a pesquisa, perguntando, questionando, tomando e retomando as palavras de Nietzsche “[...] tem que ser profundo, tem que ser abismo, tem que ser filósofo para sentir assim”. Nesta seção procuramos delinear os contornos

⁶ Será tratada na Metodologia, seção 1.4.

da pesquisa e, para isso, foram necessários estudos, muitos questionamentos, aprofundamento teórico nos escritos de Michel Foucault. Um tempo para ser amadurecido, provocado, pensado, um tempo de costuras, de angústias, de dúvidas. Muitas dúvidas e questionamentos compartilhados no Grupo de Estudos em Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia (GEECAF) e que o torna fundamental nesta dissertação.

A partir dos estudos no GEECAF nos provocamos a pensar nas possíveis investigações para esta pesquisa que envolve temas importantes na vida da pesquisadora: Educação Ambiental, pampa, natureza e como nos capturam como mulher para o cuidado e proteção ambiental. Com isso, pensamos ser potente **problematizar como mulheres ambientalistas do pampa gaúcho narram a sua relação com a natureza e com a Educação Ambiental**, estando aí o objetivo geral desta pesquisa.

Como metodologia, realizamos uma investigação narrativa através de conversas individuais e coletivas com três mulheres do pampa gaúcho que se articulam com as temáticas do campo da Educação Ambiental⁷.

Esta dissertação toma a potência de pensamento de Michel Foucault. Negar as essências, refutar o pensamento totalizante, abandonar as metanarrativas iluministas⁸ fazem parte dessa perspectiva e desse olhar, edificando o pensamento a partir do mundo ou daquilo que entendemos como sendo o mundo (VEIGA-NETO, 1995). Através desses deslocamentos, parece-nos importante pensar, nesta pesquisa, que Educação Ambiental é possível em tempos de sérios problemas ambientais? Repensar este campo de saber, assim como o da Educação, reorientando nossas práticas diárias como pesquisadoras educadoras-ambientais, professoras e professores, talvez seja um exercício necessário em nossos dias.

Numa perspectiva foucaultiana, não há como entender a ciência como um caminho a ser percorrido para superar aqueles conhecimentos, mas partimos da constatação de que a Ciência é um tipo moderno de discurso - científico, formal, unitário - organizado no interior da nossa sociedade, onde o mundo moderno e a Ciência se constituíram juntos. Ao relacionar saber-poder, Foucault, centra-se em analisar os efeitos do poder e como ele atua na

⁷ O campo metodológico da pesquisa será apresentado na seção 1.4.

⁸ As metanarrativas são grandes verdades da modernidade, como por exemplo a emancipação progressiva da razão.

constituição de saberes. Com isso, devemos entender o poder como uma rede produtiva, que permeia, que forma saberes, que produz discurso. O poder atua no corpo, entendido como micropoder, um poder molecular, que se manifesta nas muitas práticas, se articulam, se combinam, nos atravessam e nos moldam (FOUCAULT, 2011).

Por isso, assumimos uma responsabilidade política e ética ao fazer pesquisa, demarcamos posições, fazemos escolhas, nos vimos tramadas em meio à investigação questionando a neutralidade da ciência moderna. Assumimos nosso interesse nesta pesquisa, olhando para a trajetória de vida da pesquisadora, para as relações que se estabelecem entre as mulheres do pampa gaúcho, a natureza e a Educação Ambiental. Partimos das experiências vividas, como mostramos nas seções anteriores, uma trama que tece a pesquisa e a pesquisadora.

Ao olhar para os Fundamentos Filosóficos da Educação Ambiental, buscamos problematizar as relações que se estabelecem entre mulheres e pampa gaúcho. Maneiras de se relacionar com a natureza que são atravessadas pelas condições culturais, sociais, políticas, ambientais. Através do problema dessa investigação, desenvolvemos algumas questões que perpassam a pesquisa “Como se constituem as relações com a natureza de mulheres ambientalistas no pampa gaúcho?”, “Como se constroem narrativas de Educação Ambiental/Educações Ambientais a partir dos trabalhos desenvolvidos por três mulheres no pampa gaúcho?”, “Que Educações Ambientais possíveis há nos espaços do pampa gaúcho?”

Com isso queremos entender este campo de saber, educações ambientais que são construídas a partir dos trabalhos de três mulheres no pampa gaúcho. Quando falamos em “natureza” e “pampa” são conceitos que não abarcam o mundo, são verdades antropomórficas como nos fala Nietzsche “ela é antropomórfica de fio a pavio e não contém um único ponto sequer que fosse ‘verdadeiro em si’, efetivo e universalmente válido, deixando de lado o homem” (2007, p.40, grifo do autor). Problematizar a construção das relações entre as mulheres e a natureza no pampa gaúcho, questionar como as preocupações ambientais atravessam estas relações atualmente, como o modo ecológico vai construindo um modo de ser e de viver o mundo moderno, pensar no que é

tomado como legítimo e verdadeiro nessas relações, é o que torna potente esta pesquisa.

Por fim, acreditamos que esta pesquisa se apresenta, não como mais uma consolidação de verdades, mas a possibilidade de uma experiência, de pensar nas relações que se estabelecem entre nós e a natureza e o pampa gaúcho, de pensar como nos constituímos mulheres, pampa e natureza, de ver outras educações ambientais... provocativas, periféricas, singulares, menores. Para isso investimos em colocar em funcionamento uma ecologia menor (GODOY, 2008) como um possível caminho metodológico desta pesquisa.

1.4. Ecologia menor: movimentos teóricos metodológicos

Pôr em movimento *uma* menor das ecologias é montar uma máquina de máquinas de escritura, de pintura, de sons (GODOY, 2008, p. 27) [grifo da autora].

Nesta seção em que buscamos apresentar ao(à) leitor(a) a metodologia utilizada na pesquisa, tomamos algumas decisões e escolhas. Uma delas é pôr em movimento a menor das ecologias, tal qual uma máquina de máquinas de escritura, pintura e sons ao olhar para as coisas ínfimas que compõe o cotidiano de mulheres ambientalistas no pampa gaúcho, ao buscar problematizar como essas mulheres narram sua relação com a natureza e a Educação Ambiental. A partir disso, pretendemos, baseada em uma afirmação no pensamento e na vida, colocar em funcionamento uma ecologia menor.

Conforme nos fala Ana Godoy, em seu livro “A menor das ecologias” (2008), é preciso ir mais longe, propondo-nos uma viagem, uma experimentação, afastando-se de uma referência, da ecologia maior: “pretende-se manter uma relação tensa e intensa entre continente e arquipélago, a ecologia maior e a menor das ecologias, a vida que a ecologia produz e as ecologias que a vida, em seu movimento, inventa” (p. 22). A ecologia maior é entendida como um conhecimento sobre a vida, que a limita, que a conserva. Já a menor das ecologias procura a expansão da vida, a criação, aponta em direção à bruma, que somente com um pensamento intempestivo e ativo é capaz de liberar devires, inventando outras maquinações.

Ao olhar para os interstícios da educação ambiental que é tecida no cotidiano do pampa, fomos atrás dessas menores ecologias, sem a pretensão de

separar a menor da maior ecologia, de residir no campo das soluções. O intuito foi contrariar o presente, contestar, inventar desvios nas quais outras e novas conexões acontecem. Olhar para o trabalho realizado por mulheres ambientalistas, pampeanas e infames (FOUCAULT, 2003), nesses interstícios das coisas menores. Poderia considerar isso uma menor ecologia? Se olharmos com desconfiança e provocando nossas mais sólidas verdades, pensamos que sim. Nos esforçamos para mirar lá, onde poucos pesquisadores lançam seu olhar...

A partir de um diálogo intempestivo entre o pensamento minoritário de Foucault-Nietzsche-Deleuze-Guattari e a educação ambiental, Ana Godoy (2010) nos provoca ao afirmar seu caráter criador, experimental, problematizando a própria moldura.

O ato de criação implica, portanto, que a criação no pensamento ressoe com os processos de criação em nós. Que a abertura no pensamento para as forças no mundo ressoe com a abertura de nossos territórios existenciais. Que a diferença na sensibilidade se encontre com a diferença no pensamento e que a estranheza que experimentamos em nós mesmos como incômodo ou perturbação nos force a pensar, a sentir e a perceber de outro modo; nos force a criar outros modos de existência, novas possibilidades de vida que expressem esse encontro com as forças no mundo escapando ao modelo teórico, político, existencial e institucional em que circulamos. Aí o pensamento está a serviço da vida em sua potência criadora. Aí já não é mais o pensamento que avalia a vida, mas é a vida que avalia o que pensamos, fazemos e dizemos segundo os modos de existência neles envolvidos (GODOY, 2010, p. 211).

O desejo é realizar um exercício filosófico de potencializar o pensamento sobre a vida, a vida no pampa, a vida ambientalista, de pensar quem somos, em que mundo habitamos, que mundos habitam em nós. Pensamos ser importantes, prender o olhar nas coisas infames, menores, sem a pretensão de ser menos, mas sim menor. Na trama das narrativas das mulheres ambientalistas do pampa gaúcho, nos dispomos a estar atentas às singularidades vividas, às experiências de vida que criam, que expandem modos de ser e estar pampeanos, e que experienciam educações ambientais no cotidiano.

Para isso, se faz necessário olhar para a caixa de ferramentas e escolher as ferramentas mais adequadas para trabalhar. Não há um método dado, fechado, mas uma possibilidade de escolhas como falamos anteriormente. Na oficina de Foucault, Veiga-Neto (2006) nos provoca a colocar em marcha uma

prática filosófica a marteladas (metáfora nietzschiana), pensar como se usássemos martelos, chaves de fenda, alicates.

E conforme fomos dando marteladas no nosso pensamento, retorcendo-o naquilo que nos dizem ser a verdade, naquilo que pensamos ser as nossas certezas, iremos colocando tudo sob suspeita: desde as nossas maneiras de pensar, nossas verdades e certezas até mesmo o martelo com que martelamos a nós mesmos ou a chave de fenda com que torcemos nossas ideias. Afinal um pensamento a marteladas raramente rompe até mesmo com o martelo, assim como o arrochar do parafuso pode quebrar a chave de fenda que usamos. E rompendo ou quebrando a si mesmo, esse pensamento expõe – seja descobrindo, seja inventando – o que está para lá do que até então pensável e do até então dizível (VEIGA-NETO, 2006, p. 84).

Pretendemos utilizar as ferramentas foucaultianas como armas que servem para a destruição, definir as táticas e aplicar o método como uma estratégia, como nos fala Foucault (2006). Para esta pesquisa buscamos utilizar alguns conceitos de Foucault, na medida certa, examinar “seus conceitos e os encaminhamentos que ele deu às suas investigações, para segui-los naquilo em que podem ser úteis e importantes para nossas próprias investigações” (VEIGA-NETO e RECH, 2014, p. 72).

Através da Filosofia da Prática, uma filosofia deste mundo, como um exercício de exercitar o próprio pensamento, de desconstruir, de desconfiar das metanarrativas, de problematizar, muito diferente de fazer pesquisa objetivando buscar uma verdade, ao contrário, exercitar a suspeita. Como nos fala Veiga-Neto (2006, p.87) “Foucault não está aí para nos dizer as verdades sobre as coisas, mas sim para nos ajudar a compreender de que maneiras, por quais caminhos, tudo aquilo que se considera *verdade* tornou-se um dia verdadeiro”.

Problematizar como mulheres ambientalistas do pampa gaúcho narram suas relações com a natureza e a educação ambiental é o objetivo nesta dissertação. Dessa forma, a vida de luta ambientalista dessas mulheres e suas relações cotidianas com a natureza e com o pampa foi o mote principal para que viessem à tona assuntos como pampa, natureza, Educação Ambiental. São mulheres que se entendem como educadoras ambientais, que compreendem que educam ambientalmente, ao nos contarem suas histórias de vida, suas experiências vinculadas à Educação Ambiental, suas relações com a natureza e com o pampa, num processo de construção tanto de sentidos de si, de suas experiências vividas, dos outros e do contexto histórico e cultural em que estão

inseridas. Com base no que foi dito até o momento, delimitamos como *corpus* empírico da pesquisa as narrativas de três mulheres ambientalistas.

Diante dessa proposta, realizamos uma investigação narrativa. Um método de investigação qualitativo utilizado em pesquisas na área educacional, em que há uma interação entre o(a) pesquisador(a) com o sujeito pesquisado e o contexto social e cultural. As experiências de vidas narradas são objetos de análise desse método que investiga como os seres humanos experienciam o mundo.

Nesse sentido, entendemos a narrativa como uma prática social que constitui os sujeitos, ou seja, é no processo de narrar e ouvir histórias que os sujeitos vão construindo tanto os sentidos de si, de suas experiências, dos outros e do contexto em que estão inseridos. Esse processo de contar histórias vividas faz com que a pesquisa apresente outro olhar, ou seja, esse processo se apresenta como algo complexo porque quando recontamos histórias, não apenas recontamos fatos que aconteceram em outros momentos de nossas vidas, mas recontamos essas histórias tal como elas se refletem em nossas experiências presentes. Dessa forma, tanto as histórias como os sentidos que damos a elas, conforme vão sendo recontadas ao longo dos tempos, vão construindo, nos sujeitos, diferentes formas de ver e compreender suas próprias histórias (RIBEIRO e ÁVILA, 2013, p. 72).

A investigação narrativa é utilizada cada vez mais nos estudos sobre experiência educativa. De acordo com Connelly e Clandinin (1995), a razão principal para o seu uso é que os seres humanos são organismos contadores de história e que vivem vidas relatas. Essa metodologia está focalizada sobre a experiência humana, “la narrativa es una forma de caracterizar los fenómenos de la experiencia humana” (CONNELLY e CLANDININ, 1995, p. 12). Para esses pesquisadores, é correto falar investigação narrativa, porque esse gênero é tanto o fenômeno que se investiga quanto o método de investigação e, ainda, salientam que podemos chamar de “relato” ou “história”, o fenômeno; e de narrativa, a investigação. A partir de meados do século XIX se torna presente estudos que relacionam a investigação narrativa à educação, principalmente na área de ciências sociais, através de História de Vida, Biografia, Estudo de Caso, por exemplo, que abrangem diversos temas.

El valor central de la investigación narrativa deriva de la cualidad de sus “temas”. La narrativa y la vida van juntas y, por tanto, el atractivo principal de la narrativa como método es su capacidad de reproducir las experiencias de la vida, tanto personales como sociales, em formas relevantes y llenas de sentido (CONNELLY e CLANDININ, 1995, p. 43).

Os caminhos metodológicos, através da investigação narrativa, mostram-se potentes ao que se pretende nesta pesquisa, olhar para as narrativas de mulheres ambientalistas e suas relações com a natureza e o pampa gaúcho. Como foi dito acima, narrativa e vida vão juntas e aqui vemos a importância dessa metodologia para esta dissertação.

Os fatos vividos e relatados pelos sujeitos de pesquisa reconstróem a trajetória vivida, ressignificando-a, o que provoca mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros. Um dos propósitos da investigação narrativa é tornar a pessoa visível para si próprio, ao contar suas experiências, crenças e expectativas e, ao mesmo tempo, vão anunciando novas possibilidades, intenções e projetos. É uma articulação entre experiência e narrativa que tornam parte da vida do sujeito. Mas é importante lembrar que é um processo cultural, em uma mútua captura de quem narra e de quem ouve. As histórias narradas são dirigidas pelas questões investigatórias, ocorrendo a interferência de quem ouve, especialmente na reinterpretação de significados (CUNHA, 1997).

Como nos fala Cunha (1997), as vivências da pesquisadora se imbrica com a dos sujeitos de pesquisa. Na investigação narrativa valorizamos tanto o saber cotidiano, quanto ao saber científico sem hierarquizar os saberes, damos voz às singularidades das experiências vividas, aos modos de ser e de viver no pampa gaúcho, aos modos de ser natureza, ser mulher e ser pampa. A partir da investigação narrativa, buscamos problematizar as relações e as preocupações ambientais que se estabelecem entre as mulheres, a natureza e o pampa.

Para Larrosa (2002), a narrativa é uma prática discursiva, na qual o sujeito se constitui para si mesmo, permeado de relações de poder, que fazem com que os seres humanos contem a si mesmos sobre determinadas formas, em determinados contextos e para determinadas finalidades. Por isso “as práticas discursivas nas quais se produzem e se medeiam as histórias pessoais não são autônomas” (2002, p. 71). No interior de determinadas práticas sociais as histórias são mediadas e produzidas a partir do que contamos e das histórias que ouvimos, dando sentido ao que somos e a quem são os outros. Desse modo construímos e expressamos nossa subjetividade a partir de estruturas narrativas, como nos fala o autor:

Cada pessoa se encontra já imersa em estruturas narrativas que lhe preexistem e em função das quais constrói e organiza de um modo particular sua experiência, impõe-lhe um significado. Por isso, a narrativa não é o lugar de irrupção da subjetividade, da experiência de si, mas a modalidade discursiva que estabelece tanto a posição do sujeito que fala (o narrador) quanto as regras de sua própria inserção no interior de uma trama (o personagem) (LARROSA, 2002, p. 70).

Importante ressaltar que, com essa metodologia, optou-se pelo modo de fazer pesquisa em que temos a possibilidade de ouvir as histórias dos sujeitos a partir de suas vozes, experiências e trajetórias vinculadas ao campo de saber da Educação Ambiental. Há relações que se estabelecem entre a pesquisadora e as envolvidas, em que a própria pesquisadora se torna parte da (re)construção da narrativa que é compartilhada, integrando-se ao processo.

Há muitas estratégias na investigação narrativa para a produção de dados que construirão o corpo de análise, podendo ser notas de diários, cartas, histórias de vida, escritas autobiográficas, conto de histórias, fotografias (CONNELLY e CLANDININ, 1995). Para a pesquisa utilizamos as conversas como estratégias para obter dados narrativos. No primeiro momento realizamos uma conversa semiestruturada individual e no segundo momento, uma *Charla do Pampa*⁹, entre a pesquisadora e as três mulheres ambientalistas. A *Charla do Pampa*, por nós denominada, é o segundo momento no qual houve uma conversa em grupo tendo como espaço-tempo o pampa, com o propósito de falar sobre as relações que se estabelecem entre mulheres ambientalistas e o pampa, a natureza e sobre educações ambientais.

As conversas no âmbito da pesquisa narrativa permitem uma partilha de experiências, sendo o discurso narrativo uma construção coletiva, o que pressupõe um exercício de fala e de escuta, em que cada participante, na interação com o grupo, pode discordar, complementar ou concordar com a fala anterior.

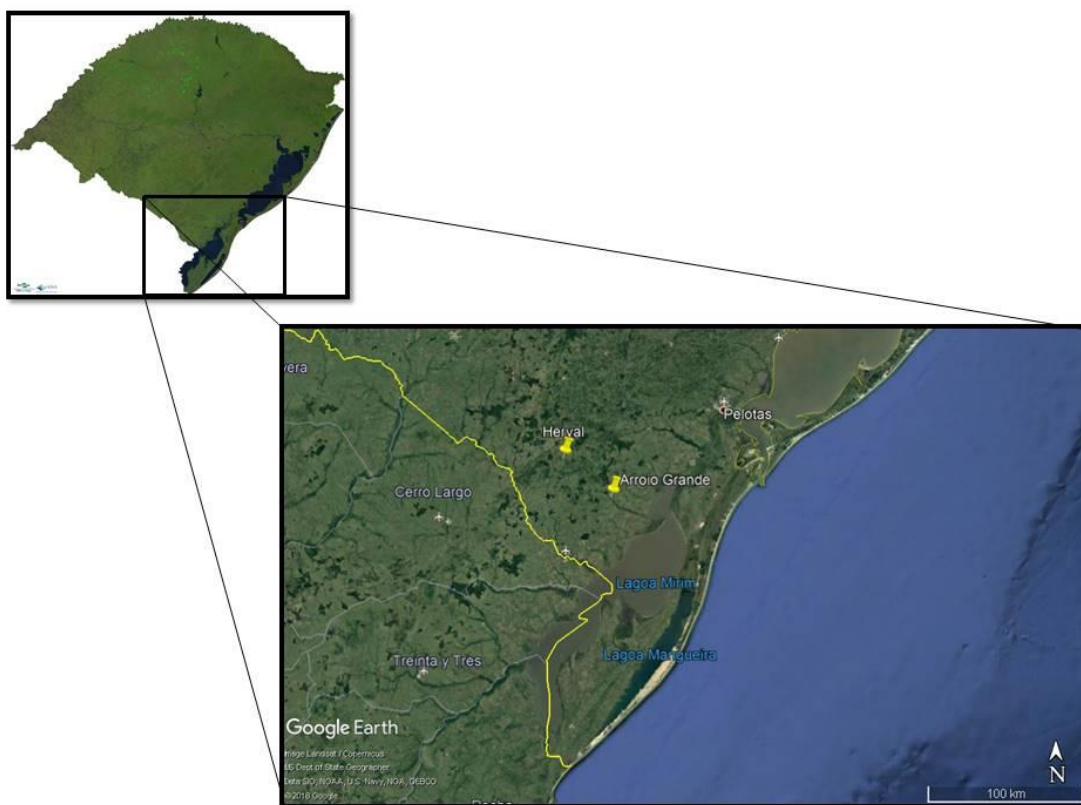
Ousamos pesquisar e conversar, definindo isso como um instrumento para produção de dados na investigação narrativa. As conversas com as mulheres, sejam em uma *charla* em grupo ou somente com a pesquisadora, partem de um hábito comum de tomar mate e conversar, um costume próprio do pampa e que foi se estendendo para outras regiões. É na roda de mate, de

⁹ *Charla* pode ser entendida como conversação, diálogo e faz parte de um linguajar campeiro da cultura pampeana gaúcha, tanto da Argentina, do Uruguai e do Rio Grande do Sul (SCHLEE, 2011).

chimarrão com a família, com os amigos que compartilhamos pensamentos, contamos experiências vividas, relembramos acontecimentos e, também, escutamos.

Nessa perspectiva, os dados narrativos foram obtidos através de conversas com mulheres ambientalistas do pampa gaúcho. As participantes que colaboraram a construir esta pesquisa são três mulheres que se compreendem como educadoras ambientais, que educam ambientalmente na escola ou fora dela, vivem entre o espaço urbano e rural do pampa gaúcho, nos municípios de Arroio Grande, de Herval e de Pelotas. Abaixo a localização dos municípios no mapa do Rio Grande do Sul (Brasil).

Figura 3. Localização dos municípios de Arroio Grande, Herval e Pelotas.



Fonte: Google Earth, 2018.

Elas atuam como ambientalistas em organizações não governamentais de âmbito internacional e regional nominadas como Núcleo Amigos da Terra Brasil, ONG Pachamama e Grupo Ecológico Amantes da Natureza.

A ONG Núcleo Amigos da Terra Brasil tem sede localizada em Porto Alegre (RS) e atua há mais de 40 anos na defesa do meio ambiente, através de programas, campanhas e projetos, em busca de um mundo pacífico e sustentável, baseado em sociedades que vivem em harmonia com a natureza através de ações de resistência, mobilização e transformação (AMIGOS DA TERRA BRASIL, 2018).

A ONG Associação Pachamama foi criada em 2006 e possui sua sede em Pelotas (RS), possuindo ativistas e projetos também em outras cidades do Brasil e em outros países como Argentina, Peru, África e Austrália. Os projetos desenvolvidos visam preocupar-se com a solidariedade à vida, enxergando a Terra como um organismo vivo, sem fronteiras ou divisões, e com uma grande base em comum: a semeadura da consciência da Vida, da consciência Pachamama (ONG PACHAMAMA, 2018).

A ONG Grupo Ecológico Amantes da Natureza foi fundada em 1998 e possui sede em Arroio Grande (RS). Ela atua através de projetos ambientais no âmbito local e regional, visando à conscientização ecológica como forma de melhorar a qualidade de vida. Os projetos são desenvolvidos no âmbito formal e não formal, entre eles: “Amigos do Arroio Grande”, “Florestas Pampeanas”, “Olhares Ambientais”. Essa organização é membro do Conselho Municipal do Meio Ambiente de Arroio Grande e do Conselho Consultivo da Reserva Biológica do Mato Grande (GEAN, 2018).

No processo de investigação narrativa é importante ressaltar a questão ética, de forma que, respeitando as características metodológicas e a pesquisa em educação, elaboramos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo) para que as envolvidas autorizassem as entrevistas e o seu uso nesta pesquisa.

Neste momento, para chegar à etapa da produção dos dados, foram realizados alguns procedimentos: primeiramente foi realizado um levantamento de mulheres que atuavam como educadoras ambientais ou vinculadas ao tema desta pesquisa Pampa e Educação Ambiental. Realizado o levantamento, estabelecemos alguns contatos prévios para explicar a pesquisa. Após o aceite, foi marcada uma primeira conversa individual, na data e local onde a entrevistada gostaria e, nesse momento, também foi assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As conversas foram realizadas utilizando

gravador de voz, sendo após transcritas e enviadas por e-mail para que a entrevistada pudesse modificar e/ou acrescentar o que entendia como necessário à sua narrativa.

Em um primeiro momento conversamos individualmente, em torno de uma hora, com as três mulheres. Destacamos que, para o primeiro contato e conversa, as questões semiestruturadas foram “o que tu entendes por Educação Ambiental?”, “Tu entendes que fazes Educação Ambiental?”, “Ao pensar no pampa gaúcho, tu entendes que há ou não uma diferença entre a relação homem/natureza e mulher/natureza?”. Essas primeiras questões foram importantes para pensarmos na pesquisa e nos caminhos que percorremos para responder ao problema de investigação desse trabalho como mulheres ambientalistas narram sua relação com a natureza e a Educação Ambiental.

No sentido de preservar a identidade das participantes, elas elegeram seus codinomes: **Lala, Aradia e Dona Corunilha**. Em seguida apresentamos uma breve narrativa sobre o que aprendemos de cada uma delas a partir de suas narrativas:

Lala é encantada com a temática ambiental desde quando começou a trabalhar como professora de geografia em uma escola rural. A partir disso foi desenvolvendo alguns projetos ambientais nas escolas onde lecionava e em outras instituições em que trabalhou. Mobilizada pelos eventos internacionais como a Eco-92 e pela mídia, aproximou-se da Educação Ambiental e, há 20 anos, fundou uma Organização não governamental, atuando como coordenadora e educadora ambiental.

Aradia entende que sua relação com a educação ambiental se deu a partir do Curso de Especialização em Direito Ambiental em 2001, e como integrante do movimento ecoespíritual desde 2003. Dentro deste movimento, Aradia participou da criação da Organização não governamental em 2006, sendo presidente durante uma gestão de dois anos. Atua nas escolas e fora delas, com projetos desenvolvidos pela ONG com o intuito de sensibilizar e despertar um olhar para uma consciência ambiental.

Dona Corunilha entende-se com um ser pampeano e como educadora ambiental, é produtora rural onde desenvolve projetos junto às escolas rurais e aos moradores do pampa. Atualmente atua no conselho gestor de uma

Organização não governamental, representando a entidade em eventos nacionais e internacionais.

As experiências de vida dessas mulheres e suas relações com a natureza e a Educação Ambiental foi o foco de um segundo momento, em uma Charla do Pampa, uma roda de mate, entre as três participantes e a pesquisadora com o intuito de investigar pistas deixadas nas primeiras entrevistas, como o conceito de natureza presente nas relações mulheres/natureza e homens/natureza, a Educação Ambiental como um discurso de verdade e educações ambientais possíveis nos contextos contemporâneos no pampa. Neste momento foi possível tensionar com elas artefatos culturais potentes que pudessem disparar o pensamento, tanto delas quanto nosso, de outras educações ambientais possíveis. Os artefatos culturais foram escolhidos a partir de pesquisas desenvolvidas no GEECAF: as fotografias encontradas na tese de Renata Schlee (2018), as músicas pampeanas pesquisadas por Virgínia Vieira (2017), assim como também trechos literários que trouxemos ao longo desta dissertação. No capítulo 3, descrevemos detalhadamente os artefatos e os momentos da Charla do Pampa, onde articulamos com a arte e a filosofia.

Após a produção de dados para esta pesquisa, foi realizada a transcrição das narrativas para posterior análise. Esta etapa, como nos fala Gibbs (2009), requer uma leitura cuidadosa do que foi registrado na gravação, demandando esforço e muito tempo, principalmente porque a transcrição é uma mudança de meio e isso introduz questões de precisão, de fidelidade e de interpretação, uma vez que ela só capta os aspectos falados da conversa e não reflete o ambiente, o contexto, a linguagem corporal. Por isso o cuidado ao ler e conferir a transcrição produzida, permitindo familiarização com os dados.

Portanto, focamos a análise das narrativas das mulheres ambientalistas do pampa gaúcho na problematização das relações mulheres e natureza, mulheres e educação ambiental. Assim, suspendemos a pretensão de desvendar algo oculto nas conversas, mas sim de olhar para o que essas mulheres expressam nas suas narrativas.

Trabalhar com a investigação narrativa é um desafio. No entanto, pensamos na potência de criação possível, mirando ecologias menores que se fabricam nos interstícios da história pampeana. Que educações ambientais são essas, menores, fragmentadas, pouco visibilizadas? São com esses

estranhamentos e provocações que nos munimos para voltar a campo e travar conversas, narrativas e mates junto a essas três mulheres.

Encerramos este primeiro capítulo, no qual delineamos a pesquisa, o tema, os caminhos teóricos e metodológicos e o objeto da pesquisa. No próximo capítulo apresentamos ao(à) leitor(a) um aprofundamento teórico em que pesquisamos as relações que entrelaçam Mulheres, Pampa, Natureza e Educação Ambiental.

Na continuidade, convido o(a) leitor(a) para nos acompanhar no próximo capítulo em que pinçamos e marcamos atravessamentos históricos, culturais, sociais que constituem as relações mulheres e natureza no pampa gaúcho.

CAPÍTULO II

MULHERES DO PAMPA GAÚCHO E SUA RELAÇÃO COM A NATUREZA E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Em algum remoto recanto do universo, que se deságua fulgurantemente em inumeráveis sistemas solares, havia uma vez um astro, no qual animais astuciosos inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais audacioso e hipócrita da “história universal”: mas, no fim das contas, foi apenas um minuto (NIETZSCHE, 2007, p. 25).

O historiador não deve temer as mesquinhas, pois foi de mesquinhas em mesquinhas, de pequena em pequena coisa, que finalmente as grandes coisas se formaram. À solenidade de origem, é necessário opor, em bom método histórico, a pequenez meticulosa e incofessável dessas fabricações, dessas invenções (FOUCAULT, 2002, p. 16).

Este segundo capítulo passa a ser escrito com um aprofundamento teórico necessário e pontente para pensarmos como a relação entre mulheres e pampa é atravessada por uma história, cultura e “tradição” gaúcha, na construção das relações com a natureza, indicando-nos pistas para uma Educação Ambiental.

Uma relação entre mulheres e natureza que foi sendo produzida, fabricada de “pequena em pequena coisa” nos meandros da história, da cultura. Como nos fala Foucault (2002, p. 15) a invenção para Nietzsche “é, por um lado, uma ruptura, por outro, algo que possui um pequeno começo, baixo, mesquinho, inconfessável”.

Para isso dividimos este capítulo em três seções: a primeira delas aborda as **Mulheres pampeanas na trama histórica, cultural e da tradição gaúcha** discutindo a respeito da posição de centralidade que o gaúcho ocupa na trama histórica e na cultura gaúcha, mas também as mulheres - como coadjuvantes - e seus elos com o pampa; na segunda seção enfocamos as **Mulheres e sua relação com a natureza do pampa gaúcho** em que buscaremos dar visibilidade para esses elementos ao olhar para a literatura e a terceira seção trata a **Relação mulheres e natureza nos interstícios da Educação Ambiental** em que buscamos pensar e problematizar o vínculo entre mulheres e natureza que vem sendo amarrada a partir de diferentes conferências internacionais e atrelada a este campo de saber.

No entanto, como nos fala Veiga-Neto (2009, p. 88) “não há um solo-base externo por onde caminhar, senão que, mais do que o caminho, é o próprio solo sobre o qual repousa esse caminho é que é construído durante o ato de caminhar”. Assim vamos construindo o próprio solo no ato desta caminhada, pensando e repensando a cada passo, nos provocando e questionando o que é tomado como natural e essencial nas relações com a natureza e com o pampa gaúcho.

A filosofia nos faz pensar em como nos constituímos como sujeitos pampeanos ao longo das nossas vidas, por meio de práticas sociais e culturais num processo que não é linear, harmônico, finalizado ou completo. Nessa perspectiva, tendo como intercessor desta pesquisa o filósofo Michel Foucault, para pensarmos e problematizarmos o campo de saber da Educação Ambiental, buscamos alguns autores e autoras que se dedicam a tensionar algumas

verdades estabelecidas nessa seara educacional. Assim pesquisadores como Isabel Carvalho (2012), Leandro Guimarães (2008), Marcos Reigota (2014), Paula Henning (2012) nos auxiliam a desnaturalizar olhares e saberes sobre as relações sociedade e natureza que muitas vezes são tomados como naturais e verdadeiros. Além desses estudiosos/as, algumas autoras como Mary Castro e Miriam Abromovay (2005), Sandra Garcia (1992) e Braidotti et al (1994) nos ajudam na compreensão das relações entre mulheres/natureza.

Para pensar sobre as mulheres ambientalistas do pampa gaúcho e sua relação com a natureza e a Educação Ambiental, é importante pensar na construção histórica, social e cultural em que posiciona sujeitos femininos e masculinos, tendo a história do Pampa gaúcho, a cultura e a tradição gaúcha como importantes elementos para essa construção.

Nesta pesquisa nos propomos a utilizar o conceito de Gênero como uma ferramenta teórica e política para problematizar os processos que instituem modos de ser mulheres pampeanas e que sustentam desigualdades e diferenças sociais, culturais e discursivamente construídas. Tais diferenças, atravessadas por relações de poder, são produzidas, vividas e legitimadas (MEYER, 2004), assim como nas relações com a natureza e com o pampa gaúcho na seara da Educação Ambiental.

Para alcançar o objetivo proposto neste capítulo vamos percorrer alguns acontecimentos discursivos que entrelaçam Mulheres, Educação Ambiental, Pampa gaúcho e Natureza. Entendemos que os acontecimentos discursivos são eventos importantes, traçados históricos que são tomados como discursos, como algo que irrompe num certo tempo e lugar. Sobre isso Foucault explica que:

Se os discursos devem ser tratados, antes, como conjuntos de acontecimentos discursivos, que estatuto convém dar a esta noção de acontecimento que foi tão raramente levada em consideração pelos filósofos? Certamente o acontecimento não é nem substância nem acidente, nem qualidade, nem processo; o acontecimento não é da ordem dos corpos. Entretanto, ele não é imaterial, é sempre no âmbito da materialidade que ele se efetiva, que é efeito, ele possui seu lugar e consiste na relação, coexistência, dispersão, recorte, acumulação, seleção de elementos materiais; não é o ato nem a propriedade de um corpo; produz-se como efeito de e em uma dispersão material (FOUCAULT, 2014, p. 54).

O modo de constituir-se como mulheres, como pampa e como natureza é atravessado pelos discursos, enunciações e acontecimentos que modelam, controlam e regulam e são regulados por nós, sujeitos desse tempo. Partindo

dessa premissa, buscamos a Educação Ambiental, como campo de saber importante e potente para a análise do mundo contemporâneo em seu processo de construção. Através de uma perspectiva pós-estruturalista, problematizamos verdades e certezas que atravessam a constituição das mulheres do pampa e sua relação com a natureza e a Educação Ambiental.

2.1. Mulheres pampeanas na trama histórica, cultural e da tradição gaúcha

Nesta seção, em um exercício filosófico, buscamos pensar e problematizar como as mulheres do pampa gaúcho são constantemente posicionadas na trama da história, e cultural da tradição gaúcha em que posiciona o gaúcho – homem, viril, macho e forte – na centralidade do discurso. Importante pensar a respeito deste discurso que é constantemente atualizado. Para isso, nosso desejo é, de algum modo, problematizar o quanto os discursos fabricados na cultura e na tradição gaúcha nos subjetivam, nos educam e, muitas vezes, determinam nossos modos de ser e de viver nossa atualidade. Sem dúvida, estas fronteiras entre o eu, o outro e o mundo, permeadas pelas relações históricas e culturais nas vivências cotidianas, tornam-se potentes para os fundamentos filosóficos da Educação Ambiental, já que nos auxiliam a pensar nas relações das mulheres com o pampa gaúcho na atualidade.

Entendemos que as marcas culturais e históricas do Rio Grande do Sul vêm tradicionalmente constituindo uma posição de destaque do gaúcho, portanto isso possa ser uma das condições de possibilidades para que as mulheres ocupem um espaço menos privilegiado nas relações humanas com o pampa gaúcho. Logo, selecionamos alguns acontecimentos discursivos e importantes para tencionar as posições ocupadas por gaúchos e gaúchas na história do Rio Grande do Sul.

Para mirar a história, deslocamos algumas premissas mais clássicas. Uma delas refere-se a entendê-la como uma construção marcada por relações de poder. Para pensar e problematizar a história do pampa, aceitamos o convite de Foucault em romper com a história linear, progressiva, unitária, totalizante, e mais, a desconstruir a história, perceber a que representação histórica estamos presos e a interrogar os modos de subjetivação, isto é, na constituição de nós

mesmos, sujeitos deste tempo. Como nos fala Rago (1993, p. 28) “[...] para Foucault somos produzidos por relações de poder, somos efeito mais do que produtores”.

Importantes contribuições para esta pesquisa são as teses desenvolvidas no Grupo de Pesquisa e Estudos em Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia (GEECAF/FURG) sob orientação da Prof.^a Paula Henning, a tese de Virgínia Vieira (2017) que ao pesquisar a música pampeana, buscaram provocar novas discussões no campo da Educação Ambiental, entendendo essa arte como uma importante ferramenta para pensarmos como vem se dando a constituição de saberes referentes à natureza e à relação do homem com a paisagem natural na região do pampa; assim como, o trabalho de pesquisa realizado por Renata Schlee (2018) que ao pesquisar a fotografia traz provocações importantes sobre o gaúcho como produção cultural, com o objetivo de problematizar as certezas e a essência gaúcha e sua relação com a natureza.

Esses estudos realizados na seara da Educação Ambiental assim como outros, nos provocam a olhar para os atravessamentos das mulheres frente a uma relação com o pampa, uma relação tanto urbana quanto rural, em que tradicionalmente coloca o homem, o gaúcho em uma relação de desbravamento da natureza, de domínio da natureza (VIEIRA, 2017; SCHLEE, 2018). Aprendemos a ver o mundo a partir da cultura e, com isso, estabelecemos nossas formas de compreensão e de interpretação do mundo que, ao serem colocadas em circulação, passam a ser muitas vezes aceitas em determinadas épocas e por diferentes grupos sociais (WORTMANN, 2010). Nesse sentido, segundo Ribeiro, Souza e Souza (2004) as práticas culturais – pedagógicas – que ensinam tipos de pensamento e de ações em relação a si, aos outros e ao mundo não se limitam as instituições escolar e acadêmica e às práticas aí instituídas, mas se estendem a diferentes práticas – as midiáticas, as sexuais, as escolares, as familiares, etc. – que, ao produzir e compartilhar determinados significados, ensinam, configurando tipos particulares de identidades e de subjetividades. Práticas culturais que nos ensinam modos de nos relacionar com este espaço, com este território pampeano e de diferentes formas.

Alguns suportes para a construção da cultura gaúcha são as peculiaridades do Estado, como seus limites fronteiriços, sua história, sua formação e a simultânea afirmação do pertencimento ao Brasil, que é

constantemente atualizada, reposta e evocada. Há constantemente uma referência a elementos que evocam um passado glorioso, heroico no qual se forjou a figura do gaúcho, e cuja vida era marcada pela lida campeira, compartilhada pelo cavalo e pelo cachorro, como construtores da fronteira e defensores da terra, assim como a virilidade e a bravura ao enfrentar inimigos e a natureza. O caráter feroso do gaúcho seria explicado pela “necessidade de dominar a natureza, garantir fronteiras, rebelar-se contra os desmandos do governo central, além dos conflitos internos do próprio estado” (OLIVEN, 2006, p. 65). São discursos que vão sendo tomados como verdadeiros nesta construção cultural do gaúcho¹⁰, ou até mesmo dos gaúchos e das gaúchas. Verdades que nos capturam, nos enredam e nos constituem.

Vale lembrar que nem sempre a figura do gaúcho teve o atual significado gentílico. Até meados do século XIX eram considerados contrabandistas de gado, desertores das tropas com uma conotação pejorativa, sendo uma figura que foi negada e marginalizada muitas vezes.

Com a organização das estâncias, o gaúcho passou a significar peão e guerreiro. Na atualidade é uma figura central da cultura do Rio Grande do Sul, sendo valorizado e colocado como representante do pampa nas mais diversas práticas culturais (SCHLEE E HENNING, 2016). Nesse imaginário pampeano e na historiografia regional aparece a figura enaltecida do gaúcho, como um corpo marcado pela história:

O homem reflete, em sua personalidade psicológica. Os aspectos fisiográficos da terra. Estrutura temperamental simples, moderada e equilibrada. É vibrante quando ferido em seu orgulho; cessadas as razões de sua inquietação, torna-se generoso e equânime, se vencedor; altivo e firme, se vencido. É audacioso e empreendedor; possui espírito largo, como largos são os horizontes da terra gaúcha. Naturalmente voltado para os labores campeiros, não hesita em tornar-se soldado para repelir os violadores de suas fronteiras (FORTES, 1965, p. 10).

No texto de FORTES (1965) podemos pensar no carácter discursivo e de representação da figura do gaúcho que faz parte da construção deste sujeito como símbolo do Rio Grande do Sul, também é possível encontrar na literatura de Érico Veríssimo, Barbosa Lessa, João Simões Lopes Neto assim como na obra “O Gaúcho” de José de Alencar de 1870, comparando o gaúcho ao pampa:

¹⁰ Apesar de popularmente a expressão gaúcho envolver todos os habitantes do Rio Grande do Sul, tomamos aqui nesta pesquisa a palavra gaúcho como homem.

“nenhum ente, porém, inspira mais energicamente a alma pampa do que o homem, o gaúcho. De cada ser que povoa o deserto, toma ele o melhor; tem a velocidade da ema ou da corça, os brios do corcel e a veemência do touro. (...) Tal é o pampa” (ALENCAR, 2002, p. 16.). Vale lembrar que o escritor José de Alencar nasceu em Fortaleza e nunca visitou o Rio Grande do Sul, apesar disso ele vai idealizar e mitificar o gaúcho como “centauro dos pampas” (OLIVEN, 2006). Em uma mútua construção, as representações desse gaúcho são também narradas nos relatos dos viajantes naturalistas do século XIX que percorreram o pampa, como Saint-Hilaire.

Na historiografia e na literatura gaúcha se investe numa posição heroica do gaúcho e as mulheres são tomadas como coadjuvantes nessa construção histórica, social, cultural e política, assim como no âmbito ambiental. Que posição as mulheres do pampa gaúcho tomam nas vivências cotidianas na sua relação com o pampa e a natureza em uma construção histórica e cultural?

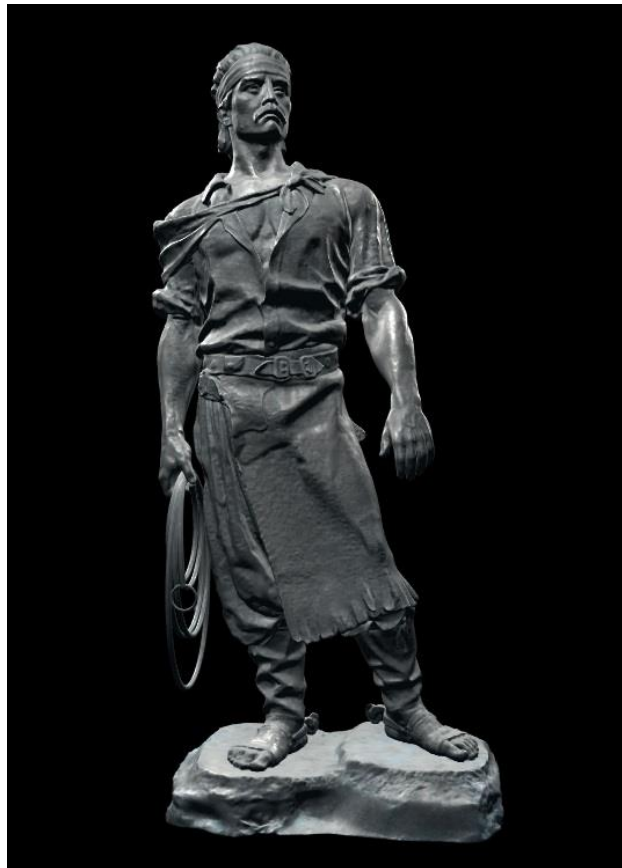
E aqui vemos a importância de trazer a Educação Ambiental ao pensarmos o pampa como um território, mais do que local ou um lugar, mas que possui atravessamentos, pesos e legitimidades distintas. Pensar como o pampa foi sendo preenchido de pessoas, de homens e de mulheres, de histórias e de significados em um tempo e uma circunstância específica (GUIMARÃES, 2010). Fabricando e sendo fabricado nas vivências diárias, no cotidiano, conformado por múltiplos encontros, movimentações e dinamismos. Problematizar a essência de um “verdadeiro gaúcho” ou uma “verdadeira gaúcha”, questionar as posições que são legitimadas nessa construção cultural, são conceitos que são criados na superfície do dito, nos interstícios históricos e culturais. Ao pensar na história do presente, buscam-se as condições de possibilidade para a emergência de saberes atrelados com as relações de poder, nos fala Schlee e Henning (2016, p. 531) “[...] temos o sujeito pampeano, o gaúcho, como um sujeito discursivamente construído, sendo um resultado, um produto cultural”.

É desta forma que tentamos compreender o presente, indo para história. O sujeito gaúcho se constitui e constrói seu ambiente, atravessado pelas condições de possibilidade de seu próprio tempo. Como um ser que se fabrica e é fabricado ao mesmo tempo. É preciso visitar essa expressão cultural em seu passado histórico com o olhar atento do presente. Como o gaúcho tornou-se o que é? (SCHLEE E HENNING, 2016, p. 528).

O gaúcho, homem do campo é o protagonista desta história, que se identifica com a sua dimensão rural, como descreve Pesavento (1993, p. 388) “[...] monarca das coxilhas, centauro dos pampas, ele é algo que mistura o componente selvagem, de exacerbação permanente, com altivez inata de quem habita imensidões sem fim”. Na metáfora de centauro o gaúcho, metade homem valorizado pela honra e metade cavalo enaltecendo sua força e mobilidade – cristaliza-se uma figura masculina, assim como suas virtudes de valentia, honradez e força (PESAVENTO, 1993). Ao pensarmos na história é importante entender que “a história das mulheres é uma história recente”, como nos fala Ana Colling (2004, p. 13), o seu lugar dependeu das representações dos homens, dos historiadores, responsáveis pelas construções culturais e históricas, assumindo valores diferentes para os dois sexos, sendo o masculino sempre como superior ao feminino. Vimos isso, por exemplo, na história do pampa, em que aparece o gaúcho heroico e desbravador da natureza. Esse universalismo “hierarquizou a diferença entre os sexos, transformando-a em desigualdade” (idem, p.13).

Na arte, na música (VIEIRA, 2017), na fotografia (SCHLEE, 2018), o homem aparece como um sujeito heroico, um homem do campo, acostumado na lida com os animais, domador de cavalo, amigo e muitas vezes resistente às forças da natureza. O que nos interessa aqui é problematizar verdades que foram instituindo e posicionando o gaúcho como protagonista dessa história, e as mulheres como coadjuvantes. Por exemplo na arte, temos a escultura-símbolo do Rio Grande do Sul (Lei Estadual 12.992/2008), “A Estátua do Laçador”. Essa é um monumento à figura do gaúcho criada pelo escultor pelotense Antônio Caringi, inaugurada em 20 de setembro de 1958, está localizada na capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, a estátua de bronze possui 4,40m de altura. Para elaborá-la, o artista teve como modelo o tradicionalista João Carlos D'Ávila Paixão Côrtes, cuja imagem reflete um típico homem do pampa com laço, bombacha, botas de garrão e lenço. Ele está mirando longe, para um pampa sem limites. Abaixo podemos ver a escultura, esta imagem em três dimensões foi elaborada pelo Repositório 3D do Laboratório de Design e Seleção de Materiais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Figura 4. Imagem da “Estátua do Laçador”.



Fonte: LdSM 3D, 2011.

Como na escultura acima, há um modelo de gaúcho que é construído quando se fala da cultura e das tradições gaúchas: forte, viril, rude, altivo e acostumado com a lida campeira. É essa posição de superioridade e protagonismo gaúcho/masculino que se gostaria de colocar em exame nesse texto.

Com a exaltação da temática regional gaúcha é fundado a Sociedade Partenon Literário em 1868 em Porto Alegre, uma associação de intelectuais e letrados, cujo objetivo era criar uma literatura do Rio Grande. Alinhados com uma estética romântica, os escritores se voltam ao espaço regional, este fenômeno foi chamado de *regionalismo literário*, comparado e não excludente do fenômeno *regionalismo gaúcho* reconhecido por Joseph Love no plano histórico, entre o período de 1870 a 1920. Nessa época, o País e o Rio Grande do Sul eram regidos pelos ideais de modernização tanto no âmbito social como no industrial, assim como no plano literário, que exigiam campanhas de alfabetizações, por isso fundaram-se bibliotecas, escolas e acionava-se o fazer

literário à criação de sociedades e agremiações (MOREIRA, 1993).

Dessa forma, em um levantamento das obras escritas e publicadas entre 1870 e 1930, é possível ver os intelectuais, principalmente urbanos, como importantes na recriação da cultura gaúcha que ajudam a reinventar o que seria um passado rural, mas principalmente “enfocam um tipo – o gaúcho; um tempo – o da Revolução Farroupilha; e um espaço – o da Campanha” (MOREIRA; 1993, p. 133). Compreendemos que há uma construção discursiva deste sujeito pampeano, assim como da Revolução Farroupilha e também de um espaço, o território pampeano. Como nos fala Aldyr Schlee (2010, p. 92), nesse tempo prevalece a literatura feita sobre o gaúcho e seu mundo, mesmo dentre tantos regionalismos possíveis num Estado como o Rio Grande do Sul, “[...] essa literatura sobre o gaúcho e o seu mundo – que é todo o pampa sem limites – essa literatura se faz no Rio Grande do Sul como uma das mais ricas vertentes do regionalismo”.

Compreendemos que no final do século XIX e no início do século XX, é momento histórico para emergência de um discurso, por que aqui se encontra uma condição de possibilidades para que se posicione a figura masculina do gaúcho na centralidade da cultura e da história do Rio Grande do Sul. Pinçamos da história a fundação da Sociedade Partenon Literário, exemplo de criação de uma literatura regional gaúcha, enfocando um acontecimento discursivo, em meio a tantos outros, que ocorreram em um mesmo período histórico, como a criação da primeira agremiação tradicionalista, o Grêmio Gaúcho de Porto Alegre. (1898), assim como a União Gaúcha de Pelotas fundada, em 1899, pelo escritor João Simões Lopes Neto (OLIVEN, 2006).

Vemos aqui um discurso que é pulverizado em diferentes instâncias como na literatura, na arte, na cultura, na política e até mesmo na música rio-grandense, bem como na poesia. Assim, cita Vieira (2017) o “Cancioneiros da Revolução de 1935”, de Apolinário Porto Alegre (1981) e o “Cancioneiro Guasca” de João Simões Lopes Neto (1910) entre outros, o que tornou possível na metade do século XX, a organização do movimento tradicionalista. Esse discurso é retomado e atualizado em 1948, quando foi criado o primeiro Centro de Tradições Gaúchas, em Porto Alegre, o “35” CTG, cujo nome refere-se à Revolução Farroupilha, 1835-1845, e que vai servir de modelo para centenas de CTGs existentes no Rio Grande do Sul, no Brasil e no mundo.

Segundo Golin (1992) o conservadorismo regionalista e o tradicionalismo insistem na existência de um padrão cultural e revelam sua visão otimista do universo latifundiário como padronização da identidade rio-grandense. Dentro dos Centros de Tradição Gaúcha (CTG) se produzem modos de ser gaúcho e de conduzir a conduta de homens e mulheres, ao exercer uma “vigilância comemorativa” necessária para reinventar e manter o culto aos costumes e tradições gaúchas (DUTRA, 2002). No início o CTG tratava-se de reproduzir o mundo da fazenda de criação de gado, o galpão com fogo de chão e roda de chimarrão, lugar frequentado somente por homens, segundo os tradicionalistas. As mulheres não pertenciam ao grupo, mas foram incorporadas mais tarde ao Tradicionalismo, como coadjuvantes para participarem das festividades. Aqui vemos que a centralidade do gaúcho na cultura, na história e nas tradições gaúchas é constantemente reinventada, reciclada, retomada, fabricada em diferentes épocas e circunstâncias. Foucault (2002) nos convida a pensar numa história externa, exterior da verdade:

Seria interessante tentar ver como se dá, através da história, a constituição de um sujeito que não é dado definitivamente, que não é aquilo a partir do que a verdade se dá na história, mas de um sujeito que se constitui no interior mesmo da história, e que é a cada instante fundado e refundado pela história (FOUCAULT, 2002, p. 10).

A partir de diferentes contextos sociais, políticos, culturais e históricos, as representações em torno desse sujeito gaúcho vêm sendo fabricadas, assim como das mulheres pampeanas, não havendo um momento ou uma origem específica. Torna-se importante, então pensarmos e problematizarmos o quanto esses ditos, fabricados na cultura nos ensinam, nos subjetivam, e muitas vezes determinam modos de ser e de viver no pampa gaúcho.

Oliven (2006) procura mostrar como a modernidade está ligada à tradição, sendo perfeitamente articulada. O tradicionalismo é constantemente revisado e atualizado, sendo retomado com grande força no Rio Grande do Sul, a partir de 1970 e estendendo-se até os dias de hoje. A maior festividade que ocorre no nosso Estado é a Semana Farroupilha, que envolve todos os municípios, CTGs e piquetes, escolas e mídias que interpelam nossas vivências cotidianas e nos ensinam os modos de ser gaúcho e gaúchas.

Há uma construção de um gaúcho cristalizado no tempo e espaço, já que os tradicionalistas foram inventando indumentária (bota, bombacha, chapéu,

lenço,...) assim como os costumes, as músicas e as danças. Por isso, quando a primeira mulher se filiou ao CTG, foi necessário inventar uma figura feminina, no entanto, para não chamá-la de “china” – termo de sentido pejorativo-intitularam-na de “prenda” que significa objeto de valor, que pode ser dado de presente a alguém e que passa a ser a expressão da “mulher honesta”, representando desde então, a “mulher gaúcha” (DUTRA, 2002). Além disso, criaram uma indumentária para a prenda - um vestido com cores suaves, discreto e simples – a fim de que “combinasse” com a indumentária do gaúcho, e fosse conforme as virtudes que o gaúcho lhe atribui. Mas, apesar de uma regulamentação sobre a indumentária feminina criada pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), as mulheres preferem vestir-se com bota e bombacha, “não é difícil compreender essa preferência se nos lembrarmos que a figura que é exaltada quando os tradicionalistas falam no Rio Grande do Sul é sempre a masculina, cabendo às mulheres o papel subalterno de ‘prenda’” (OLIVEN, 2006, p. 175) [grifo do autor]. Nesse sentido, constituímos-nos mulheres pampeanas nessa trama histórica e cultural em que posiciona o gaúcho e suas virtudes na centralidade, sendo retomado e atualizado constantemente. Dutra (2002) traz a discussão sobre a prenda no imaginário tradicionalista, analisando o discurso que criou e recriou o gaúcho, assim como a prenda estabelecendo o papel das mulheres neste espaço de culto às tradições, e mais:

[...] o processo de construção da prenda, através dos discursos e das práticas que se cruzaram para forjá-la como tradução singular das diversas figuras de mulheres da história do Rio Grande do Sul - a "mulher gaúcha" -, com um destino e sentimentos definidos como apropriados para o gênero feminino. Esses discursos, tomados como construções, formam a trama que trás a prenda para a história. A partir de uma produção de diferentes representações sobre as mulheres, o Tradicionalismo foi instituindo a memória hegemônica, estabelecendo os contornos da prenda e silenciando outras interpretações (DUTRA, 2002, p. 3).

Importante destacar nessa trama uma construção e uma invenção de gaúcho heroico como um elemento central da cultura rio-grandense, sendo a partir deste gaúcho que passa a ser elaborada a figura feminina, posicionando-a como coadjuvante e delineando seus contornos. Provocamo-nos a pensar também nas mulheres da história do Rio Grande do Sul e nos deparamos com Anita Garibaldi, reconhecida no Livro dos “Heróis e das heroínas da Pátria” em

2007, consagrada heroína na Guerra dos Farrapos. Esse livro – que possui páginas de aço e é guardado no Panteão da Pátria Tancredo Neves, na Praça dos Três Poderes em Brasília (SENADO, 2013) - traz um conjunto de personalidades que se destacam principalmente como líderes militares, sendo que entre os homenageados aparecerem apenas duas mulheres: Anita e Anna Nery, enfermeira que atuou na Guerra do Paraguai. Os valores inquestionáveis da Revolução Farroupilha que são exaltados, como coragem, honra, bravura que constitui o gaúcho passa-se a ser “exigido” de todos os gaúchos e gaúchas, mantendo ainda assim a figura masculina na centralidade do discurso. Mesmo assim Anita Garibaldi é “o único herói” da Revolução Farroupilha presente no livro. Esse fato pode nos mostrar algumas condições de possibilidades de outros atravessamentos que começam a compor o final do século XX e início do século XXI. Talvez o livro dos “Heróis e das heroínas da Pátria” possa nos levar a pensar em outros modos de recontar a história da Guerra dos Farrapos e a nossa própria posição enquanto mulheres de nossa atualidade. Como mulheres dedicadas as questões relativas a natureza narram sua relação com o Pampa gaúcho? Retomando ao problema de pesquisa: como as mulheres ambientalistas do pampa gaúcho narram a sua relação com a natureza e a Educação Ambiental? Para pensar nessas questões seguiremos, nesse capítulo, a tencionar as verdades que foram sendo, paulatinamente fabricadas e emaranhadas em nossa história. Tal história atrela relações entre mulheres e natureza que gostaríamos de aqui trazer para discussão.

Buscamos nesta seção problematizar verdades e certezas sobre a posição que ocupa o gaúcho na trama histórica e cultural da sua tradição. Pensar nas mulheres pampeanas, é pensar também na cultura e na tradição gaúcha que nos atravessam até os dias atuais e que legitimam maneiras de ser no cotidiano, seja na roda de chimarrão, nas festividades com a família e os amigos com um churrasco assado pelos homens e a salada preparada pelas mulheres; seja no trabalho, na escola, seja na música e na literatura e que muitas vezes são formas de ser já naturalizadas. Mas, além disso, é importante pensar que as mulheres pampeanas não estão cristalizadas no tempo, elas são também atravessadas por outros movimentos atuais, como os movimentos feministas que atuam no âmbito nacional, internacional assim como no Rio Grande do Sul. Na história do pampa gaúcho, na cultura Sul Rio-grandense, na arte, na música na literatura

mulheres e homens pampeanos são constituídos através de práticas e relações que instituem gestos, modos de falar e agir, condutas e posturas apropriadas, no âmbito cultural, social, econômico, político e ambiental.

2.2. Mulheres e sua relação com a natureza no pampa gaúcho

Nas noites de lua o rancho parecia resplandecer. De dia, destacava-se ao longe na paisagem dobrada das serras do Erval. Era limpo e claro e colorido e quente. O gato na soleira, o garnizé em volta, a fumaça a dizer aqui há gente, há vida, há gente, há vida... (SCHLEE, 1983, p. 71).

“Há gente, há vida, há gente, há vida ...” no pampa! Na trama da história e da cultura do pampa gaúcho, vemos a posição de centralidade que o gaúcho – homem, viril – é colocado e assumido e que vem tradicionalmente sendo evocado e atualizado, inclusive nas suas relações com o pampa, com a natureza, como vimos na seção anterior. Mas nos provocamos a pensar e a questionar a partir da literatura, como no trecho do conto “Secreto Segredo” do escritor Aldyr Schlee citado acima, que outras relações se estabelecem no pampa gaúcho? Que posição as mulheres ocupam nessa trama? Que relações se legitimam entre as mulheres e o pampa e a natureza?

Nesta seção buscaremos dar visibilidade para as mulheres e suas relações com a natureza no pampa gaúcho. Para isso, Michel Foucault (2003) nos instiga com seu texto “A vida dos homens infames”, mais que isso, nos ajuda a pensar, a problematizar, a trazer à tona a vida das “mulheres infames” através da literatura. Como nos fala Foucault a existência dessas vidas, “não tendo sido nada na história, não tendo desempenhado nos acontecimentos ou entre pessoas importantes nenhum papel apreciável” (2003, p. 205), são personagens que misturam o real e a ficção, que não fazem parte de uma história oficial, universal, de heroísmo e de glória. Vale pensarmos nisso também quando tratamos da história do pampa gaúcho. Mulheres que não são notadas, narradas na história do Rio Grande do Sul, mas que tem a sua contribuição na fabricação desse território, em uma relação com o pampa e com a natureza no qual não são glorificadas, mas que deixam rastros mesmo que enigmáticos e breves, do seu encontro com o poder.

Nessa esteira buscamos na potência de algumas passagens literárias, o que é falado e contado sobre as mulheres pampeanas, entendendo-as como

fortes na construção do sujeito moderno. Justificamos a nossa escolha das obras literárias da mesma forma que o filósofo descreveu suas escolhas para o texto citado acima: não seguiu outra regra mais importante do que a emoção, o prazer e a intensidade. As obras escolhidas nos atravessam, nos comovem, nos fabricam enquanto mulheres do pampa. Em uma *espécie de herbário* como nos fala Foucault, reunimos *vidas singulares, estranhos poemas*.

É uma antologia de existências. Vidas de algumas linhas ou de algumas páginas, desventuras e aventuras sem nome, juntadas em um punhado de palavras. Vidas breves, encontradas por acaso em livros e documentos (FOUCAULT, 2003, p. 199).

Entre diversos contos do escritor Aldyr Garcia Schlee, escolhemos o conto “Segredo Segredo” do seu primeiro livro publicado “Contos de Sempre” (1983), que conta a vida de Tamara. Para completar nossa *coleção* traremos o “Diário de Cecília de Assis Brasil” escrito por Cecília no início do século XX. Como nos instiga Foucault estes *poemas-vidas* que aqui reunimos através desta seleção literária, são “fragmentos de discurso carregando os fragmentos de uma realidade da qual fazem parte” (2003, p. 202), o que nos faz pensar nas mulheres infames do pampa gaúcho.

Quis também que essas personagens fossem elas próprias obscuras; que nada as predispuesse a um clarão qualquer, que não fossem dotadas de nenhuma dessas grandezas estabelecidas e reconhecidas – as do nascimento, da fortuna, da santidade, do heroísmo ou do gênio; que pertencessem a esses milhares de existências destinadas a passar sem deixar rastro; que houvesse em suas desgraças, em suas paixões, em seus amores e em seus ódios alguma coisa cinza e de comum em relação ao que se considera, em geral, digno de ser contado; que, no entanto, tivessem sido atravessadas por um certo ardor, que tivessem sido animadas por uma violência, uma energia, um excesso na malvadeza, na vilania, na baixeza, na obstinação ou no azar que lhes dava, aos olhos dos seus familiares, e à proporção de sua própria mediocridade, um espécie de grandeza assustadora ou digna de pena. Parti em busca dessas espécies de partículas dotadas de uma energia tanto maior quanto menores elas próprias o são, e difíceis de discernir (FOUCAULT, 2003, p. 203).

Partimos em busca tendo como intercessor Foucault, na literatura contista, como nos fala Aldyr Garcia Schlee (1988), contos que não chegam a ser campeiros ou criollos, enquanto gaúchos, mas que também não são propriamente urbanos, como fazem os uruguaios, preferindo chamá-los de *cuentos puebleros*; de pueblos, em geral de pueblos pobres.

Na literatura acreditamos que somos ensinadas e convocadas a pensar como somos constituídas mulheres e como se estabelecem as relações

socioambientais no pampa gaúcho. Ao fazer a escolha do escritor Aldyr Garcia Schlee, o qual tem seu universo literário na fronteira entre o Brasil e o Uruguai, mais especificamente entre Jaguarão e Rio Branco, limitamos o território estudado como pampa gaúcho. Assim, fazemos das palavras do autor as nossas quando ele escreve: “[...] aqui há uma terra só, há só uma gente, seja do lado de cá, seja do lado de lá” (SCHLEE, 1984, p. 6). Ao olhar para o passado heroico, o escritor confronta-o com o presente, desprovido de glória, mantendo o cenário tradicional para inserir na fronteira da modernidade.

Para esta escrita, dentre tantos escritos de Aldyr Schlee, selecionamos o livro “Contos de Sempre”, com o qual o escritor recebeu o Prêmio Bial Nestlé de Literatura Brasileira em 1982 e publicou-o em 1983.

No conto “Segredo Segredo” (1983, p. 69) temos como personagem principal Tamara, uma mulher de cobre, com jeito de índia, que se instalou num rancho nas serras de Erval:

Ela vivera ali seu mistério, sob a copa frondosa, no gosto das uvas, no cuidado com o rancho, no regar das flores e na lida de todo dia. Deixara ali o seu mistério, na ausência dos passos, nas peças vazias desocupadas pelo vento e as résteas de luz, e nas frinchas, e no ringir dos batentes. Desse mistério talvez fossem testemunhas o corujão e o ouriço-cacheiro que ninguém via no escuro daquelas solidões; ou no colorido garnizé que animara as manhãs esplendorosas ou o gato amarelo que ronronara feliz no portal de outros tempos perdidos na ruína e na desolação (SCHLEE, 1983, p. 69).

Nesse conto vemos o espaço e a posição que situa as mulheres, no cuidado com o rancho, no regar das flores e na lida de todo o dia. Aos homens, os gaúchos, sua posição é de outra ordem, uma relação de desbravamento dos campos, na conquista, no mito moderno de domínio da natureza tendo um misto de superioridade e igualdade com essa natureza. Além disso, vimos repetidas vezes a exaltação do gaúcho viril e bravo na música, na fotografia, na arte, na história e na cultura pampeana, um gaúcho que foi moldado por essa relação com o cavalo, com o cachorro, com o território, com um pertencimento marcado pela força na lida campeira.

E as mulheres? Há também uma relação de proximidade com a natureza? Talvez uma relação que não seja exaltada e glorificada como na relação do gaúcho com o pampa. Mas uma posição de amor, de cuidado, de delicadeza. É importante pensar que as relações que se estabelecem com a natureza são

construções históricas e culturais, e que criam subjetividades e modos de ser e de viver na atualidade.

A parreira abriu-se numa latada e encheu-se de cachos que incharam e se coloriram. O pátio manteve-se limpo e enriqueceu-se no desabrochar das flores, no aroma do pão e no alarido dos passarinhos que vinham de todo o lado. O gato observava tudo paciente e o galo, exagerava solene nas preocupações (os olhos fosforescentes do gato, corujão no escuro; as penas arrepiadas do garnizé, espinhos do ouriço).

E Tamara, a china Tama, na solidão (SCHLEE, 1983, p. 71).

As representações encontradas nos trabalhos literários, como no exemplo acima, auxiliam nas fabricações de algumas verdades sobre natureza e pampa que, nesse embate de forças vão nos capturando e tornando-se parte de nossas ações diárias. No conto, Schlee nos mostra a forma de relacionarmos esse espaço caracterizado culturalmente, no social, no político, no econômico e no ambiental. Dessa forma, nesses discursos vamos nos construindo e expressando verdades como fabricações desse próprio tempo. Pensamos nas diversas relações das mulheres e natureza, e no problema que permeia esta pesquisa: como as mulheres ambientalistas do pampa gaúcho narram sua relação com a natureza e a Educação Ambiental? Por isso pretendemos problematizar as condições de possibilidades para a emergência de discursos que regulam e criam modos de se relacionar com o pampa, com a natureza de uma forma e não de outra.

Mulheres e homens pampeanos são construídos através de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas, portanto os gêneros se produzem nas e pelas relações de poder. Foucault nos convida a pensar nas relações de poder, a provocar o pensamento sobre as relações que se estabelecem no pampa, “[...] o ponto mais intenso das vidas, aquele em que se concentra sua energia, é bem ali onde elas se chocam com o poder, se debatem com ele, tentam utilizar suas forças ou escapar de suas armadilhas” (2003, p. 204).

Ao pesquisar sobre o pampa, sua cultura, sua natureza, e os sujeitos, Renata Schlee (2018), através da trama histórica, busca compreender a constituição de natureza no pampa, assumindo uma posição de fabricação desse discurso através de sujeitos contingentes, fabricados na e pela história.

Assim encaro a natureza como um discurso. Um discurso que tem seu tempo, uma verdade que se estabelece numa legitimidade de forças que compõem um espaço-tempo, um tempo histórico. No Pampa, a natureza se constrói, também, como discurso, e entender que discursos são esses nos possibilita pensarmos em quem somos e como nos atualizamos nessas fabricações históricas (SCHLEE, 2018, p. 49).

Talvez esteja aí um exercício importante para cada um de nós: problematizar quem somos como nos fala Renata Schlee (2018), e como nos relacionamos com a natureza e o pampa. Ao pensar nas relações que se estabelecem no pampa gaúcho entre o ser humano e a natureza, Vieira (2017) pontua que ao olhar para a relação gaúcho/natureza, encontra na música “um sujeito que pertence a essa paisagem, um gaúcho que enaltece a sua terra...Um gaúcho que é a natureza”(p. 60), sendo a fabricação discursiva do Naturalismo poético-pampeano se tornando possível ante um novo elemento na constituição da natureza, o gaúcho:

A partir disso, compreendemos que, talvez, se trate de uma nova conceituação de natureza que não é mais apenas formada pelos elementos naturais. Mas é, também, o próprio homem, o gaúcho, que pertence a essa natureza. Ou seja, o enunciado em suspenso nos evidencia poeticamente uma articulação entre cultura e natureza (VIEIRA, 2017, p. 62).

A constituição dessas relações com o pampa articula-se entre cultura e natureza, entre o humano e o natural transformada todo o tempo, sendo uma invenção constante dos vínculos entre o território e os corpos que produzem construções culturalmente compartilhadas e aprendidas. “O que se pode afirmar com isso é que a experiência da natureza – e a totalidade de signos a ela relacionados – é transformada pelas singularidades estéticas, conceituais e funcionais codeterminadas pela singularidade das experiências vividas” (GODOY, 2000, p. 130). Isso nos faz pensar nas relações que se produzem, que se legitimam, que se estabelecem, entre o pampa e seus habitantes, e que são compartilhadas na atualidade. Aqui, nos interessamos especialmente nas relações entre as mulheres do território pampeano e a natureza.

Nessa direção, vamos olhar para o Diário de Cecília de Assis Brasil, publicado em 1983 e organizado por Carlos Reverbel. O livro retrata o período de 1916 a 1928 através da seleção de cadernos mantidos pela família na biblioteca do Castelo de Pedras Altas (RS). A autora é Cecília, filha de Cecília Prates de Castilhos e J. F. de Assis Brasil, nascida em Washington em 26 de maio de 1899 e falecida em 11 de março de 1934, na Granja de Pedras Altas,

atualmente município de Pedras Altas, Rio Grande do Sul. No diário, Cecília projetou não apenas sentimentos, vivências e observações individuais, mas, sobretudo o singular estilo de vida de sua família, considerando, acima de tudo uma lição de vida, valorizada pelo trabalho, pelo culto da natureza, pela busca do saber, pelo amor aos animais e pelo respeito ao homem do campo (ASSIS BRASIL, 1983). Nesse sentido, procuramos analisar o que é dito sem a pretensão de buscar algo oculto, uma vez que, seguindo a perspectiva de Foucault os discursos produzem diferentes objetivos e subjetividades. Assim o que nos interessa são os efeitos de verdades do que é dito que produz uma forma de olhar e se relacionar com a natureza, com as mulheres e com o pampa.

Através das vivências de Cecília de Assis Brasil, no pampa gaúcho, narrados no seu diário, podemos pensar e problematizar como se constitui essas relações com a natureza e os modos de vida no campo?

Terça-feira, 24 de outubro (de 1916) – (...) Demos umas voltas a pé, de tarde, e as minhas companheiras tentaram convencer-me que São Paulo ou Paris são melhores que o Ibirapuitã. Quando for a esses lugares saberei ao certo, mas por enquanto agarro-me ao meu ideal: a vida no campo. Sou assim, e agora? Tenho plena confiança de que meu amor ao campo nunca cessará de crescer (ASSIS BRASIL, 1983).

No trecho acima, Cecília refere-se ao Rio Ibirapuitã, esta bacia hidrográfica foi decretada Área de Proteção Ambiental do Ibirapuitã pelo Decreto Federal n.º 529 de 20 de maio de 1992, localizada no Bioma Pampa, compreendendo os municípios de Santana do Livramento, Rosário do Sul, Quaraí e Alegrete. Dentre as funções dessa unidade de conservação, está a de garantir a conservação significativa do Bioma Pampa e preservar a Cultura e a Tradição do Gaúcho Fronteiriço. Assim, é importante pensar em como nos constituímos e adotamos atitudes de amor, de cuidado e até mesmo de proteção ao campo, ao pampa e a seus habitantes. Nos relatos do Diário, Cecília conta sobre a sua relação com a natureza:

Quarta-feira, 15 de novembro (de 1916) - Recebi um cartão de Vovó e lhe escrevi uma carta, de que tirei estes trechos: “Quisera mandar-lhe um pouco deste rico cheiro de mato e flores e pasto que daqui estou sentindo. Sentada embaixo de uma enorme acácia, rodeada pelas árvores que formam a nossa Floresta, sinto uma moleza em todo o corpo, que é deliciosa. Estive aqui uma porção de tempo sozinha, escutando um sabiá que tem ninho aqui perto, e observando os diferentes tons das folhagens em volta de mim. É hora mais quente do dia. Mas a Floresta é tão fresquinha que todos os dias, depois do almoço, trago para cá um livro ou o meu diário para passar a tarde entretida. Trago o bordado só quando as manas vêm comigo, porque

elas são tão brincalhonas que é impossível ficar-se sossegada. O Francisco vai aparecer daqui a pouco, a cavalo, para reclamar o mate, e pouco depois toda a criançada também, como um bando de caturritas, rindo e brincando pelo meio das árvores” (ASSIS BRASIL, 1983).

Nessa relação com a natureza no dia a dia, vai se construindo e se moldando Cecília, sentada embaixo das árvores, sentindo o cheiro de mato e flores e pasto, sentindo o prazer de estar rodeada de árvores. E fica a pergunta: como nos constituímos como natureza, como pampa, como mulher? Que relações com a natureza vão se tornando legítimas? Uma relação com a natureza que muitas vezes é de amor, de carinho, de cuidado ao pampa. O que nos interessa aqui é problematizar o lugar das mulheres nas relações com o pampa. Questionar o que é tomado como natural, como uma essência feminina de cuidado com a natureza, e que muitas vezes direciona a nossa conduta nas vivências diárias.

Cecília relata seu amor ao campo, à sua vida campestre e, ao longo do seu Diário escreve sobre os rigores do pampa gaúcho, o frio, a lida de todo dia, assim como o contexto político e histórico da época. No Diário, Cecília descreve diversos lugares em que seus pais moraram: desde simples ranchos feitos de torrões de terra nas redondezas de Melo (Uruguai), no período em que estavam exilados; e, no Castelo de Pedras Altas, em Pedras Altas (RS, Brasil). Seu pai, J. F. Assis Brasil construíra um castelo em meio ao pampa talvez para simbolizar a nobreza que atribuía à vida no campo, tendo como lema na porta de entrada do castelo os versos: “Bem-vindo a mansão que encerra/ Dura lida e doce calma/ O arado que educa a terra/ O livro que amanha a alma”. A imagem do castelo está na capa do livro:

Figura 5. Imagem da capa do livro “Diário de Cecília de Assis Brasil”.



Fonte: Assis Brasil, 1983.

Através da imagem acima, podemos visualizar o Castelo de Pedras Altas, construído em meio ao pampa no início do século XX e pensar nas relações que se estabelecem nesse território. Segundo Raymond Williams (2011), as relações entre o campo e a cidade são historicamente bastante variadas, e ao longo do tempo se cristalizam-se modos como as vemos:

O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se a ideia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação (WILLIAMS, 2011, p. 11).

A cidade era sinônimo de civilidade e o campo de rudeza e rusticidade na época da Renascença, entretanto com a deterioração do ambiente urbano, grande industrialização, poluição, alto nível de mortalidade começou a se preferir o campo. Com a intensificação da separação entre o campo e a cidade, a desruralização do ambiente urbano, se encorajaram os anseios sentimentais pelos prazeres rurais e a idealização de atrativos espirituais e estéticos do campo

(THOMAS, 1988). No Rio Grande do Sul, vemos que na história e na cultura vem se constituindo tradicionalmente uma glorificação de um passado rural, e intensificando a figura do gaúcho, já que nesse processo, é ele que desbrava o pampa, a natureza, seja no final do século XIX com uma literatura regionalista, seja na época da criação do Centro de Tradições Gaúchas no século XX até os dias atuais, assim como no Rio Grande do Sul e na Europa “[...] tais sensibilidades refletem o desconforto gerado pelo progresso da civilização humana; e uma relutância a aceitar a realidade urbana e industrial que caracterizava a vida moderna” (THOMAS, 1988, p. 302).

Em seu livro “O Homem e o Mundo Natural”, Keith Thomas (1988) pontua sobre o dilema humano: cidade ou campo? Lavoura ou terra inculta? Conquista ou preservação? Como no trecho abaixo, Cecília, relata seu firme propósito de embelezar seu canto no mundo.

Segunda-feira, 25 de dezembro (de 1916) – [...] Papai disse que dará um dote à filha que souber ser uma cozinheira de verdade. Não quero o tal dote, quero mostrar que sirvo para alguma coisa. Serviço é que não falta! Todos deviam nascer com o firme propósito de embelezar e tornar perfeito o canto do mundo em que vivem; por menor que seja, o esforço sempre há de aparecer. Tenho verdadeira pena de quem nunca comeu sequer uma batata plantada pelas suas próprias mãos, bem como dos que não conhecem os encantos que há na criação de um guacho, que nunca souberam como é bom colher flores no jardim onde se tenha acompanhado o desenvolvimento da planta, desde o primeiro broto saído da terra negra até alcançar os raios do sol, até abrir das pétalas em flor (ASSIS BRASIL, 1983, p. 24).

Nesse dia, Cecília relata sua experiência com a natureza, em consonância com o conto “Segredo Segredo” de Aldyr Schlee, vemos a posição das mulheres em relação ao pampa. E nos provocamos a pensar: qual o lugar da mulher no pampa? Ela é posicionada como aquela que ocupa o espaço do cuidado. O cuidado com o rancho, o cuidado com os animais, com o guacho, com as galinhas, o cuidados com as plantas, com as flores e as hortaliças, assim como os cuidados com os humanos. Não há o certo e o errado nas relações com o pampa, para isso Michel Foucault nos ajuda a desnaturalizar olhares, a romper com a essência, a descortinar as verdades que se tornam legítimas nas relações históricas e culturais pampeanas.

No livro “Radiografía de la Pampa”, o autor Ezequiel Estrada (1933) traça a história pampeana, relatando as experiências vividas pelos “conquistadores” deste território, a formação do gaúcho e sua relação com a natureza: “El pájaro,

aspira al nido, la fiera ambiciona el dominio de la naturaleza” (p. 11). O homem moderno aspira ao domínio da natureza, à extensão de terra sem limites, à exploração do território, mas encontra as dificuldades, a solidão de enfrentar essas planuras. Porém, o desejo de conquistar foi sendo conquistado: “Iba adonde le llevaba la naturaleza, aparentemente sin designios recónditos; iba sin plan, sin limitaciones fijadas de antemano, sin conducta. No adelantaba, pues, conquistando, sino siendo conquistado” (p. 35). Nas relações com o pampa foram se delineando posições e se ocupando espaços, Estrada (1933) nos fala do lugar de homens e de mulheres neste território:

La mujer se encargó de las labores domésticas y del campo; además, engendraba hijos. El hombre era el que vivía afuera. No pertenecía al hogar sino de noche, cuando iba a cargarla de hijos. Mujer y hombre vivieron en estado de divorcio llevando, por vergüenza, una vida que los avergonzaba. Ser cariñoso, trabajar para la prole, cuidar del honor, eran cualidades negativas. Y en cambio el prestigio, la hombría, la paternidad, estaban en ser reacios, insensibles, nocturnos. Se deprimían los valores positivos y, en compensación hidráulica, se enaltecían los contrarios. Mujeres y hombres nacieron en esos hogares, en el campo o en la ciudad, con los consiguientes matices diferenciales en lo externo; se criaron en ellos, en ellos se multiplicaron y de nuevo aparecieron en los nietos otra vez. (ESTRADA, 1933, p. 16).

Preocupamos-nos aqui em não criar generalizações e dicotomias, porque as relações das mulheres com a natureza e com o pampa gaúcho se constituem histórica e culturalmente, por mais naturalizadas que pareçam, moldadas ao longo do tempo. Garcia (1992) nos ajuda a problematizar, a questionar os vínculos naturais entre gênero e meio ambiente ao levantar alguns elementos do discurso ecofeminista, que nos sugere que mulher/natureza como algo inato, fundamental, tratando-se de uma visão essencialista, portadora de uma essência feminina imutável e irreduzível, “as mulheres são vistas como tendo mãos que curam, que nutrem e cuidam do meio ambiente” (idem, p. 163). Já em outra linha do ecofeminismo, se “[...] evidencia que os conceitos de gênero, cultura e natureza são historicamente e socialmente construídos e variam de acordo com o tempo e dentro das culturas e por períodos de tempo” (p. 164).

Ao pensar nas relações mulheres e pampa, principalmente nos excertos literários escritos por Aldyr Schlee e Cecília de Assis Brasil, a autora Sandra Garcia (1992) conclui que outras categorias estruturam as interações das pessoas com a natureza, como a divisão de trabalho, da propriedade e do poder baseado em classes, etnias, raça e gênero.

A vida das mulheres do pampa gaúcho no campo e/ou nas cidades é móvel e presente, move-se ao longo do tempo, através da história, move-se em sentimentos e ideias. Sabemos que há uma multiplicidade de formas de ver, ler, narrar e se relacionar com a natureza (GUIMARÃES, 2008) que são históricas e socialmente construídas e variam de acordo com o tempo e dentro das culturas e por um período de tempo.

Em permanente diálogo com os significados produzidos pelas gerações que nos antecederam através dos séculos, vivemos imersos em uma rede de sentidos culturais historicamente construídos. A visão antropocêntrica, cunhada a partir do século XV, em que situa o homem como centro do universo, sendo a natureza como domínio do selvagem, do ameaçador e do esteticamente desagradável; estabelecendo-se, assim, a crença de que o progresso humano era medido por sua capacidade de dominar e submeter o mundo natural. Entretanto, no século XVIII, inicia-se uma mudança importante na percepção da natureza, chamado este fenômeno de “novas sensibilidades”, que se orientavam para a valorização das paisagens naturais, consideradas parte das raízes do interesse contemporâneo pela natureza (CARVALHO, 2012).

A maneira como a humanidade se relaciona com o mundo natural é uma condição básica para pensarmos a história humana, pensarmos nas relações que se estabelecem no pampa gaúcho. Para isso Keith Thomas (1988) nos auxilia nesta pesquisa, pontuando que

Com efeito, foi entre 1500 e 1800 que ocorreu uma série de transformações na maneira pela qual homens e mulheres, de todos os níveis sociais, percebiam e classificavam o mundo natural ao seu redor. Alguns dogmas desde muito estabelecidos sobre o lugar do homem na natureza foram descartados, nesse processo. Surgiram novas sensibilidades em relação aos animais, às plantas e à paisagem. O relacionamento do homem com outras espécies foi redefinido; e o seu direito a explorar essas espécies em benefício próprio se viu fortemente contestado. Esses séculos produziram tanto um intenso interesse pelo mundo natural como as dúvidas e as ansiedades quanto à relação do homem com aquele que recebemos de herança em forma amplificada (THOMAS, 1988, p. 18).

Assim, ao longo da história, somos herdeiros diretos de experiências que marcaram as relações humanas com o pampa e de acordo com as formas e objetivos que nos relacionamos com a natureza. Segundo Marcos Carvalho (1991, p.16) “[...] para uma mesma pergunta – o que é natureza? -, encontraremos muitas respostas, dependendo do agrupamento humano, do tipo

de sociedade, ou da classe de quem responde”.

A maneira de ver e se relacionar com a natureza, mas também de entendê-la foi herdada também da Europa, através da chegada dos espanhóis e portugueses na América. A sujeição do mundo natural era muitas vezes visto como a conquista da natureza (THOMAS, 1988), assim, o hábito de comer carne, de criar e domesticar o gado, o ato de domar cavalo foram trazidos pelos europeus. O pampa gaúcho foi sendo conquistado e dominado, e o gaúcho foi sendo forjado na lida com o gado xucro, tendo como companheiro o cachorro e o cavalo, e como interlocutor a natureza. Segundo Keith Thomas (1988) na Europa do século XVII, o uso do cavalo proclamava a sua superioridade social assim como o domínio da sua criação. Além disso, o trato com rebanhos criava atitudes autoritárias, tornando-se um padrão para outras formas de subordinação social. Consequentemente, as mulheres eram vistas como próximas ao estado animal devido principalmente à gestação e à amamentação.

A partir de uma análise enunciativa, Marcello (2009), mostra como o dispositivo da maternidade – que teve seu surgimento a partir de condições de possibilidade específicas e datadas do final do século XVII –, está voltado para a produção de uma experiência materna. Também nos fala que a partir da diferenciação sexual entre homens e mulheres, fez-se possível a inserção política e social desiguais, funções marcadas pelo determinismo natural dos corpos, e assim delineadas as finalidades de homens e mulheres nos âmbitos econômico, político e cultural. Ademais, Vargas-Monroy e Pujal i Llombart (2013) nos alertam que a retórica acerca da natureza das mulheres seria um elemento especialmente relevante, para a condução de sua conduta e para a produção de corpos e subjetividades femininas “adequadas”.

Ao longo da história do pampa, construíram-se modos diversos de ser e de estar no mundo, diversas maneiras de lidar com o tempo e com o espaço, através de muitas práticas, essas concepções foram e são apreendidas e interiorizadas, tornando-as quase “naturais” (ainda que sejam fatos culturais). Na literatura, na historiografia regional, assim como na arte, nas músicas pampeanas (VIEIRA, 2017) e na fotografia (SCHLEE, 2018) aparece a figura enaltecida do gaúcho, mas é Estrada (IBIDEM) quem traz as diferenças e a rusticidade de se viver no pampa, e de ser mulher no pampa.

As relações das mulheres com a Natureza, o Pampa e a Educação Ambiental são interpelados através da cultura, por significados que se estabelecem diariamente. É importante pensar a literatura e outras práticas culturais como ferramentas potentes que atravessam o campo da Educação Ambiental. No Diário de Cecília de Assis Brasil as vivências de Cecília são marcadas pelo amor à vida no campo, entre o trabalho e a lida campeira, nos convidando a degustar um mate, leituras e bordados; a natureza e o pampa são narrados fazendo parte da sua vida rotineira entre descobertas e paisagens pampeanas.

Ao filosofar sobre as relações do ser humano com a natureza, se torna extremamente importante para os fundamentos da Educação Ambiental, pensar para além do antropocentrismo, olhar para modos que interagimos, cuidarmos, protegermos a natureza, produzida numa trama histórica. Isso nos impulsiona a ir mais adiante... a problematizar a relação mulheres e natureza nos interstícios da Educação Ambiental, o que veremos na próxima seção.

2.3. Relação mulheres e natureza nos interstícios da Educação Ambiental

Nesta seção, enquanto pesquisadoras educadoras-ambientais, propomos-nos a olhar para os fundamentos históricos e filosóficos da Educação Ambiental, na dimensão das relações da humanidade com a natureza, e, assim, buscamos pensar e problematizar a relação mulheres e natureza nos interstícios da Educação Ambiental. Neste contexto, entendemo-la como um ato político, como a análise das relações políticas, econômicas, sociais e culturais entre a humanidade e a natureza e as relações entre os seres humanos (REIGOTA, 2014). Em uma articulação ética e política, nos provocamos a pensar sobre o campo de saber da Educação Ambiental como uma possibilidade de criarmos outras formas de pensar. Talvez, então, seja necessário reinventar práticas efetivas de experimentação e maneiras de ser no contexto social, mental e ambiental (HENNING, 2012). Para isso, entendemos que há muitas formas de ver as relações das mulheres com a natureza no âmbito ambiental, constituindo nossas maneiras de ser e de se comportar diante dela. Nesse sentido, muitas questões foram levantadas por diferentes autoras:

Será que todas as mulheres do mundo se preocupavam “naturalmente” com o estado do meio ambiente acima de outros problemas que encaram diariamente? São as mulheres vítimas especiais da destruição do seu meio ambiente? (BRAIDOTTI et al, 1994, p. 27).

Qual é a especificidade da relação entre mulher e meio ambiente? Ela é distinta da relação homem/meio ambiente? (GARCIA, 1992, p. 163).

Tais questões trazidas por Braidotti et al (1994) e Garcia (1992) nos fazem pensar nos modos como nos constituímos como natureza e como mulher. Tais interrogações nos potencializam a pensar o quanto esses discursos são fabricados na cultura que, atrelados por relações de poder, fazem emergir verdades e saberes, dados como naturais. No entanto, a relação mulheres/natureza tem sido alvo de muitas divergências e antagonismos: se por um lado as mulheres são vistas com laços especiais com a natureza, como salvadoras naturais da natureza, por outro lado reconhecem que as mulheres e a natureza são simultaneamente subjugadas, de forma histórica e cultural específicas (BRAIDOTTI et al, 1994).

Atualmente, além da desconstrução da categoria mulher, é problematizada a relação das mulheres com a natureza e o meio ambiente, uma vez que, nesse contexto, mulheres e meio ambiente não podem ser naturalizados e homogeneizados, tampouco suas relações universalizadas (ÁVILA, RIBEIRO E HENNING, 2016). Nos interstícios da educação ambiental formas de se relacionar com a natureza e com o mundo vão se constituindo histórica e culturalmente.

Preocupamo-nos aqui de não fazer inversões, trazendo à tona as mulheres como conhecedoras privilegiadas e potenciais salvadoras da natureza, mantendo as hierarquias e perpetuando o dualismo mulher/homem. A sua posição não as qualifica para gerir o ambiente melhor do que qualquer outra pessoa, mesmo que a população das mulheres seja a mais afetada pela degradação e pela crise ambiental (BRAIDOTTI et al, 1994).

No entanto, essa crise atinge de diferentes formas diversos grupos de pessoas em diferentes regiões, potencializada por um modelo ocidental de desenvolvimento. Nos anos 60/70 do século XX, em um contexto pós-segunda Guerra Mundial, surgiram diversos movimentos de contestação política: o movimento estudantil em 1968 na França, o movimento dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos, o movimento social político de abertura

democrática nos países latino-americanos, a segunda onda do movimento feminista e o movimento ambientalista. Constituíram-se e se fortaleceram. Nesses diferentes grupos, questionamentos e debates eram desencadeados, principalmente ao modelo de desenvolvimento concebido como um projeto ocidental moderno e que não trouxe a melhoria prometida. Ao contrário, tal projeto contribuiu para o crescimento da pobreza, para um aumento das desigualdades e para a degradação ambiental.

O movimento ecológico ou ambientalista constituídos principalmente por jovens e imersos num clima contracultural, articulavam influências do movimento estudantil de 1968, da nova esquerda, e do pacifismo em um ideário de mudança social e existencial de contestação à sociedade consumista e materialista. Ele denunciava os riscos e impactos ambientais do modo de vidas das sociedades industriais modernas, tendo como horizonte utópico uma vida livre de normalizações e repressões sociais e em harmonia com a natureza (CARVALHO, 2012). O ideário contestador dos modos de vida das sociedades capitalista é um componente que unificou os diferentes sujeitos dos movimentos ecológicos (GUIMARÃES, 2008), mas apesar disso, o movimento ecológico é múltiplo e variado, assim como a Educação Ambiental.

[...] queremos insistir que os movimentos ecológicos ao surgirem na esteira de um conjunto amplo de outros movimentos contestatórios inauguram, em relação aos discursos sobre a natureza de épocas anteriores, uma disseminada crítica global à sociedade industrial e aos estilos de vida dela derivados. Esse ideário, embora circulante pelos movimentos em seu conjunto, esteve longe de homogeneizá-los e circunscrevê-los a uma única direção. Os movimentos ecológicos aglutinaram um conjunto amplo de sujeitos com interesses e propósitos muito variados (GUIMARÃES, 2008, p. 97).

Nessa trama podemos observar que o movimento ambientalista, feminista e outros movimentos sociais e políticos, emergem num contexto histórico e cultural. Assim, neste momento apresentamos alguns acontecimentos discursivos que dão visibilidade, condições de emergência para que a relação mulheres e natureza se constituam nos interstícios da Educação Ambiental, a fim de compreender alguns traçados históricos que fabricam discursos. O que nos interessa aqui é ver como a relação mulheres e natureza vem sendo “amarrada” a partir de diferentes conferências internacionais e atrelada ao campo de saber da Educação Ambiental, dando maior visibilidade para as mulheres convocando-as à proteção ambiental em nível global.

Ao analisar os programas globais das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD e União Internacional de Conservação da Natureza – UICN, conforme pesquisa realizada por Ávila, Ribeiro e Henning (2016), destaca-se a operação do gênero como dispositivo que, articulado aos dispositivos de Sustentabilidade e da Educação Ambiental, procura gerir a população para se alcançar o desenvolvimento sustentável. Nessa agenda global, o gênero vem enunciando e constituindo as mulheres na gestão do planeta para um melhor desenvolvimento no século XXI.

Isabel Carvalho (2012) nos provoca a repensar nosso olhar sobre as relações entre a sociedade e a natureza, isso significa “desnaturalizar” os modos de ver que tínhamos como óbvios, questionando conceitos já estabilizados em muitos campos da experiência humana. Através da nossa experiência histórica podemos reinventar novas maneiras de ser e de estar no mundo, já que as concepções de mundo e sua natureza são, muitas vezes, formas europeias de se ver a realidade. A Europa dos séculos XV e XVI foi condição indispensável para que vários lugares e sociedades fossem integrados em um espaço mundial, através das navegações e rotas de comércio, com a expansão do capitalismo (CARVALHO, 1991).

Com o auxílio dos fundamentos da Educação Ambiental, podemos examinar a crise ambiental que se instala, ao tensionar nossas heranças modernas. Questionar as verdades e certezas que nos fazem nos relacionarmos com a natureza de uma forma e não de outra, pensar nos tributos da ciência moderna em nossos modos de existir e conviver com a natureza. É a partir de Copérnico, Bacon, Descartes, Newton entre outros, que o Pensamento Moderno instaura modelos de técnica e ciência, formas de descrever e de dominar a natureza na atualidade.

A crise ambiental gerada e potencializada pela cultura ocidental, hoje dominante enquanto modelo cultural consolidado no planeta, mas também as formas de nos relacionarmos com o mundo se estabelecem através do paradigma científico. Arelada a esse discurso científico, a Organização das Nações Unidas (ONU) realizou a Primeira Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, em Estocolmo (Suécia), em junho de 1972, como consequência da reunião do Clube de Roma, realizada em 1968, que reuniu cientistas e empresários dos países industrializados. Esses cientistas publicaram

o livro “Limites do Crescimento”, no qual “deixaram clara a necessidade urgente de se buscar meios para a conservação dos recursos naturais e controlar o crescimento da população, além de se investir numa mudança radical na mentalidade de consumo e de procriação” (REIGOTA, 2014, p.22). Nessa conferência, as relações humanas com a natureza são pautadas pelo paradigma científico em que posiciona o homem como indivíduo humano, como centro e como protagonista tanto na destruição do planeta quanto na solução científica dos problemas ambientais. Em uma visão antropocêntrica, ele é obra e criador do ambiente:

O homem é ao mesmo tempo obra e construtor do meio ambiente que o cerca, o qual lhe dá sustento material e lhe oferece oportunidade para desenvolver-se intelectual, moral, social e espiritualmente. Em larga e tortuosa evolução da raça humana neste planeta chegou-se a uma etapa em que, graças à rápida aceleração da ciência e da tecnologia, o homem adquiriu o poder de transformar, de inúmeras maneiras e em uma escala sem precedentes, tudo que o cerca. Os dois aspectos do meio ambiente humano, o natural e o artificial, são essenciais para o bem-estar do homem e para o gozo dos direitos humanos fundamentais, inclusive o direito à vida mesma (CONFERÊNCIA, 1972).

As formas de ver a natureza e suas relações pautada pela racionalidade científica se constituem no dualismo do ambiente humano *natural* e *artificial*, segundo Isabel Carvalho (2012, p. 116), “no método científico, a separação entre sujeito e objeto desdobrou-se em outras polaridades excludentes: natureza/cultura, corpo/mente, sujeito/objeto, razão/emoção”. Para Garcia (1992) a dicotomia natureza/cultura não é universal nem há uniformidade no significado de natureza, cultura, masculino, feminino; portanto os significados e noções diferem entre homens e mulheres, assim como entre os homens, e entre as mulheres. Pode se constituir uma estratégia fértil para o pensamento ao desconstruir dicotomias (masculino/feminino, cultura/natureza, produção/reprodução, público-privado), problematizando os polos e evidenciando que cada polo não é uno, mas plural. Nas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos e femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e estar no mundo (LOURO, 2014).

A maneira de ver o mundo, as leituras de natureza são marcadas por essa tradição do pensamento ocidental, portanto para pensar e problematizar como a

relação mulheres e natureza vai se constituindo na Educação Ambiental na atualidade, se faz necessário pinçar alguns acontecimentos da história. Nesse texto, escolhemos alguns desses acontecimentos para compreender os processos de articulação que auxiliam na fabricação de um modo de relacionar mulher e natureza.

Começamos por olhar a Conferência de Estocolmo, entendendo que esta conferência inclui definitivamente o tema ambiental na agenda multilateral e como prioridade das futuras negociações sobre o meio ambiente. Além disso, a partir desse evento cria-se o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente – PNUMA. Também, conforme Reigota (2014), pela primeira vez trouxe à tona a necessidade de educar a todos os cidadãos e cidadãs para a solução dos problemas ambientais, conforme princípio 19 da Declaração da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano:

É indispensável um esforço para a educação em questões ambientais, dirigida tanto às gerações jovens como aos adultos e que preste a devida atenção ao setor da população menos privilegiado, para fundamentar as bases de uma opinião pública bem informada, e de uma conduta dos indivíduos, das empresas e das coletividades inspirada no sentido de sua responsabilidade sobre a proteção e melhoramento do meio ambiente em toda sua dimensão humana. É igualmente essencial que os meios de comunicação de massas evitem contribuir para a deterioração do meio ambiente humano e, ao contrário, difundam informação de caráter educativo sobre a necessidade de protegê-lo e melhorá-lo, a fim de que o homem possa desenvolver-se em todos os aspectos (CONFERÊNCIA, 1972) [grifo nosso].

Nesse mesmo sentido, enfatizando a importância para uma educação para as questões ambientais dirigida a todos os cidadãos, a Declaração da Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental (Tbilisi) promove que “a Educação Ambiental deve abranger pessoas de todas as idades e de todos os níveis, no âmbito do ensino formal e não formal” (CONFERÊNCIA, 1977). A partir dessa Conferência, realizada através da parceria entre a UNESCO e o Programa de Meio Ambiente – PNUMA/ONU, que foi possível definir a Educação Ambiental, assim como seus objetivos, princípios e estratégias que até hoje são adotados em todo o mundo (CZAPSKI, 1998). A Educação Ambiental está inserida em uma trama muito maior que ela própria, e apresenta-se como possibilidade de olhar, perceber e compreender as relações de interdependências estabelecidas entre nós e a natureza, objetivo presente desde a primeira Conferência de Tbilisi (1977):

[...] lograr que os indivíduos e a coletividade *compreendam a natureza complexa do meio ambiente natural e do meio ambiente criado pelo homem, resultante da integração de seus aspectos biológicos, físicos, sociais, econômicos e culturais*, e adquiram os conhecimentos, os valores, os comportamentos e as habilidades práticas para participar responsável e eficazmente da prevenção e solução dos problemas ambientais, e da gestão da questão da qualidade do meio ambiente (CONFERÊNCIA, 1977) [grifo nosso].

A partir da Conferência de Estocolmo e de Tbilisi, a Educação Ambiental toma forma em nível global através das Nações Unidas, convocando todas as pessoas para a mudança de atitudes e comportamentos humanos em relação ao ambiente, como também responsabilidade de toda a sociedade civil protegê-lo.

Na Conferência de Tbilisi, compreende-se que as relações humanas com a natureza são resultantes de uma integração de vários aspectos biológicos, físicos, sociais, econômicos e culturais, o que traz um grande desafio para o campo da Educação Ambiental. A participação de todos na resolução dos problemas ambientais globais presente nas categorias de objetivos na Conferência de Tbilisi (1977) torna-se como condições de possibilidade para que os movimentos ecológicos e sociais, inclusive feministas, aproximem-se da Educação Ambiental.

Mas, foi a partir de 1992, que houve maior participação das mulheres nas conferências mundiais, especialmente na Eco-92, com contribuições para a Agenda 21 da ONU (capítulo 24), a Agenda 21 de Ação das Mulheres por um Planeta Saudável e pela Paz (Fórum Global, Eco-92, revisada em Johannesburgo, 2002) e a IV Conferência das Nações Unidas sobre Mulher, Desenvolvimento e Paz (Pequim, 1995), assim como na Rio+20 a Declaração do Território Global das Mulheres (VIEZZER, 2013). Esses instrumentos colaboraram no sentido de provocar a mobilização para a reflexão e construção de atitudes de mulheres e homens em relação à crise ambiental, incorporando o Gênero nas decisões relacionadas com o ambiente internacional, nacional e local (BRAIDOTTI et al., 1994).

A Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente, realizada no Rio de Janeiro, em 1992, a ECO-92, teve como resultado dessa mobilização a Plataforma de Ação do Desenvolvimento Sustentável – Agenda 21 amplamente adotada pelos chefes de Estado, e mais especificamente o capítulo 24 que reúne um conjunto de recomendações, mecanismos e metas para integrar as mulheres e a questão de gênero em todos os níveis de governo e

nas ações da Organização das Nações Unidas (CASTRO; ABRAMOVAY, 2005). Conforme o capítulo 24, intitulado “Ação Mundial pela Mulher, com vistas a um Desenvolvimento Sustentável e Equitativo” tem como base para a ação:

24.1. A comunidade internacional endossou vários planos de ação e convenções para a integração plena, equitativa e benéfica da mulher em todas as atividades relativas ao desenvolvimento, em particular, as Estratégias Prospectivas de Nairóbi para o Progresso da Mulher¹, *que enfatizam a participação da mulher no manejo nacional e internacional dos ecossistemas e no controle da degradação ambiental (...)* (CONFERÊNCIA, 1992) [grifo nosso].

No capítulo da Agenda 21, as mulheres são fundamentais no manejo e no controle de degradação ambiental, numa estrita relação entre elas e a natureza, visto não ser de hoje a proximidade entre ambas. Se atentarmos para a literatura ecofeminista, por exemplo, teremos algumas discussões sobre a relação de contribuição das mulheres com as questões ambientais. Na mitologia grega uma das primeiras representações divinas criadas pelos seres humanos foi a figura da Deusa, Gaia, a mãe terra. Ainda temos as deusas da natureza como ninfas - das florestas, das águas, das flores, da terra -, a Pachamama na cosmovisão andina. Nas mitologias Vikings e Celtas, bem como a literatura Wicca também podemos perceber uma relação próxima de culto à natureza (ANGELIN, 2014). Dessa forma, percebemos a proximidade das mulheres com os elementos, recursos e manejos com a natureza ser histórica e cultural.

Como foco de investimentos para as questões ambientais tomamos o movimento das mulheres na ECO-92 como condições de possibilidade para emergência da relação mulheres e natureza nos interstícios da Educação Ambiental.

Paralelo à Conferência da ONU sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente, no Rio de Janeiro, em 1992, ocorreu o Fórum Global que segundo Carvalho (2012) foi o evento não governamental mais importante para o avanço da Educação Ambiental, nessa ocasião as Organizações Não Governamentais (ONGs) e os movimentos sociais de todo o mundo formularam o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis. O Fórum Global abrigou diversas tendas com diferentes enfoques, entre elas o Planeta Fêmea, o acontecimento das mulheres dentro do Fórum Global. No Planeta Fêmea, organizado pela Coalizão de Mulheres Brasileiras, mulheres de diferentes nacionalidades discutiram os problemas enfrentados e vividos no planeta e

formularam sua própria plataforma, a Agenda 21 de Ação das Mulheres, no qual trataram de temas como globalização, militarismo, governança, pobreza, direito da terra, segurança alimentar, direito das mulheres, direitos reprodutivos, ciência, tecnologia e educação, incluindo recomendações como novas formas de educação, preservação de recursos naturais e participação no planejamento de uma economia sustentável (CASTRO; ABRAMOVAY, 2005). Oliveira (1992, p. 142) sobre “Memórias do Planeta Fêmea” relembra:

A presença das mulheres na Eco 92 teve antes de mais nada uma função poética de invenção sideral. No sentido mais nobre da poesia, o de "manter sempre teso o arco da promessa". Foi por isso mesmo uma função política por excelência, a de recolocar o Sentido na linha do horizonte, linha que recua sempre, mas que nos faz desejar, linha que espelha todo movimento. Espelho do movimento, do nosso, Movimento de Mulheres.

A mobilização das mulheres na ECO-92 obteve alguns resultados: abriu espaço para a sua participação em todas as conferências da ONU, assim como o documento Agenda 21 das Mulheres por um Planeta Saudável balizou a intervenção do movimento feminista nas conferências que ocorreram nas próximas décadas; e consolidou uma visão de que o feminismo e ecologia estavam intrinsecamente ligados, uma vez que ambos propunham profundas mudanças na ordem natural, baseada na justiça social (CASTRO; ABRAMOVAY, 2005).

A partir IV Conferência das Nações Unidas sobre a Mulher (Pequim, 1995) houve a promoção dos objetivos de igualdade de gênero, desenvolvimento e paz para todas as mulheres do mundo. Assim, conforme essa Declaração da IV Conferência, faz-se necessário um desenvolvimento social equitativo que reconheça que dar aos pobres, em particular às mulheres que vivem na pobreza, a possibilidade de utilizar os recursos ambientais de maneira sustentável (Item 36, CONFERÊNCIA, 1995). Justificamos, então, a escolha deste evento internacional como um acontecimento discursivo, um marco histórico ao reconhecer que para criar um novo paradigma de desenvolvimento é fundamental que se integre a preservação ambiental com a justiça e igualdade de gênero. A Plataforma de Ação da IV Conferência das Nações Unidas sobre Mulher, Desenvolvimento e Paz, quanto aos objetivos estratégicos e medidas, no item “A Mulher e o Meio Ambiente” que se baseia no capítulo 24 da Agenda 21 visto anteriormente:

248. Mediante a gestão e o uso dos recursos naturais, as mulheres dão sustentação à família e à comunidade. Como consumidoras, produtoras, educadoras e responsáveis pelo cuidado de suas famílias, as mulheres desempenham importante papel na promoção do desenvolvimento sustentável, pela sua preocupação com a qualidade e a sustentabilidade da vida para as gerações atuais e futuras. Os governos têm manifestado sua intenção de estabelecer um novo paradigma de desenvolvimento, capaz de integrar a preservação do meio ambiente com a justiça e a igualdade de gênero, dentro de uma mesma geração e entre distintas gerações, como está expresso no capítulo 24 da Agenda 21 (CONFERÊNCIA, 1995, p. 236).

Na seara da Educação Ambiental, o conceito de Gênero traz visibilidade para as mulheres, posicionando-as como protagonistas para um futuro sustentável do Planeta. Com isso, observamos que na Eco-92 aparecem as questões das mulheres com o meio ambiente e depois as próximas conferências começam a abordar gênero e desenvolvimento sustentável. Além disso, o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, fruto dos debates, disputas e lutas que perpassam as conferências ambientais apontam para a dimensão de gênero como parte do processo educativo para uma sociedade sustentável. Assim, podemos notar as rachaduras provocadas pelo gênero na Educação Ambiental, já que considerava o homem como representação da humanidade. Nos princípios do tratado é destacada a corresponsabilidade dos gêneros na produção, reprodução e manutenção da vida. Além disso, enfatiza que a Educação Ambiental deve promover o diálogo e a cooperação a fim de criar novos modos de vida sem distinção de gênero e intersecções de raça, idade, classe, religião, etc.

No contexto histórico e cultural, a construção mútua dos movimentos ambientalistas e feministas, em diversas instâncias governamentais e não governamentais, destaca-se a relação das mulheres com a natureza na seara da Educação Ambiental. Logo, se, em dado momento histórico, temos o homem como centro da resolução dos problemas ambientais pautado pela racionalidade científica, agora nesta nova trama, em um momento de crise mundial convocam-se as mulheres para proteção e cuidado do planeta.

O que nos interessa aqui, não é destacar o certo e o errado nas nossas relações com a natureza, mas evidenciar as construções históricas e culturais que constituem essa relação. E principalmente mostrar o quanto esses modos de pensar, valorizar e se relacionar com a natureza vêm se constituindo e se modificando pela história e cultura, com o intuito de problematizarmos e

(re)inventarmos novos modos de nos relacionar com a natureza na atualidade nos interstícios da Educação Ambiental.

2.4. Considerações Finais

Com esse capítulo pretendemos pesquisar como a relação entre mulheres e pampa é atravessada por uma cultura gaúcha, na construção das relações com a natureza, nos indicando pistas para uma Educação Ambiental. Assim, buscamos rastrear essa proposta a partir da divisão de três seções. Com a primeira, problematizamos certezas e verdades sobre a trama histórica e cultural que vem tradicionalmente posicionando o gaúcho na centralidade e as mulheres como coadjuvantes. Para isso olhamos alguns acontecimentos discursivos como a criação de uma literatura regionalista no final do século XIX e no início do século XX, assim como a fundação do primeiro Centro de Tradições Gaúchas, na metade do século XX, apresentando um discurso que vem sendo retomado e atualizado até os nossos dias. Na segunda seção buscamos dar visibilidade para a relação mulheres e natureza no pampa gaúcho. Pinçamos da literatura o conto “Secreto Segredo” do escritor Aldyr Schlee e o “Diário de Cecília de Assis Brasil” escrito por Cecília, ao olhar para a vida das mulheres infames, em uma relação que não é exaltada e glorificada como a do gaúcho e o pampa. Na terceira seção, nossa pretensão foi pensar e problematizar como as relações mulheres e natureza vêm sendo amarrada a partir de diferentes conferências internacionais e atrelada ao campo de saber da Educação Ambiental. Olhamos para alguns eventos científicos tão caros à nossa área como a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano (Estocolmo, 1972), a Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental (Tbilisi, 1977), a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente (Rio de Janeiro, 1992) e a IV Conferência das Nações Unidas sobre a Mulher (Pequim, 1995).

Esta intersecção entre estes três elementos Mulheres, Pampa e Natureza, nos coloca a pensar nos espaços possíveis da Educação Ambiental. Como nos constituímos mulheres, marcadas por uma tradição gaúcha e por problemas ambientais que nos acompanham há muitas décadas? Essa problematização fez com que criássemos uma pesquisa que busca investir na articulação desses três

elementos e nos modos como mulheres desse cenário social, político, econômico e cultural acionam certa educação ambiental. Por isso a principal indagação desse estudo é entender “Como mulheres ambientalistas do pampa gaúcho narram suas relações com a natureza e a Educação Ambiental?”

Na sequência dessa dissertação, evidenciamos ao(à) leitor(a) os contornos do *corpus* empírico desse estudo, buscando explorar as pistas metodológicas para realização da Charla do Pampa, tramando-a com a arte e a filosofia.

CAPÍTULO III

VIDAS INFAMES NO PAMPA: ENTRE CHARLAS E MATES

*"Está vendo aquele umbu, lá embaixo,
À direita do coxilhão?"*

*No manantial
Eu vi nascer
Uma rosa
Baguala*

*"Vancê está vendo bem agora?"
(RAMIL, 1997) [grifo do autor]¹¹*

*Sempre dói na alma, mexer nestas lembranças. E há quem não acredite!...
A cruz...onde já foi!...mas a roseira baguala, lá está! Roseira que nasceu do talo da rosa que ficou boiando no lodaçal no dia daquele cardume de estropícios...
Vancê está vendo bem, agora?
Pois é...coloreando sempre! Até parece que as raízes, lá no fundo do manantial, estão bebendo sangue vivo no coração da Maria Altina... (LOPES NETO, 2011, p. 71)*

¹¹ Música de Vitor Ramil baseada no conto "No Manantial" de João Simões Lopes Neto <https://www.youtube.com/watch?v=cnTBNE7xIOE>

Você está vendo bem agora? Pergunta Blau Nunes - personagem de João Simões Lopes Neto ao patrício -“Pois é... coloreando sempre!” A rosa baguala, indomável, persistente em meio ao manancial. Lembranças de Blau, memória, história, cultura, posições marcadas. Maria Altina nos faz lembrar as mulheres do pampa, vidas singulares, vidas infames esquecidas pela história oficial, a rosa mostra-se na potência de re-existência, de re-viver, de re-invenções, assim como a milonga de Vitor Ramil mostra um convite potente para pensar, silenciar e ouvir... Ouvir novas vozes, outras tantas histórias possíveis no pampa gaúcho, redefinir e reinventar posições do feminino e do masculino, se relacionar com o pampa com outros devires. Começamos a escrita deste capítulo com o pensamento na rosa... “coloreando sempre!”

Traçando os caminhos possíveis desta investigação, provocamos e problematizamos o estudo a partir de uma reflexão filosófica daquilo que constitui a própria pesquisadora: *uma mulher ambientalista do pampa gaúcho*. Essas mulheres, incluindo a própria pesquisadora, são atravessadas pela Educação Ambiental, constituídas de muitos discursos de verdades, tecidas e fabricadas como sujeitos deste mundo. Com esta preocupação realizamos as conversas com as mulheres-narradoras desta pesquisa.

Como foi dito anteriormente, ousamos conversar e pesquisar... E nas conversas, charlas, com estas mulheres, muito mais foi falado do que apenas registrou-se nas gravações do áudio. Passar um período do dia com elas, tomar um mate e conversar, parte de entender isso como uma experiência a partir do encontro entre o eu e o outro. Vozes, risadas, alegria é o que nos lembramos de cada charla, de cada encontro. Essas mulheres entendem que fazem Educação Ambiental, que compreendem que educam ambientalmente. Narram suas experiências vinculadas à educação ambiental, suas relações com a natureza, com o pampa, num processo de construção tanto de sentidos de si, de suas experiências vividas, dos outros e do contexto histórico e cultural em que estão inseridas.

Até o momento, o capítulo 1 teve como foco o tema Pampa e Educação Ambiental, no qual abordamos os caminhos percorridos pela pesquisadora, assim como as ferramentas teóricas e metodológicas desta dissertação. Já no capítulo 2 realizamos um aprofundamento teórico sobre as relações entre mulheres e pampa constituídos histórica e culturalmente no Rio Grande do Sul,

nos apontando pistas para pensar as relações entre mulheres e natureza nos interstícios da EA.

Desde já o rigor teórico-metodológico é um desafio para a pesquisa. Lembramos aqui, uma vez mais, o objetivo geral desse trabalho: problematizar como mulheres ambientalistas do pampa gaúcho narram a sua relação com a Natureza e a Educação Ambiental, e a partir disso, mesmo de uma forma inicial, evidenciamos alguns atravessamentos históricos, culturais e estéticos que aí possam estar implicados.

Neste terceiro capítulo **Vidas infames no pampa: entre charlas e mates** buscamos aprofundar nas pistas metodológicas a partir de um devir menor, tramando a potência da arte e da filosofia para travar charlas com as mulheres ambientalistas. Para isso dividimos em duas seções esse capítulo.

A primeira seção **Criar um devir-menor** se torna fundamental para a metodologia desta pesquisa, uma vez que buscamos em autores(a) como Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Friedrich Nietzsche, Sílvio Gallo e Ana Godoy pistas para lançar o olhar para as narrativas de vidas ambientalistas no pampa gaúcho.

Após, na seção **Charlas, arte e filosofia** articulamos estes temas potentes para realizar as charlas com as mulheres a partir de um exercício filosófico, tramando com a arte as possibilidades de pensar o próprio pensamento, de suscitar, de tensionar verdades e saberes, de problematizar a educação ambiental tecida aqui, no pampa.

E assim evidenciamos mais uma vez que a pesquisa se trama nas experiências vividas pela pesquisadora e, mais, ela se constitui como um processo a ser amadurecido, pensado e repensado, nas conversas com colegas, com amigo(as) e com familiares, nas discussões e nos estudos do GEECAF, nas orientações e, até mesmo, nas solidões e silêncios matinais.

3.1. Criar um devir-menor

Ter o sonho contrário: saber criar um devir-menor (DELEUZE, GUATTARI, 2003, p. 56).

A partir de um exercício filosófico de trazer para esta pesquisa algumas pistas metodológicas, buscamos um devir-menor ao olhar para as vidas infames do pampa, para as vias de singularização de educação ambiental/educações

ambientais produzidas nos interstícios do pampa gaúcho, para isso nos munimos de leituras de autores(a) potentes para o campo filosófico Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Friedrich Nietzsche, Sívio Gallo e Ana Godoy.

Na obra “Kafka – por uma literatura menor” (2003), os filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari criaram o conceito de literatura menor com o intuito de estudar a obra de Franz Kafka¹². Esse último, escreveu em alemão, na impossibilidade de escrever de outra maneira e assim se apresenta como uma língua desterritorializada. Esta é uma das três principais características observadas para que se identifique uma obra como literatura menor.

Uma literatura menor não pertence a uma língua menor, mas, antes, à língua que uma minoria constrói numa língua maior. E a primeira característica é que a língua, de qualquer modo, é afectada por um forte coeficiente de desterritorialização (DELEUZE e GUATTARI, 2003, p. 38).

A desterritorialização da língua é a primeira característica da literatura menor, que subverte essa realidade de um território físico preenchido por uma cultura e tradição. Escapando dessa territorialidade forçada e instituída, “a literatura menor faz com que as raízes aflorem e flutuem (...) Ela nos remete a buscas, a novos encontros e a novas fugas” (GALLO, 2002, p. 172).

Na literatura menor tudo é político. Até sua existência é política, embora não traga necessariamente um conteúdo político expresso de forma direta. Assim, o próprio ato de existir é político e revolucionário, marcando a segunda característica desta literatura. O valor coletivo torna-se a terceira característica da literatura menor, aquela que, ao falar por milhares, expressa a coletividade, por isso os valores não pertencem ao escritor na sua individualidade, mas a toda a comunidade. Encontra-se, portanto, carregada de uma função de enunciação coletiva e mesmo revolucionária (GALLO, 2002; DELEUZE e GUATTARI, 2003).

Conforme o pensamento filosófico de Gilles Deleuze e Félix Guattari ao definirem a literatura menor, buscamos a partir dos escritos sobre educação menor de Sívio Gallo (2002) e sobre ecologia menor de Ana Godoy (2008) traçar estratégias para pensar nas narrativas sobre educações

¹² Nascido em Praga, escritor judeu-tcheco.

ambientais/educação ambiental produzidas e ensinadas no entremeio do pampa gaúcho.

Na potência de pensar a educação ambiental sob um devir-menor, funda-se um ato de revolta com o que está instituído; logo, travamos talvez resistências ao que é imposto e maior. Lançamos nosso olhar e nosso pensamento com um devir-menor para a educação ambiental produzida pelas mulheres-narradoras desta pesquisa que é expressa nas ações cotidianas de cada uma. Nesse sentido, traçamos estratégias para pensar em como a educação ambiental vem se produzindo e fabricando o próprio pampa e constituindo, assim, um viver pampeano e suas relações com a natureza.

Ao desterritorializar, deslocamos nosso olhar, não mais para as diretrizes, leis, conferências que formam, que constituem o campo da Educação Ambiental maior. Não que isso não seja importante para se pesquisar, mas aqui entendemos que não é o foco deste estudo. Miramos sim, com um devir-menor, para as narrativas de mulheres ambientalistas pampeanas que ensinam no seu dia a dia. Criar novas possibilidades para se pensar nosso campo de saber, buscar desterritorializar dos princípios, das normas e dos controles. Opor resistências e assim gerar possibilidades de aprendizagens que escapem, que busquem brechas....“Trata-se de opor resistência, trata-se de produzir diferenças. Desterritorializar. Sempre” (GALLO, 2002, p. 175).

A ramificação política de um devir-menor sob a educação ambiental, torna-se a possibilidade de se circunscrever em um nível micropolítico, de oferecer resistências e de criar brechas e fissuras num campo de saber tão bem consolidado. Há uma potencialidade e um devir político nas análises das narrativas femininas que revelam posições, condições culturais, históricas, políticas, de gênero e sociais dentre outras. Luta-se por um pensamento de resistência ao já estabelecido pela educação ambiental, seu lugar de “salvar a Terra”, tentando produzir frestas e ranhuras para criar possibilidades de intervenção, isto é, possibilidades contingentes para nosso campo de saber (HENNING, 2017).

Os pontos de resistências são móveis e transitórios, produzem fissuras, rompem unidades na sociedade, percorrem os próprios indivíduos, remodelando-os, em seus corpos e em suas almas, mas não se pode pensar nas resistências como algo que viriam romper, clivar as relações de poder, mas sim

como um determinado jogo e correlações de forças (FOUCAULT, 2010). Como escreve Foucault (2010, p.105) “lá onde há poder, há resistências” ela não está exterior às relações de poder, já que elas não podem existir senão em função de uma multiplicidade de pontos de resistência.

Portanto, não existe, com respeito ao poder, um lugar da grande Recusa – alma da revolta, foco de todas as rebeliões, lei pura do revolucionário. Mas sim resistências, no plural, que são casos únicos: possíveis, necessárias, improváveis, espontâneas, selvagens, solitárias, planejadas, arrastadas, violentas, irreconciliáveis, prontas ao compromisso, interessadas ou fadadas ao sacrifício; por definição, não podem existir a não ser no campo estratégico das relações de poder (FOUCAULT, 2010, p. 106).

A partir de um pensamento menor, é relevante pensar nas resistências possíveis e necessárias ao analisar as narrativas das mulheres, como também resistir ao que está dado como “natural” nas relações mulheres-natureza, no pampa gaúcho. Dessa forma, nosso desejo é trazer para esta pesquisa uma estética do “menor” ao compartilhar mates e conversas.

A educação ambiental como princípio é uma educação política como nos fala Reigota (2014), mas no caso da EA menor evidencia-se quando tratamos de empreendimento de revolta, criando trincheiras num nível cotidiano e micro. Assim como na educação menor:

A ramificação política da educação menor, ao agir no sentido de desterritorializar as diretrizes políticas da educação maior, é que abre espaço para que o educador-militante possa exercer suas ações, que se circunscrevem num nível micropolítico. A educação menor cria trincheiras a partir das quais se promove uma política do cotidiano, das relações diretas entre os indivíduos, que por sua vez exercem efeitos sobre as macro-relações sociais. Não se trata, aqui, de buscar as grandes políticas que nortearão os atos cotidianos, mas sim de empenhar-se nos atos cotidianos. Em lugar do grande estrategista, o pequeno “faz-tudo” do dia a dia, cavando seus buracos, minando os espaços, oferecendo resistências (GALLO, 2002, p. 175).

Entendemos que o caminho metodológico traça-se num viés menor, nesta pesquisa, ao empenharmos nos atos cotidianos narrados por estas mulheres ambientalistas, no dia a dia de resistências e lutas diárias no pampa gaúcho. Na perspectiva desse caminhar, nos provocamos às experimentações metodológicas na tentativa de desarmar e desatar as amarras que produzem a educação ambiental, na interlocução entre ecologia e educação.

Nesta perspectiva, as intervenções no cotidiano são pensadas como in(ter)(trans)ve(nç)(rs)ão, isto é como experimentações liberadoras e afirmativas da potência de desmanchamento de amarras

condicionantes - cuja expressão maior é o senso comum -, potencializando as sensibilidades diversas e as existências singulares em proveito da intensificação e expansão da vida, e não de sua mera conservação. Como desmanchar essas amarras? Produzindo desvios, utilizando os materiais para produzir outra coisa, produzir de outro modo, exercitando uma escuta da diferença que se faz no encontro com as intensidades, e que nos chegam como perturbação, mal-estar ou inquietação, permitindo-nos sermos arrancados de nossos territórios para experimentar paisagens até então desconhecidas, paisagens que permanecem encobertas pelos clichês (GODOY, 2008, p. 13).

Um caminho que traçamos experimentando paisagens, talvez outras, ou talvez apenas despercebidas e desconhecidas, faz-nos olhar para o pampa, para as mulheres e para a natureza com devires menores, desterritorializando e deslocando, assim como um ato político de olhar para as coisas ínfimas, para a história infame, para ecologia menor ou para mais e mais educações ambientais possíveis!

O movimento dessa caminhada faz com que miremos para as vidas infames narradas nesta pesquisa com sensibilidade e criatividade. Não buscamos glória e muito menos pretendemos trazer à tona para a história oficial, podemos sim deixar estas narrativas na infâmia, sendo “inútil buscar neles um outro rosto, ou conjecturar uma outra grandeza” (FOUCAULT, 2003, p. 206) para o que foi dito nas charlas. Longe de enaltecer, aspiramos intensificar as narrativas dessas mulheres infames do pampa atendendo a Foucault (2003, p. 207) “que a *Vida dos homens infames* possa se estender a outros tempos e a outros lugares” [grifo do autor].

Desde já explicamos aos(às) leitores(as) que não propomos caminhos, modelos ou soluções, mas sim conexões e conexões múltiplas, viabilizando uma característica de rizomas, “importa fazer rizoma”¹³ (GALLO, 2002, p. 175). Nesta trajetória metodológica que assume paisagens diferentes e permite desamarrar-nos dos territórios, que busca resistir como ato político e procura um valor e uma singularização coletiva.

Na educação menor, não há a possibilidade de atos solitários, isolados; toda ação implicará em muitos indivíduos. Toda singularização será, ao mesmo tempo, singularização coletiva. A educação menor é um exercício de produção de multiplicidades (GALLO, 2002, p. 176).

¹³ O autor Silvio Gallo se aproxima do conceito de rizoma presente no livro “Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, escrito por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995): “um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo ‘ser’, mas o rizoma tem como tecido a conjunção ‘e... e... e...’ ”(p. 35) .

Permitindo-nos outras maquinações de escutas, de multiplicidades, de diferença para no ato desta caminhada fabricar o próprio caminho, não linear, não com começo e fim, mas de entremeio, de entre-ser, de rizomas e conexões. Nas charlas que nos propomos com as mulheres, ao falarem de si, entendemo-las como um compartilhar de multiplicidades de suas experiências e histórias, havendo um processo múltiplo que faz conexões com os modos de viver de outras mulheres e com as relações de gênero existentes no pampa. Elas falam a partir de seus mundos, de suas relações, de seus lugares e posições, assumindo assim um valor coletivo.

Se o conceito de menor afirma uma potência, não é definível por si mesmo e portanto, há que se compor com ele, conectando-o a outros conceitos e noções, há que se trabalhar *entre* eles e *com* eles, mas nunca *sobre* eles, a não ser que se queira fazer história...Ora, trata-se de experimentar outros arranjos, inventando outras maquinações, que possibilitem levar os conceitos e as noções ao máximo de sua potência; por isso, eles não podem ser aplicados como curativo para um pensamento enfermo, por meio de uma simples transposição sem que se dê um abalo ou transformação (GODOY, 2008, p. 59).

A importância de tais considerações diz respeito aos caminhos que escolhemos, portanto não queremos inventar um método, ou uma verdade, mas, buscar na multiplicidade e na mutação, nos despir de identidades e permanências, experimentando arranjos e maquinações a partir de um devir minoritário. Nos basta caminhar, conversar, pesquisar...; por isso, nos interessamos nas narrativas dessas mulheres do pampa no que há de menor, de infame, de contingente e de descontínuo.

“É preciso retomar as análises táticas e estratégicas num nível extraordinariamente baixo, ínfimo, cotidiano. É preciso repensar a batalha universal, escapando das perspectivas do Apocalipse” (FOUCAULT, 2006, p. 96). Através das charlas com estas mulheres, que narram suas vidas, seus cotidianos e suas vidas infames, tomaremos suas palavras na intensidade, por que vidas reais foram desempenhadas nestas narrativas: histórias, relatos, experiências, modos de ser e de viver no pampa gaúcho, modos de se relacionar com a natureza de uma maneira e não de outra. Eis aqui as infâmias das quais nós queremos pesquisar.

3.2. Charlas, arte e filosofia

Com a potência de um pensamento menor deleuziano partimos para a investigação narrativa ao realizar as charlas com as mulheres narradoras desta pesquisa: Lala, Aradia e Dona Corunilha¹⁴. As experiências de vidas narradas, o modo como elas experienciam o mundo, o pampa, suas relações com a natureza e a educação ambiental foi o mote principal das conversas e mates.

Por meio de um devir menor e da “Vida dos homens infames” articulamos pistas metodológicas para pensar esta pesquisa; então, a arte e a filosofia são pistas que nos impulsionam a pensar e a articular as conversas com as mulheres-narradoras. Nosso desejo era que, na produção de dados, diante das charlas, essas mulheres pudessem ser atravessadas, provocadas, suscitadas pela arte e pela filosofia para pensar as discussões sobre educação ambiental, pampa, natureza e cultura.

A filosofia, a passos de Michel Foucault, se constitui na necessidade de “multiplicar os caminhos e as possibilidades de idas e vindas” (2005, p. 304), de tomar outros rumos, desfazendo nossas familiaridades e nos potencializando a olhar de modos diferentes. Mas o que nos move a percorrer estes rumos? É a curiosidade que nos provoca, que nos inquieta:

A curiosidade é um vício que foi estigmatizado alternativamente pelo cristianismo, pela filosofia e mesmo por uma certa concepção da ciência. Curiosidade, futilidade. A palavra, no entanto, me agrada; ela me sugere uma coisa totalmente diferente: evoca "inquietação"; evoca a responsabilidade que se assume pelo que existe e poderia existir; um sentido agudo do real mas que jamais se imobiliza diante dele; uma prontidão para achar estranho e singular o que existe à nossa volta; uma certa obstinação em nos desfazermos de nossas familiaridades e de olhar de maneira diferente as mesmas coisas; uma paixão de apreender o que se passa e aquilo que passa; uma desenvoltura, em relação às hierarquias tradicionais, entre o importante e o essencial (FOUCAULT, 2005, p. 304).

A curiosidade como paixão de apreender, nas charlas, com essas mulheres o que se passa e aquilo que passa nas suas relações com a natureza, com o pampa e com a educação ambiental. Por isso aqui não realizamos simplesmente entrevistas, mas sim trazemos a filosofia para a roda de mate. Provocamos o pensamento, questionamos e muito, inclusive a nós mesmas. E como nos fala Foucault:

¹⁴ Os nomes foram escolhidos pelas mulheres-narradoras para manter o anonimato.

De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir. [...] Mas o que é filosofar hoje em dia – quero dizer, a atividade filosófica senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? Se não consistir em tentar saber de que maneira e até onde seria possível pensar diferentemente em vez de legitimar o que já se sabe? (FOUCAULT, 1984, p. 13)

Aceitamos o convite de Foucault em fazer filosofia na pesquisa, na escrita, na produção dos dados e na charla. Compreendemos que na produção de dados não há neutralidade e sim escolhas e caminhos perseguidos, ao longo da escrita desta pesquisa, tornando-se potente para o que nos propomos como problema de pesquisa. Isso contribuiu para a maneira como realizamos as charlas no entrelaçamento, no emaranhado entre arte e filosofia, no cuidado com a intensidade do encontro com as mulheres, na intensidade de suas e de nossas vozes.

Muito mais do que procurar respostas certas ou erradas, verdadeiras ou falsas, buscamos nas charlas questionar, suscitar, experimentar o pensamento na coletividade, como uma atividade filosófica do pensamento sobre o próprio pensamento. E receber em “troca” outros tantos questionamentos e indagações como por exemplo: o que é ser pampeano? O que é o pampa?

O que é a filosofia senão uma maneira de refletir, não exatamente sobre o que é verdadeiro e sobre o que é falso, mas sobre nossa relação com a verdade? [...] É filosofia o movimento pelo qual, não sem esforços, hesitações, sonhos e ilusões, nos separamos daquilo que é adquirido como verdadeiro, e buscamos outras regras de jogo. É filosofia o deslocamento e a transformação dos parâmetros de pensamento, a modificação dos valores recebidos e todo o trabalho que se faz para pensar de outra maneira, para fazer outra coisa, para tornar-se diferente do que se é (FOUCAULT, 2005, p. 305).

Na pesquisa aqui realizada não bastaria perguntar sobre a relação mulher-natureza no pampa gaúcho para a partir daí produzir um conhecimento dado como verdadeiro na ciência. Mas sim, na potência de provocar o pensar de outra maneira, para torna-se diferente do que se é, e aqui vemos a importância de modificar valores dados como naturais nas relações com a natureza. Nesse sentido, afirmamos que filosofia é ensaio, é movimento, são deslocamentos!

A arte tecida junto à filosofia neste momento da pesquisa, se torna a potência de possibilitar outros deslocamentos - de tensionar, de disparar o pensamento - ao que está dado ao campo de saber da educação ambiental. Um

campo amplamente discutido e produzido no mundo moderno, mas que nos faz pensar o que pode e o que ainda cabe neste conceito, como também quais as possibilidades possíveis da educação ambiental.

O filósofo e historiador da arte, Georges Didi-Huberman dedicado aos estudos sobre imagens nos potencializa a pensar sobre a arte, através do texto “Quando as imagens tocam o real” (2012). Nele, Didi-Huberman parte “da hipótese de que a imagem arde em seu contato com o real” ao questionar que tipo de conhecimento pode dar lugar à imagem (2012, p. 207). Dessa forma, podemos pensar na arte, na música, na poesia e nas fotografias trazidas na charla, com as mulheres ambientalistas do pampa.

Não se pode falar do contato entre a imagem e o real sem falar de uma espécie de incêndio. Portanto, não se pode falar de imagens sem falar de cinzas. As imagens tomam parte do que os pobres mortais inventam para registrar seus tremores (de desejo e de temor) e suas próprias consumações (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 210).

Como uma espécie de incêndio que arde quando nos tocam, a arte arde como brasas quando em seu contato com o real. Mas o que acontece quando isso ocorre? O que produz? Didi-Huberman (2012 p. 209) nos fala sobre seu caráter ardente e atravessamentos possíveis para a arte ao tocar o real, ao afirmar que “Nunca a imagem se impôs com tanta força em nosso universo estético, técnico, cotidiano, político, histórico”.

Porque a imagem é outra coisa que um simples corte praticado no mundo dos aspectos visíveis. É uma impressão, um rastro, um traço visual do tempo que quis tocar, mas também de outros tempos suplementares – fatalmente anacrônicos, heterogêneos entre eles – que não pode, como arte da memória, não pode aglutinar. É cinza mesclada de vários braseiros, mais ou menos ardentes (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 216).

Levamos adiante a potência ardente da arte ao trazer para a charla fotografias, músicas e poesias na intenção de assoprar a brasa, de produzir possíveis pensamentos, saberes a partir deste contato com o real e com a vida, em diferente tempo-espço, mas que nos produz também como mulheres pampeanas.

A relevância do material da pesquisa, requer nosso olhar atento, porque na conversa individual com as mulheres observamos algumas pistas e inquietações que nos fazem querer explorar melhor e problematizar a Charla do Pampa, agora então, no coletivo. Dessa forma, foi realizada uma primeira

conversa individual com as mulheres narradoras a fim de conhecer a sua vida de luta ambientalista, questionando o que elas entendiam por educação ambiental, se elas compreendem que fazem educação ambiental, bem como se elas percebem diferenças entre a relação homem/natureza e mulher/natureza no pampa gaúcho.

Esses primeiros questionamentos foram importantes para delinear a pesquisa e trazer elementos fundamentais para o andamento da investigação até a qualificação, realizando-se, após esta, a Charla do Pampa.

Na primeira conversa individual com as mulheres - ao fazer-se uma análise prévia das experiências narradas sobre Educação Ambiental, de suas atitudes cotidianas atreladas à consciência ambiental e preocupações ambientais com o Planeta - foi possível encontrar pistas, marcas de uma subjetivação ecológica e um modo de ser e viver como sujeitos ecologicamente corretos.

Inquietadas com as narrativas, num segundo momento da pesquisa (a Charla do Pampa), potencializamos com estas mulheres-narradoras um espaço para pensarmos sobre três temas: relações com a natureza no pampa, relações mulheres-natureza, homens-natureza e sobre educações ambientais possíveis. Isso porque consideramos importante, para esta pesquisa, questionar como nós, enquanto educadoras ambientais, podemos alargar este conceito de EA? Como podemos pensar outras educações ambientais que não sejam exclusivamente pela via da condução de condutas adequadas, da conscientização, ou então pela via da sustentabilidade? (HENNING, MUTZ e VIEIRA; 2018) Como podemos criar vias de ressingularização através de uma ecologia menor?

Esses questionamentos tornam-se um desafio para nós, pesquisadoras, e para elas. Um desafio de pensar outras educações ambientais possíveis, menor, um outro modo de aprendizagem que passe pelo cuidado nosso, da nossa relação com o planeta e com o ambiente, não por uma expiação da culpa ou por medo da perda do Planeta, mas de mostrar uma responsabilidade individual e/ou coletiva, política e ética. E aqui, vemos a importância de evidenciar a ética, a partir de Michel Foucault, para potencializar a Educação Ambiental a partir “de um exercício de si sobre si mesmo através do qual se procura se elaborar, se transformar e atingir um certo modo de ser” (2006, p. 265). Isso implica uma

responsabilidade ética consigo mesmo e com o planeta em que vivemos, com o pampa e com a natureza da qual somos parte.

Na Charla do Pampa, utilizamos alguns artefatos culturais que foram trabalhados em pesquisas realizadas no seio do GEECAF, como as fotografias analisadas na tese de Renata Schlee (2018), as músicas pampeanas encontradas na pesquisa de Doutorado de Virgínia Vieira (2017), poesias e também trechos literários que discutimos no capítulo 2. Além disso, ficamos receptivas para encontrar outras frestas de ar possíveis, outros elementos e outros materiais que possam trazer um respiro e disparar nosso pensamento para *o que pode uma educação ambiental?* Estes artefatos nos ajudam a exercitar e a potencializar o pensamento.

O trabalho de um intelectual não é moldar a vontade política dos outros; é, através das análises que faz nos campos que são seus, o de interrogar novamente as evidências e os postulados, sacudir os hábitos, as maneiras de fazer e de pensar, dissipar as familiaridades aceitas, retomar a avaliação das regras e das instituições e, a partir dessa nova problematização (na qual ele desempenha seu trabalho específico de intelectual), participar da formação de uma vontade política (na qual ele tem seu papel de cidadão a desempenhar) (FOUCAULT, 2006, p. 249).

O desejo aqui é problematizar aquilo que já é dado como fundamental neste campo de saber da Educação Ambiental. Uma educação ambiental voltada para atitudes de preservação da vida e de cuidado com a natureza, muitas vezes antropocêntrica. Não é que existam educações ambientais mais corretas ou melhores que outras, mas para nós, que trabalhamos com esse campo de saber pelas vias de uma Filosofia da Diferença, o que interessa é um cuidado ético conosco mesmos perante a natureza, além de problematizar como podemos potencializar isso para que nós mesmos nos coloquemos em exame. Questionar e pensar no que Nietzsche escreve: como nos tornamos aquilo que somos? Há quantos anos a educação ambiental vem constituindo a própria pesquisadora? O exercício aqui, sem dúvida, não é somente com os sujeitos da pesquisa, mas conosco mesmos...

A partir da problematização, citada por Foucault (2006), de um exercício de exame e de reflexão filosófica da própria pesquisadora que para isso, pretendemos olhar para o conceito de natureza e suas relações entre os habitantes e o pampa; problematizar a Educação Ambiental tecida neste território pampeano e potencializar outras educações ambientais possíveis.

Possibilidades de pensar em como nos constituímos, nos fabricando como educadoras ambientais e de que forma vão se estabelecendo nossas relações de existência no pampa gaúcho. Olhamos para as narrativas dessas mulheres e vemos o quanto trama a trajetória de vida da pesquisadora, a qual dedica sua vida às causas ambientais.

No mês de agosto de 2018, foi realizada a Charla do Pampa com as mulheres. Apesar do frio intenso e peculiar do inverno pampeano, nesse dia o tempo estava quente e ensolarado após dias de chuvas, o que impossibilitou que acendêssemos a lareira. O ambiente foi preparado com antecedência: o enquadramento da imagem da filmadora, de maneira que ela ficasse discreta e mais imperceptível, e a disposição dos lugares em formato de meio círculo para que todas tivessem a possibilidade de se olhar, conversar e se levantar. Mas mais que isso, pensamos em um ambiente acolhedor, com mate e bolachinhas para compartilhar experiências de vida por meio de conversas cotidianas. Para isso escolhemos a sala da casa da pesquisadora, no município de Arroio Grande, como local para realizar a charla, a fim de que todas as mulheres-narradoras pudessem estar presentes na data e hora marcadas, visto a residência localizar-se em área central da Cidade.

Figura 6: Local da Charla do Pampa, Arroio Grande, RS.



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Após o primeiro momento de apresentações¹⁵ pessoais, foi exposta a pesquisa e seu andamento.

O primeiro tema **Relações com a natureza no pampa**, foi trabalhado diante de música, fotografias e algumas questões fundamentais para iniciar a tarde, conversando sobre pampa, natureza e cultura. Para esse momento inicial escutamos a música “Oveiro Picaço” de Lizandro Amaral (2005), composição que fez parte do material de análise na tese “Naturalismo Poético-pampeano: uma potência musical do pensar” de Virgínia Vieira (2017).

A escolha dessa música se deu pelo desejo de possibilitar pensar outros modos de relações com o pampa, entremeados de cultura e natureza. Vieira (2017) analisou essa composição, seus elementos musicais e sua relação com a poesia observando um importante deslocamento de uma posição central do gaúcho em relação ao ambiente natural para uma posição de codependência entre o humano e o cavalo.

A relação música e poesia reforça a força e a potência da música na produção de significados, avigora a construção de uma paisagem fria e intimista no pampa sulino que, de alguma maneira, nos constitui enquanto sujeitos de um tempo, de um lugar, atravessados constantemente pelos aspectos culturais e elementos naturais. No que se refere a estes, podemos dizer que a relação que o gaúcho institui com a natureza pampeana nos faz apreender o quanto esses elementos naturais, tão evidenciados pela corrente naturalista da EA como separados do homem, emergem como uma das condições de possibilidades para a sua própria constituição (VIEIRA, 2017, p. 93).

A música “Oveiro Picaço” é uma convocação para “parar para pensar, sentir, ouvir...” (VIEIRA, 2017, p. 92). A milonga, embora silenciasse as vozes das mulheres no início da charla, foi um convite para que juntas pensássemos sobre as relações com o pampa e o que há de cultura e natureza neste espaço pampeano.

Oveiro-negro picaço/Cabresto firme na cincha/Igual ao vento relincha/Luzindo as bragas do pelo/Há muito sonhava tê-lo/Junto aos preparos de prata/Pra luzir nas serenatas/De algum motivo sinuelo/Império "gaúcho" que leva/A liberdade andarilha/Clarim do tempo em vigília/Que se amansou pela crença/Do índio que em renascença/Voltou ao campo em teu nome/**Porque morrer não consome/Quem fez do campo querência**/Serenos nas serenatas/Será meu picaço-oveiro/Igual ao vento Pampeiro/Na precisão de andejar/E se careça rondar/**Os meus silêncios tropeiros/Saberá meu pingo oveiro/O que diz o meu cantar**/Aprendi o sabor da vida/No gosto antigo das sangas/Do boi ostentando a canga/Ao braço firme do pealo/Com a geadá ao canto do

¹⁵ Neste momento, algumas mulheres foram apresentadas pessoalmente, outras já se conheciam.

galo/**Na hora em que a alma entangue/Que percebi que meu sangue/É o mesmo do meu cavalo**/Quando provei dos caminhos em redomões e bolichos/Que percebi que meus vícios/Eram antigas paisagens/Carreiras, truco, linguagens/Por fronteiroço e domero/Achei um picaço oveiro/Igual à mim na paisagem/Quando apertei o pelego/E arrochei o bocal/Oveiro negro bagual pras correrias de guerra/Olhar imenso que encerra pequenas gotas de sanga/Que roubaram das pitangas/Genuíno amor pela terra! (AMARAL, 2005) [grifo nosso].

Na letra da milonga “Oveiro Picaço” citada acima, deixamos grifado trechos em que as mulheres narraram na charla sobre as relações natureza e cultura no pampa e que serão analisadas no capítulo 4. Em seguida expusemos uma sequência de fotografias, algumas do Arquivo pessoal (Figura 7, Imagens a,b e d) e outra fotografia (Figura 7, imagem c) do uruguaio Fabini, a qual pertence ao *corpus* empírico da tese de Renata Schlee (2018) intitulada “A vida, a arte e a educação ambiental nos atravessamentos de uma natureza pampeana”.

Na tese, Renata Schlee (2018) buscou investigar e problematizar como os fotógrafos e as suas fotografias fabricam uma natureza pampeana na atualidade. Dentre as fotografias escolhidas para análise na tese, pinçamos para esse momento a fotografia de Fabini (imagem c) por ser emblemática no pampa: figura masculina, usando chapéu e mirando o horizonte. Entendemos a importância de buscar no entrelaçamento entre arte e filosofia para o que se pretende na conversa com estas mulheres: problematizarmos, questionarmos e desconstruirmos posições marcadas pela história e cultura pampeana, assim como os modos de se relacionar com este ambiente.

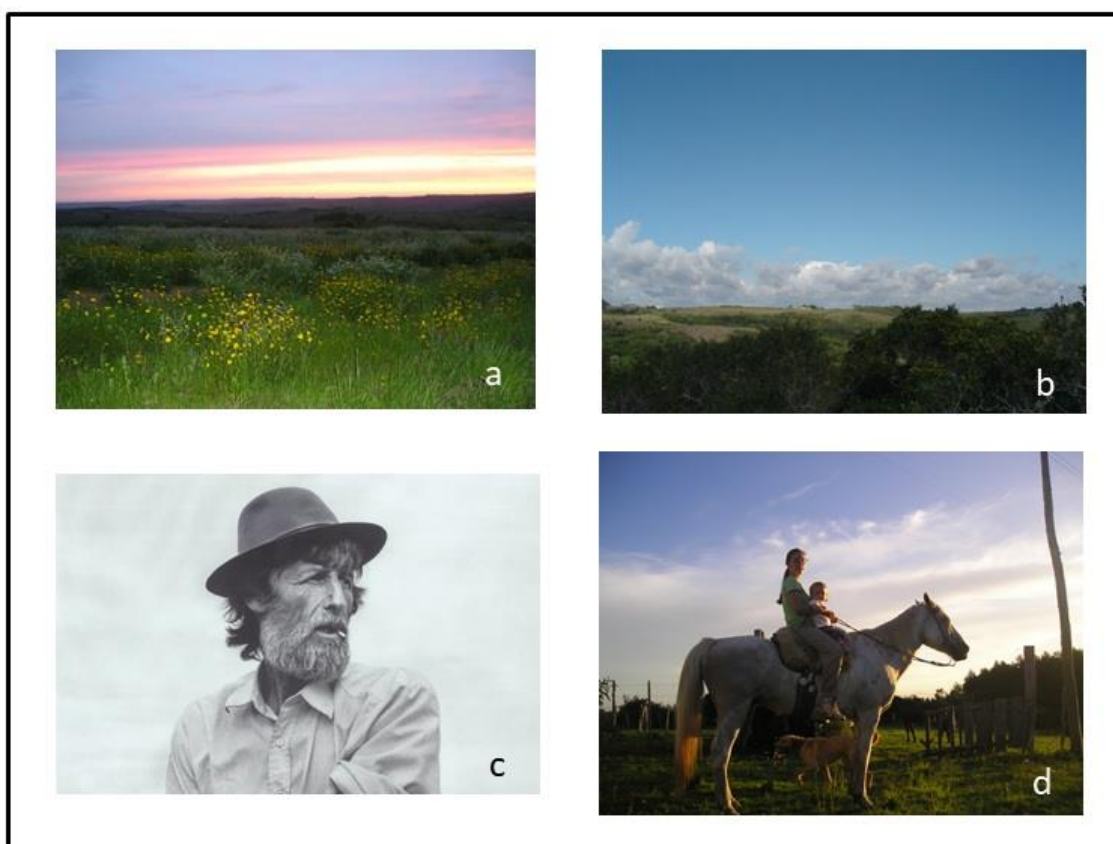
A fotografia de Fabini consta no livro “Gauchos” e junto a ela há uma legenda em que o fotógrafo relata a conversa ocorrida no momento da foto: “¿Qué es el gaucho? Luego de un largo silencio me dijo: ‘el gaucho es el terrón que pisa’. Lo comprendo al instante: el hombre se crea a semejanza de lo que hace. Es uno con lo que hace” (FABINI, 2012, p. 24). Na conversa com as mulheres, ao mostrar a fotografia de Fabini, essa legenda foi citada, ratificando que nos fala Renata Schlee (2018) sobre a fotografia e sua legenda:

O sujeito é representado pelo fotógrafo como um gaúcho e, sentindo-se em tal condição, quando perguntado, diz o que é sê-lo. A resposta é curta e nos direciona a pensar na terra, no espaço que esse sujeito habita e fabrica historicamente, assumindo, para ele, um papel definidor do próprio entendimento de si (SCHLEE, 2018, p. 78)

Primeiramente pensamos em abordar somente a fotografia do Fabini (Figura 7, Imagem c) mas optamos por selecionar um apanhado de fotografias que também representam o pampa, principalmente rural: paisagem natural (Imagem a), paisagem rural com habitações (Imagem b), um homem gaúcho (Imagem c), paisagem rural, mulher, criança e animais (Imagem d).

Após escutar a milonga e ver as imagens abaixo, provocamos as mulheres com algumas questões importantes para esta pesquisa: Quais as relações entre os habitantes do pampa e a natureza? Como podemos compreender o que é natureza e cultura no pampa? O que entendemos sobre que natureza e cultura produzem uma educação ambiental? Que Educações Ambientais são possíveis? Ao fazer essas perguntas na charla, objetivamos suscitar a suspeita e os deslocamentos, não esperando respostas mais certas ou mais verdadeiras que outras. As problematizações e provocações ao pensamento das mulheres foram importantes como estratégias para “fazerem-nas falar”, para elas narrarem sobre o tema proposto e os atravessamentos nas suas vivências.

Figura 7: Sequência de imagens sobre Relações com a natureza no pampa.



Fonte: Imagem a,b e d: Arquivo pessoal. Imagem c: FABINI, 2012, p. 9.

Após as falas que surgiram no primeiro momento, passamos então, para o segundo momento da charla, com o tema: **Relações mulheres-natureza, homens-natureza**. Inicialmente mostramos uma fotografia do fotógrafo brasileiro Zé Paiva (2008), que também fez parte do *corpus* empírico da tese de Renata Schlee (2018). Entendemos que essa imagem é fundamental para começar a conversa sobre humano e natureza e sobre as posições modernas que assumimos perante a natureza. Assim Schlee (2018) nos fala sobre a foto:

O homem, na figura masculina, observa a imensidão desse Pampa, dessa Natureza Gaúcha, como é o título do livro em que a foto faz parte. O homem faz parte dessa natureza? Ou está como observador (apartado e superior)? Diria que ele compõe essa natureza, mas é significativa sua posição na imagem (SCHLEE, 2018, p.65).

Figura 8: Imagem sobre a relação humano-natureza.



Fonte: Paiva, 2008

Logo após observar a imagem acima, questionamos as mulheres na charla: O que compõe esta fotografia? Que educação ambiental se produz a partir deste olhar?

Além da fotografia de Zé Paiva, buscamos outras imagens para ilustrar o que é tomado como natural e como verdadeiro nas relações homem/natureza e mulher/natureza na mídia. Com essa finalidade, pesquisamos no portal de

buscas Google: Homem e Natureza (Figura 9) e Mulher e Natureza (Figura 10) e obtivemos alguns resultados.

Na Figura 9 podemos ver imagens que ilustram relações de antropocentrismo do homem perante a natureza: homens segurando, mãos segurando moedas e uma planta, mão masculina com arma ameaçando a natureza, relações de contrato “se não me destruir, te darei sombra e oxigênio” e na última imagem há um homem contemplando o pôr do sol em posição de destaque em relação à natureza. Essas imagens nos remetem ao domínio do homem sobre a natureza.

Figura 9: Composição de algumas imagens sobre Homem e Natureza



Fonte: Google, 2018.

Já na Figura 10, vemos imagens em que a figura feminina encontra-se em consonância com a natureza, tais como árvore em forma de corpo feminino, mulher em meio ao verde com pombas brancas e na última imagem uma mulher em meio à natureza vestida com plantas. Ao colocar as palavras Mulher e Natureza, no Google, apareceram imagens que nos remetem a pensar sobre beleza, harmonia, equilíbrio, cuidado, proteção, conexão, integração.

Mas é importante pensarmos e problematizarmos o que é tomado como natural e óbvio nas relações das mulheres com a natureza e o meio ambiente. Por isso, após olhar para estas imagens perguntamos para as mulheres: O que compõem as imagens? Que posição as mulheres ocupam nessa relação?

Figura 10: Composição de algumas imagens sobre Mulher e Natureza



Fonte: Google, 2018.

Em seguida, realizamos a leitura do trecho do Diário de Cecília de Assis Brasil, mencionado no capítulo 2 desta dissertação:

Segunda-feira, 25 de dezembro (de 1916) – [...] Papai disse que dará um dote à filha que souber ser uma cozinheira de verdade. Não quero o tal dote, quero mostrar que sirvo para alguma coisa. Serviço é que não falta! Todos deviam nascer com o firme propósito de embelezar e tornar perfeito o canto do mundo em que vivem; por menor que seja, o esforço sempre há de aparecer. Tenho verdadeira pena de quem nunca comeu sequer uma batata plantada pelas suas próprias mãos, bem como dos que não conhecem os encantos que há na criação de um guacho, que nunca souberam como é bom colher flores no jardim onde se tenha acompanhado o desenvolvimento da planta, desde o primeiro broto saído da terra negra até alcançar os raios do sol, até abrir das pétalas em flor (ASSIS BRASIL, 1983, p. 24).

E mais uma vez, na charla, realizamos um exercício filosófico na possibilidade de pensar sobre o pensamento, de desterritorializar ao propor as

seguintes interrogações: Que posições as mulheres são assumidas ou colocadas nas relações com o pampa? Que outras posições são possíveis para homens e para mulheres no pampa?

O terceiro e último momento da Charla do Pampa, a **Educação Ambiental** foi o mote principal para a conversa com as mulheres. Lembramos que nas primeiras conversas individuais nos remeteram a pensar em uma EA que ensina nossos comportamentos cotidianos, vão nos ensinando determinadas ações frente ao pampa, à natureza, frente ao Planeta. Isso vai nos constituindo como educadoras ambientais e sujeitos ecológicos. Por isso trouxemos inicialmente algumas notícias da mídia, que muitas vezes nos convocam a ter atitudes ambientais: tomar banho em cinco minutos, eliminar o uso de sacolas plásticas, não usar mais canudos plásticos, por exemplo. Essas atitudes, que geralmente, são tomadas pelo medo da perda do planeta. Ao pesquisar no Google sobre Bioma Pampa + notícias (presente no capítulo 1), observamos conflitos, preocupações ambientais, questões sociais e culturais imbricadas na mídia:

O Pampa perdeu 38% de sua paisagem natural em 17 anos. Enquanto isso a área de agricultura cresceu 30% (Revista Época, 2017).

Pampa gaúcho é o segundo bioma mais desmatado no Brasil. Percentual de desmatamento nos campos do sul é de 54%. Mata Atlântica tem apenas 12% da área total preservada (G1, 2012).

O pampa virou areia: agronegócio intensifica processos de erosão no bioma gaúcho (Brasil de Fato, 2017).

Após a leitura das notícias, questionamos: como podemos pensar outras educações ambientais possíveis que não sejam pela via da condução das condutas adequadas? Ou então atitudes guiadas pela culpa, pelo terror e pelo medo da perda do planeta”?

Para finalizar a Charla, escutamos a música “Chimarrão” de Vitor Ramil (2008) e lemos a poesia de Fernando Pessoa, O Guardador de Rebanhos (1980). Na sequência da conversa a pesquisadora se sentiu provocada a falar sobre “A estética do frio” do músico e escritor Vitor Ramil (2004), a qual nos ajuda a pensar numa estética fria e intimista, pois nos produz como seres pampeanos. Foi feita a leitura do trecho: “o pampa pode ocupar, uma área pequena do território do Rio Grande do Sul, pode, a rigor, nem existir, mas é um vasto

fundo na nossa paisagem interior” (p.19). E assim, na charla compartilhamos histórias, vivências, partilhamos não somente mates, mas pensamentos.

Velho porongo crioulo,/Te conheci no galpão,/Trazendo meu chimarrão/Com cheirinho de fumaça,/Bebida amarga da raça/Que adoça o meu coração./Bomba de prata cravada,/Junto ao açude do pago./Quanta china ou índio vago/Da água seu pensamento/De alegria, sofrimento,/De desengano ou afago./Te vejo na lata de erva/Toda coberta de poeira,/Na mão da china faceira/Ou derredor do fogão,/Debruçado num tição/Ou recostado à chaleira./Me acotovelo no joelho,/Me sento sobre o garrão/Ao pé do fogo de chão,/Vou repassando a memória/E não encontro na história/Quem te inventou, chimarrão./Foi índio de pelo duro,/Quando pisou neste pago,/Louco pra tomar um trago,/Trazia seca a garganta,/Provando a folha da planta,/Foi quem te fez mate-amargo./Foste bebida selvagem/E hoje és tradição,/E só tu, meu chimarrão,/Que o gaúcho não despreza/Porque és o livro de reza/Que rezo junto ao fogão./Embora frio ou lavado,/Ou que teu topete desande,/Minha alegria se expande/Ao ver-te assim meu troféu,/Quem te inventou foi pra o céu/E te deixou para o Rio Grande (RAMIL, 2008)¹⁶.

Na potência de pensar e problematizar os atravessamentos estéticos, culturais, históricos e sociais que nos constituem mulheres ambientalistas do pampa, organizamos a Charla do Pampa. Na presença do chimarrão, nesta roda que “da água seu pensamento” buscamos criar espaços para pensar com afeto e compartilhamos nossas vidas. E, assim, seguir o convite do poeta, Fernando Pessoa, para pensar: “O mistério das cousas, onde está ele?” o pampa é apenas pampa, não há sentido oculto como nos fala o poeta, “as cousas não têm significação: têm existências”.

XXXIX

O mistério das cousas, onde está ele?
Onde está ele que não aparece
Pelo menos a mostrar-nos que é mistério?
Que sabe o rio disso e que sabe a árvore?
E eu, que não sou mais do que eles, que sei disso?
Sempre que olho para as cousas e penso no que os homens pensam delas,
Rio como um regato que soa fresco numa pedra.
Porque o único sentido oculto das cousas
É elas não terem sentido oculto nenhum,
É mais estranho do que todas as estranhezas
E do que os sonhos de todos os poetas
E os pensamentos de todos os filósofos,
Que as cousas sejam realmente o que parecem ser
E não haja nada que compreender.
Sim, eis o que os meus sentidos aprenderam sozinhos: —
As cousas não têm significação: têm existência.
As cousas são o único sentido oculto das cousas.

XL

Passa uma borboleta por diante de mim

¹⁶ <https://youtu.be/n7bbfgUjKUK>

E pela primeira vez no Universo eu reparo
Que as borboletas não têm cor nem movimento,
Assim como as flores não têm perfume nem cor.
A cor é que tem cor nas asas da borboleta,
No movimento da borboleta o movimento é que se move,
O perfume é que tem perfume no perfume da flor.
A borboleta é apenas borboleta
E a flor é apenas flor (...)

XLVII

Num dia excessivamente nítido,
Dia em que dava a vontade de ter trabalhado muito
Para nele não trabalhar nada,
Entrevi, como uma estrada por entre as árvores,
O que talvez seja o Grande Segredo,
Aquele Grande Mistério de que os poetas falsos falam.
Vi que não há Natureza,
Que Natureza não existe,
Que há montes, vales, planícies,
Que há árvores, flores, ervas,
Que há rios e pedras,
Mas que não há um todo a que isso pertença,
Que um conjunto real e verdadeiro
É uma doença das nossas ideias.
A Natureza é partes sem um todo.
Isto é talvez o tal mistério de que falam.
Foi isto o que sem pensar nem parar,
Acertei que devia ser a verdade
Que todos andam a achar e que não acham,
E que só eu, porque a não fui achar, achei. (PESSOA, 1980, p. 160-162).

Existências, vidas que desempenham posições no pampa, que buscam através da vida ambientalista uma relação de pertencimento ao pampa. Neste último momento da charla algumas questões foram lançadas, após o momento de audição da música e da leitura da poesia, pela pesquisadora: Que outras educações ambientais são possíveis nos espaços do pampa gaúcho? Como nós enquanto educadoras ambientais podemos alargar este conceito de EA?

Na roda de mate, a charla foi finalizando com vontade de seguir a conversa. Ao agradecer as mulheres, presenteamos cada uma com postais de obras de arte do artista arroio-grandense Zé Darci. Torna-se relevante mencionar que, em suas obras, o artista trabalha com a identidade negra na Guerra dos Farrapos. Isso nos provoca a pensar nos outros modos de contar a história do pampa, para além da história oficial, pensar nas vidas infames do pampa.

Nessa seção, apresentamos ao(a) leitor(a) os passos que compõe a Charla do Pampa, no entrelaçamento entre arte e filosofia, na possibilidade de realizar a pesquisa e a produção de dados de modo singular e poético.

3.3. Considerações Finais

O nosso desejo com esse capítulo foi o de nos aproximarmos de importantes pistas metodológicas: a partir do devir menor deleuziano potencializar a investigação narrativa, por meio da charla com as mulheres ambientalistas tramando com a arte e a filosofia.

Portanto, tomamos por base preceitos teóricos como pistas metodológicas na primeira seção **Criar um devir-menor**, e, para isso, assim nos debruçamos em leituras de autores(a) como Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Friedrich Nietzsche, Sílvio Gallo e Ana Godoy.

Na segunda seção **Charlas, arte e filosofia** articulamos esses temas para a realização da produção de dados na pesquisa, na potência de pensar os atravessamentos culturais, estéticos e sociais, compartilhamos mates e conversas com as mulheres narradoras.

Finalizamos o capítulo, cujos os estudos realizados nos ajudaram a olhar para as narrativas das mulheres ambientalistas pampeanas. Dando sequência ao trabalho, partimos para o próximo capítulo cujas análises, ao pensar nas vidas narradas, são tramadas pela cultura, pela natureza e pela educação ambiental no pampa.

CAPÍTULO IV
**VIDAS NARRADAS: NA TRAMA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL,
CULTURA E NATUREZA NO PAMPA**



*“Che paisano”
No importa si hay charla o silencio,
el mate nos da el tempo
para que las miradas se encuentren (FRERS, 2019).*

O mate nos dá o tempo necessário para a charla, para o silêncio, para mirar, para olhar, para escutar... Na charla com as mulheres, ficaram as lembranças de uma tarde aconchegante, compartilhada de mates e memórias fantásticas, de histórias de vida contadas. Agora, neste último capítulo nos dedicamos às análises das narrativas. No entanto, fez parte deste movimento escutá-las e escutá-las, repassando e transcrevendo o que foi dito.

O material em análise compreende uma gama riquíssima de narrativas que potencializam as discussões no campo de saber da Educação Ambiental, através de suas experiências de vidas narradas por mulheres ambientalistas no pampa gaúcho. Neste capítulo pretendemos mirar estas narrativas, sem a pretensão de interpretá-las, mas trazer para o presente ali onde as memórias se fazem presentes e se constituem como modos de vida.

Como nos tornamos sujeitos pampeanos? Que discursos vão fabricando modos de ver e viver o pampa, a natureza e a cultura? Aceitamos o convite de Michel Foucault e tratamos de “descer ao estudo das práticas concretas pelas quais o sujeito é constituído na imanência de um campo de conhecimento” (2006, p.237).

Assim, há indagações importantes para pensarmos em como nos tornamos mulheres pampeanas ambientalistas. Para análise das narrativas, tomamos como fio condutor a questão das relações entre sujeito e verdade (FOUCAULT, 2006). O sujeito se constitui a partir de práticas que podem ser de poder, conhecimento ou técnicas de si. E, a partir disso, olhamos para os dados produzidos nas charlas, articulando com os conceitos de subjetividade, subjetivação e ética na obra do filósofo Michel Foucault.

Aqui vemos a potência dos estudos do filósofo, ao problematizar como nos tornamos sujeitos, nos instigando a pensar que somos capturadas pelo discurso de educação ambiental, de natureza e de pampa. A aprendizagem ambiental vai determinando as nossas condutas, o nosso modo de ser e viver ao atravessar a nossa própria vida.

A questão é determinar o que deve ser o sujeito, a que condições ele está submetido, qual o seu *status*, que posição deve ocupar no real ou no imaginário para se tornar sujeito legítimo deste ou daquele conhecimento; em suma, trata-se de determinar seu modo de “subjetivação” (...) (FOUCAULT, 2006, p. 235) [grifo do autor].

O conceito de subjetivação e subjetividade, em Foucault, torna-se potente com a finalidade de pensar sobre o processo de constituição dos sujeitos. Como nos fala o filósofo: “[...] eu chamaria subjetivação o processo pelo qual se obtém a constituição de um sujeito, mais precisamente de uma subjetividade, que evidentemente não passa de uma das possibilidades dadas da consciência de si” (2006, p. 262).

Na trama entre experiência e narrativa que tornam parte da vida dessas mulheres, focamos nos modos de ser, estar e se sentir pampeanas e as formas que experienciam educações ambientais no cotidiano. A potência de levar para a Charla do Pampa a articulação entre a arte e a filosofia, proporcionou muitos questionamentos que elas próprias fizeram e que enriqueceram as narrativas:

Mas sabe que eu fiquei pensando agora, eu não sei bem qual é o sentido que tu fala, eu sei bioma pampa, tá bioma pampa geograficamente, mas o que é ser um pampeano? Qual é o sentimento sobre o pampeano? (Aradia, 2018)¹⁷.

Qual é o sentimento pampeano? Como vamos nos constituindo nos interstícios do pampa e da educação ambiental? As vidas narradas pelas mulheres que se tramam com a luta ambientalista e com a educação ambiental se tornam potentes para pensarmos, neste capítulo, sobre como nos tornamos sujeitos deste mundo, preocupadas com as questões socioambientais, nos compreendendo como educadoras ambientais e mulheres pampeanas.

A partir das narrativas e das experiências contadas, observamos uma educação ambiental consolidada, que atravessa a vida cotidiana dessas mulheres, nas relações com a família, com os amigos, com a natureza e com o pampa. Remete-nos a pensar uma educação ambiental que ensina os nossos comportamentos cotidianos, que vão nos subjetivando a ter determinadas ações frente ao pampa, frente à natureza, frente ao Planeta.

Somos educadoras ambientais atravessadas por uma educação ambiental maior e menor, havendo um cruzamento ou um entrelaçamento. Tanto somos capturadas por discursos maiores atrelados à educação ambiental, como há respiros possíveis através dessas práticas, como esta charla, em que a filosofia se atravessou com provocações e questionamentos.

¹⁷Os excertos da Charla do Pampa estão em itálico para destacar das demais citações. Após, encontra-se o nome fictício da mulher pampeana, seguido do ano de realização desse encontro.

Nas narrativas recorre uma relação de amor pelo pampa, um sentimento de pertencimento e de amor sendo enaltecido a todo o momento: “*amor pelo lugar*”, “*amor pela terra*”, “*viver com e não contra*”, “*eu sou do pampa, o pampa sou eu*”, “*aqui é o meu lugar*”. Há um sentimento que é narrado, afirmado e vivido por essas mulheres, ao nos contarem suas experiências de vida e suas memórias num processo de construção de sentido de si. E aqui lembramos mais uma vez Connelly e Clandinin (1995, p. 43) “la narrativa y la vida van juntas”!!!

Ao narrarem seus sentimentos e suas experiências, elas dão-lhes significado, produzem subjetividades tanto na constituição do sujeito quanto na trama em que estão inseridas. Diante dessas narrativas, o *Sentimento Pampeano*, denominado por nós, pode ser compreendido como uma maneira de ver e de pensar através de uma sensibilidade diante do pampa. Uma sensibilidade que nos faz ser mulheres pampeanas, sujeito deste tempo.

As condições de emergência para que o *Sentimento Pampeano* seja assíduo nas falas das mulheres-narradoras se dá por uma trama que, primeiramente, está relacionada com a história e a cultura do pampa do Rio Grande do Sul constituindo o sujeito marcado por modos de se relacionar com a natureza. Além disso, devido às relações que se estabelecem entre as mulheres e a natureza no pampa. E finalmente, devido aos atravessamentos da educação ambiental na vida dessas mulheres.

No quarto capítulo **Vidas narradas: na trama da educação ambiental, cultura e natureza no pampa** buscamos nos dedicar às análises das narrativas as quais foram tecidas a partir de inquietações e provocações refletidas na leitura de cada narrativa e do referencial teórico.

Organizamos o capítulo em seções a partir de três eixos de análises, ao pesquisar algumas condições de emergência para que o *Sentimento Pampeano* apareça recorrentemente nas narrativas das mulheres ambientalistas do pampa:

Na primeira seção, **Eu sou do pampa, o pampa sou eu: subjetividade, cultura e natureza no pampa**, buscamos analisar as narrativas que articulam natureza e cultura no pampa, marcadas por uma estética e sensibilidade.

A segunda seção **Contem melhor esta história: mulheres e natureza** nos dedicamos a olhar para as narrativas no que tangem sobre as

posições que as mulheres assumem nas relações com a natureza, na construção do *Sentimento Pampeano*.

Na última seção **Educação ambiental nos interstícios pampeanos** investimos nossas análises sobre os atravessamentos potentes na vida dessas mulheres de educação ambiental/educações ambientais no entremeio do pampa.

Com a composição dessas seções, gostaríamos de evidenciar, de modo sistemático, experiências que se tramaram – para nós e para essas mulheres – no encontro da Charla do Pampa. Ali, possibilidades foram sendo criadas, pensadas e potencializadas nos atravessamentos de uma educação ambiental entremeada à vida.

4.1. “Eu sou do pampa, o pampa sou eu”: subjetividade, cultura e natureza no pampa.

*aquele horizonte
um lugar com gente
que se integra que é parte e a natureza é parte dele
sair quebrando geada
o pampa sou eu
não existe ser pampeano sem o pampa,
não existe pampa sem o ser pampeano
o Pampa dentro de mim,
esse sentimento do Pampa
um sentimento, um amor pelo lugar¹⁸.*

As palavras nos tocam, ressoam, tremem, tramam, nos tecem, por isso nos constituem. No compilado de frases das narrativas, iniciamos a olhar algumas verdades que constituem o *Sentimento Pampeano*, ou seja, as ressonâncias de uma sensibilidade estética pampeana nos modos de ser e viver no pampa gaúcho.

Nos fragmentos das narrativas das mulheres ambientalistas, podemos notar que há marcas de uma articulação muito forte entre cultura e natureza. O pampa não existe sem cultura, logo o pampa é produzido e moldado por esse entrelaçamento entre natureza e cultura. Assim como o ser pampeano, somos efeito e produto, mais do que origem e fonte (FONSECA, 2003, p. 79).

¹⁸Escrita poética com os fragmentos de narrativas de Aradia, Dona Corunilha e Lala.

A constituição dos sujeitos no presente e a constituição de nós mesmos - sujeitos modernos - é tramada por processos de objetivação e subjetivação que se articulam mutuamente, em que o primeiro o constituem enquanto objeto dócil e útil e o segundo processo enquanto sujeito.

Dessa forma, os processos de objetivação e subjetivação a que Foucault se refere constituem procedimentos que concorrem conjuntamente na constituição do indivíduo. Os primeiros fazem parte dos estudos em que Foucault se dedica a mostrar as “práticas que dentro da nossa cultura tendem a fazer do homem um objeto”, ou seja, os estudos que mostram como, a partir dos mecanismos disciplinares, foi possível constituir o indivíduo moderno: um objeto dócil e útil. Os segundos, por sua vez, localizam-se no âmbito dos trabalhos em que Foucault procura compreender as práticas que, também dentro da nossa cultura, fazem do homem sujeito, ou seja, aquelas que constituem o indivíduo moderno, sendo ele um sujeito preso a uma identidade que lhe é atribuída como própria (FONSECA, 2003, p. 25). [grifo do autor]

Nesta dissertação daremos mais ênfase às formas de subjetivação, as formas de constituição do sujeito em que ele se reconhece como “eu sou do pampa, o pampa sou eu”, enfatizando o modo de se posicionar, de se constituir, de ser e de viver a partir de um *sentimento pampeano*. Isso se concretiza quando as relações de forças que o poder exerce sobre os menores espaços da vida individual e social, produzem ideias, palavras e ações frente às questões socioambientais do pampa.

[...] a formação do sujeito pampeano está ligada às relações de poder aí estabelecidas e que produzem condições de possibilidades de uma estética ou outra. Os modos de produção de subjetividade implicam em experiências, formas de vida, formas de fazer as coisas e de pensá-las (SCHLEE, 2018, p. 95).

A produção dos pensamentos, dos discursos e das atitudes em relação ao ambiente - o pampa - se dá pela capilaridade e difusão das relações de força, que podem ser entendidas como micropoderes, constituindo modos de ser mulheres, pampa e natureza. Nesse sentido, não há unidade nem um sujeito dado definitivamente, mas há a possibilidade de se refundar historicamente o que compreendemos como seres pampeanos, como mulheres ou mesmo como ambientalistas, por exemplo.

Nas narrativas, desta seção, podemos perceber um entrelaçamento: a natureza e a cultura no pampa. Essa trama entre estes dois elementos é visível também em outras referências, como na música pampeana (VIEIRA, 2017), na

literatura, na fotografia (SCHLEE, 2018) que vai fabricando modos de se relacionar com este território pampeano.

Os modos como enxergamos e nos relacionamos com a natureza são frutos do momento histórico em que vivemos. Podemos compreender, portanto, que em diferentes tempos e espaços são configuradas inúmeras formas de vermos e lermos a natureza, e de estabelecermos relações com ela. Muitas vezes, não percebemos que os nossos atos, as maneiras de narrar acontecimentos, os modos de vermos a nós mesmos e aos outros e, ainda, nossas escolhas cotidianas, tudo isso, são negociações que vamos estabelecendo diariamente com os significados que nos interpelam através da cultura (GUIMARÃES, 2008, p. 87).

Cotidianamente ao compartilhar significados através da cultura, vamos aprendendo a ler e ver a natureza, vamos estabelecendo nosso lugar no mundo (GUIMARÃES, 2008). No desejo de possibilitar pensar em outros modos de relações com o pampa, trouxemos para a Charla do Pampa a música “Oveiro Picaço” de Lizandro Amaral (2005) e uma sequência de fotografias. Após escutar a música e ver as fotografias lançamos alguns questionamentos: Quais as relações entre os habitantes do pampa e a natureza? Como podemos compreender o que é natureza e cultura no pampa?

Na fala de Dona Corunilha percebemos elementos naturais que marcam o pampa ao longo da história e da cultura, percebendo a importância destes na maneira como vemos e narramos a natureza. Temos o horizonte como marca presente no ambiente rural pampeano, composto de planuras e campo nativo, e a sensação de falta de horizonte na cidade quebrada pela verticalidade das casas, prédios e postes. Além disso, aqui vemos a potência desta narrativa, para o início das análises, ao trazer o elemento humano para a constituição do pampa, como aquele que se sente pertencente a este território, que se concebe pampeano a partir de suas leituras e olhares sobre o pampa, sobre a natureza e sobre a cultura. Isso nos remete a lembrar ao(a) leitor(a) o trecho do conto de Aldyr Schlee, citado por nós no capítulo 2, seção 2.2., há gente e há vida no pampa!

Nas noites de lua o rancho parecia resplandecer. De dia, destacava-se ao longe na paisagem dobrada das serras do Erval. Era limpo e claro e colorido e quente. O gato na soleira, o garnizé em volta, a fumaça a dizer aqui há gente, há vida, há gente, há vida... (SCHLEE, 1983, p. 71).

Vidas se fabricam como natureza e cultura, sendo nós sujeitos e assujeitados por esses elementos, produzindo modos de viver contemporâneos:

*Eu ia dizer assim, que nas primeiras fotos eu senti falta de gente. Porque tem muito assim de quando a gente fala de pampa é aquele pampa assim, aquele horizonte, que é uma coisa supermarcante e que é superimportante, né. E quando a gente sai, eu mesmo quando estou na cidade eu, porque parece que falta horizonte, que tá faltando horizonte, falta horizonte, né. **Mas ao mesmo tempo um lugar com gente, né, tem muita gente, e aí quando tu olha...** Tem a minha vizinha, eu digo e brinco com ela: -Eu quero trazer todos os discursistas ambientalistas, preservacionistas, conservacionistas para vir conhecer a tua casa e ela: “Por quê?” Porque a senhora mora há setenta anos, uma vida inteira e o mato só aumenta, vive com o fogão à lenha o ano inteiro e o mato só aumenta. Tem gado a vida inteira e o mato só aumenta. O que que essas pessoas que não conhecem aonde a gente vive vem meter o bedelho aqui? De saber como que é melhor ou não o jeito da gente mexer com o lugar e ver o quanto é importante ver que as pessoas estão no meio do processo, **e só existe porque tem gente, porque se não tivesse gente não nós não íamos estar dialogando sobre isso** (Dona Corunilha, 2018) [grifo nosso].*

Na narrativa acima notamos que existem saberes necessários que fabricam modos de viver pampeano, em uma coexistência e co dependência entre o pampa e o ser humano. Um depende do outro para continuar a viver e a existir. Ressaltamos que a narradora diferencia estes saberes de outros, presentes nas falas de ambientalistas, voltados à preservação e à conservação dos elementos naturais. Esses dois elementos - preservação e conservação - são noções pertencentes à ecologia, mas também ao campo da educação ambiental, tradicionalmente atribuídas a uma corrente naturalista. Há aqui um importante delineamento em que o próprio discurso de educação ambiental vai se constituindo e se modificando de diferentes maneiras ao longo do tempo, a partir da valorização de outros saberes e conhecimentos necessários para construção de relações com a natureza na atualidade.

Na continuidade das narrativas podemos identificar como os elementos humanos e não humanos se tramam como tentos de couro na arte do guasqueiro¹⁹. Natureza e cultura, um faz parte do outro:

É eu vejo assim a natureza e a cultura, e aquele homem assim que se integra que é parte e a natureza é parte dele e desenvolve as suas artes, as suas habilidades. O guasqueiro, eu tenho olhado muito esta questão da artesanaria... que é o guasqueiro, é a mulher fiandeira, é o homem que sabe o campo

¹⁹ Artesão que utiliza como matéria prima o couro cru.

com suas lides, cuidando dos cordeirinhos que estão nascendo...(Aradia, 2018).

Bom é justamente ver a natureza e a cultura, e aí tem o couro que tá ali, eu vou tirar um tento, vou fazer uma trama e aí vejo o guasqueiro (Aradia, 2018).

E pela necessidade mesmo o homem foi criando essa cultura de trabalhar o couro, e trabalhar, com a necessidade dele que ele foi criando. Olha tudo que ele faz com o couro é incrível, né. Essa cultura que vai ficando, né (Lala, 2018).

A cultura se trama com a natureza ao ser manuseada pelo ser humano, modificando-se, na potência de criar por meio da arte. O modo como nos constituímos seres pampeanos foram moldados por acontecimentos e atravessamentos que deixaram, em nós, marcas históricas e culturais. Ao manusear o couro cru e tramá-lo para então fazer o laço e os aperos²⁰ necessários para as lidas campeiras, o ser humano e o cavalo mutuamente constroem uma relação estrita de companheirismo e trabalho. Essas narrativas trouxeram um significativo exemplo para pensarmos nas relações sociais, culturais, históricas que vão fabricando maneiras de se relacionar com a natureza no pampa gaúcho.

Na continuidade, as músicas pampeanas foram o motivo para as próximas narrativas sobre cultura e natureza no pampa. Ao trazer a música “Oveiro Picaço” de Lizandro Amaral (2005) que fez parte do material de análise na tese “Naturalismo Poético-pampeano: uma potência musical do pensar” de Virgínia Vieira (2017) para a Charla, notamos que alguns trechos da composição musical foram mais falados pelas mulheres: *Porque morrer não consome/Quem fez do campo querência/(...) Os meus silêncios tropeiros/Saberá meu pingo oveiro/O que diz o meu cantar[grifo nosso].*

Ao trazer a música para a charla, evidenciamos a potência da arte e da filosofia, assim como afirmam Vieira, Henning e Rodrigues (2018, p. 202) “compreendemos que a música pampeana se constitui como uma potente ferramenta que, articulada a uma atividade filosófica, é capaz de nos provocar o desejo de pensar sobre nosso próprio pensamento”.

²⁰ De acordo com Schlee(2019, p. 94) o apero é considerado o “conjunto de peças que se colocam em um cavalo para melhor montá-lo e sujeitá-lo”.

A música faz parte da construção cultural do pampa a partir de elementos naturais e, por meio dela, vão nos ensinando modos de viver neste território, com marcas históricas e culturais nas relações humano-natureza.

Porque cultura também é essa é esse homem que se inspira e que cria esta música, o que faz uma poesia, o que é o repentista (Aradia, 2018).

E quando a gente pega, a gente escuta muita música nativista, e aí a gente pega e vai olhando assim...com esse olhar ...de ver o quanto isso vem mudando e o quanto é interessante de conhecer e eu sempre falo para eles é a nossa história, é a nossa história, não interessa se era ruim ou bom, era a nossa história, a gente tem que conhecer a nossa história, para a gente entender como foi a realidade que a nossa vó viveu, que nossa bisavó viveu e para a gente entender como a gente chegou até aqui e valorizar o caminho das pessoas que passaram, né. Então, a gente pega muito nesse processo...(Dona Corunilha, 2018).

A nostalgia proporcionada pela audição da música também contribuiu para a associação com elementos de uma paisagem fria e invernal: *a geada, eu tinha que passar por uma sanguinha para ir para o colégio, que a gente morava bem ali na vila, coisa boa sair quebrando geada (Lala, 2018)*, lembranças da infância narradas por Lala ao escutar a música. Importante evidenciar que:

Talvez, poderíamos dizer que essa paisagem invernal constitui um ideário do Pampa rio-grandense, de nossa cultura, de nossa música. Mesmo para aqueles gaúchos que sempre moraram em grandes centros urbanos, ou seja, longe da região da campanha, há um imaginário de que essa paisagem representa o sul do país, assim como para própria constituição dos sujeitos gaúchos (VIEIRA, 2017, p. 77).

O ambiente natural lembrado como a paisagem fria do pampa constitui os próprios sujeitos pampeanos, como podemos observar na narrativa abaixo:

*Mas nós nascemos lá. Mas quando a gente chegou aqui, eu me senti e me sinto até hoje muito daqui. Como se eu nunca tivesse saindo daqui. Mas o que me encanta e viajo bastante e tal. **Mas o que me encanta aqui é que o bioma é muito presente na vida, tipo assim, essa invernera em agosto, isso é típico de agosto, só quem sabe é que mora aqui e que sabe** (Dona Corunilha, 2018) [grifo nosso].*

Há um sentimento de pertencimento, o que chamamos nesta dissertação de *Sentimento Pampeano*, valorizado a todo instante nas narrativas. E aqui nos provocamos a pensar como esta aliança se constituiu? Como este modo de ser pertencente a este território vai se fabricando? Que evidências históricas e culturais emergem a partir disso? Poderíamos ainda mais nos provocar a pensar

sobre quais verdades nos fabricam? São marcas não somente da história do Rio Grande do Sul, mas também marcas e fundamentos contemporâneos da educação ambiental.

*Agora bem recente né. Faleceu o Paixão Côrtes e eu me lembrei que eu fiz uma oficina com ele e ele falava: o homem a cavalo enxerga 360 graus, tu gira, o olhar dele e essa amplidão do horizonte né. Quando tu comentou da mata. Quando eu entrei na Floresta Amazônica, né, aqui começa a fechar, fechar, duas horas de caminhada, três horas de caminhada e começa a fechar e aí eu pensei: **eu sou do pampa (risos). Eu sou do pampa, o pampa sou eu.**(...) Mas eu gosto de enxergar essa imagem assim, e isso que traz a cultura. Essa visão que faz o homem, mesmo o homem solitário, o homem, ele vai entramando, né, sobre música, sobre arte (Aradia, 2018) [grifo nosso].*

A narrativa acima recorda o tradicionalista Paixão Côrtes que, por meio de livros, cursos e oficinas ensinava a tradição, a cultura e a história do Rio Grande do Sul. A imagem de Paixão Côrtes está eternizada na “Estátua do Laçador”²¹, confeccionada pelo artista Antônio Caringi. O monumento é considerado o símbolo do Rio Grande do Sul (Lei Estadual 12.992/2008), tendo como modelo o tradicionalista, cuja imagem reflete o típico homem do pampa com laço, bombacha, botas de garrão e lenço.

Assim, podemos destacar que o olhar do humano sobre o cavalo se dá como elemento fundamental para enxergar a “amplidão do horizonte”. Nessa estrita relação, humano e não humano, vamos subjetivando modos de ser pampeanos, pois a maneira como olhamos e narramos o pampa se dá a partir de significações de experiências vividas histórica e culturalmente.

Um pampa marcado pela amplidão, pelo horizonte e pelo relevo pouco acidentado revela também um passado rural estanceiro e pecuário, já que nele, hoje, existe uma diversidade e uma multiplicidade de pessoas que o habitam, além de cidades, estradas, lavouras e muito mais. As narrativas mostram uma paisagem pampeana marcada por esse horizonte, mas que “*tem gente*”, “*muita gente*” como nos fala Dona Corunilha no início desta seção, nos indicando pistas contemporâneas sociais e ambientais do pampa.

São significações culturais que vão mostrando pistas para a compreensão do *sentimento pampeano*, revelando uma sensibilidade estética e fria como nos

²¹Lembramos ao(à) leitor(a) que a imagem da estátua está presente nesta dissertação no capítulo 2, seção 2.1.

fala Vitor Ramil (2004). Ao finalizar a Charla, escutamos a música “Chimarrão” de Vitor Ramil (2008) e lemos a poesia de Fernando Pessoa “O Guardador de Rebanhos” (1980) que potencializou problematizações para que emergissem nas narrativas esse sentimento.

Para mim um só existe por causa do outro e outro só existe por causa de um (risos), mas é não tem, não existe ser pampeano sem o pampa, não existe pampa sem o ser pampeano, não tem como desconectar uma coisa da outra e, ao mesmo tempo, uma coisa não é a outra, porque cada coisa é uma coisa, e elas só existem porque as duas coisas existem, assim. Eu sempre olho por esse jeito, por esse lado. E a diferença do ser pampeano e dessa pessoa que vivem o pampa, né, de fato assim, né, que passa, que eu observo, que sabe viver aqui e desse pampeano que como vários desses cantores, que, tipo, não são pampeanos, não moram no pampa, mas que cantam o pampa que é uma beleza, sabe, que é outra coisa, tipo, tá reconheço eles como admiradores do pampa, mas agora o ser pampeano, mesmo, essa pessoa, que sabe esta sensação de quebrar uma geada de manhã cedo, que não é uma vez na vida que vai ver aquilo ali, não, vive aquele cotidiano, ela sabe o que é aquilo, é ...ela é aquilo!(Dona Corunilha, 2018).

Na narrativa se constroem verdades sobre o que é ser pampeano(a), percebe-se uma subjetividade que se apresenta no entrelaçamento com o pampa, manifestando um viver, um existir, um sentir pampeano, que se diferencia, no dito acima, daqueles que somente admiram o pampa, mas não o vivem cotidianamente. Diferente posicionamento expressa Aradia na sequência da conversa, pois afirma que determinados elementos extrapolam as fronteiras, os limites do pampa:

É, eu fiquei pensando no Quero-quero, quando a gente chega e ouve o canto do quero-quero e deixa que o canto entre em ti, sabe, tu é o pampa, tu é o quero-quero, mas também, assim, alguém urbano lá, que vá não sei, me ocorreu isso agora, assim, quando eu morava em Porto Alegre eu ia muito na Redenção, caminhava muito na Redenção e eu me sentava e vinha um quero-quero e ficava ali no meu lado e no Jardim Botânico e eu me remetia assim ao pampa, numa imensidão, então eu sinto que esse mesmo quero-quero que está aqui, passa algo do pampa lá para quem nunca mora, nunca saiu de Porto Alegre, não sei, me ocorreu isso, ou ver um João-de-barro, e eu me senti, bah, onde esse passarinho vai, tá fazendo a casinha dele, a abertura desse ninho, né, ver um anu, não sei. Eu acho que tem algo que extrapola mesmo a questão geográfica (Aradia, 2018).

Ao ir além da questão geográfica, são ressaltados elementos importantes para o *Sentimento Pampeano*, como algo de imensidão, algo de horizonte, características que, ao serem narradas, vão dando significações na produção do Pampa e do sentimento que atravessa os sujeitos.

Para finalizar as análises desta seção, transcrevemos abaixo uma sequência de narrativas em que a sensibilidade e o amor pelo pampa ressurgem delineando-se nas experiências de vidas narradas. Ao trazer a filosofia para a roda de mate, buscamos o ensaio, o movimento, os deslocamentos que potencializam as provocações, os questionamentos e os tensionamentos possíveis:

Mas sabe que eu fiquei pensando agora, eu não sei bem qual é o sentido que tu fala, eu sei bioma pampa, tá bioma pampa geograficamente, mas o que é ser um pampeano? Qual é o sentimento sobre o pampeano? Não sei, me veio isso assim. É onde de horizonte, onde tem amplitude? Não sei. Faz 15 anos que eu comecei a viajar e cada vez mais eu vejo assim como eu não vejo fronteira, nesses lugares. É tá mudando dentro de mim assim, é interessante e aí eu fiquei pensando assim, esse pampa... Há poucos dias eu revi um trecho, que o Paulo Paim fez, uma audiência pública sobre os biomas, ah me lembrei, uma audiência pública para o Bioma Pampa estar dentro dos biomas, porque não está ainda lá, está em discussão, e aí falou e tá, e uma gaúcha disse “Eu sou o pampa, o Pampa está dentro de mim”, tá, eu sinto isso, o Pampa dentro de mim, mas não sei se é algo passando assim em mim, que hoje eu vejo, sabe aquele, peruano que eu vou lá e fico lá em cima, não sei, tem alguma coisa que é muito interna assim, sabe. Como eu tô indo viajar, tô indo para longe, eu “que será?”, né, eu tenho olhado alguns vídeos... Então tem algo que, não sei se eu tô conseguindo passar, porque nem eu tô entendendo direito (risos). Mas assim, deixa eu tentar concluir, eu fui ao Nepal por exemplo, e eu vi aquelas mulheres dançando e parecia que eu via alguém assim, sabe? Como se fosse tudo tão uma única coisa só, e tão próprio sabe, tão íntimo assim. E quando fui aos Queros, essa comunidade que nós vimos lá nos Andes peruanos, que a gente passa mal, tarará e eles dançam, dançaram, dançaram, mas eu olhei assim e disse isso parece um baile de CTG! Mas é claro que é outra coisa assim, mas é algo que parece que às vezes transcende assim, eu não sei, uma coisa que eu sinto no Pampa, quando eu vejo um homem simples, assim oh, nós temos ali fora o M.A., não é um homem, é um anjo, sabe, é uma criança, é uma criança com corpo de homem. E que eu vejo ali o outro senhorzinho ali, que benze, é o que vejo lá uma que também que me mostra ali as ervas e ela benze. E eu vou lá em cima e vejo o curandeiro e falo com ele, e tá me parecendo que é tudo a mesma coisa (risos). É algo ... (Aradia, 2018).

Sem fronteira, um sentimento...(Lala, 2018)

*Como se esse **sentimento do Pampa**, tivesse vindo lá assim, no Nepal, no ...*(Aradia, 2018).

Um sentimento, um amor pelo lugar (Lala, 2018).

Um amor, coisas assim que tu fala ali, que tu diz, de sentir assim, (...) (Aradia, 2018).

Como vamos nos reconhecendo como mulheres ambientalistas do pampa? Que verdades vão nos construindo e nos fabricando sujeitos atravessadas por um sentimento do pampa? Como nos produz o amor pelo lugar que é enaltecido e valorizado? Provocamos a pensar sobre o próprio pensamento, nos desafiando a problematizar o que nos move, o que nos tece e o que nos trama.

As relações que se estabelecem entre as pessoas e o pampa são fundamentais para que o *sentimento pampeano*, esse modo de pensar e viver o pampa produzam práticas concretas no modo de vida dessas mulheres. Nas narrativas abaixo vemos o modo como experienciam esta sensibilidade:

*Então, é ao contrário do que tu tava falando, eu entendo que tu fala porque eu tinha essa expectativa, e eu fiquei absolutamente frustrada. Não, por isso que fiquei com uma sensação ruim, sabe, e eu fiquei com uma sensação de não querer mais viajar, de não ter mais prazer em viajar porque, sabe, não quero chegar lá e ver que lá também acabou essa relação sabe. Porque eu esperava ver essa relação das pessoas com o seu lugar. E que é isso, que eu acho que é uma das coisas que eu mais admiro nessa região, porque quando eu vim para cá eu tinha doze anos, eu não era uma criança pequenininha, eu me lembro muito bem quando eu cheguei, e **isso era uma coisa que me fascinou...eu nunca tinha morado num lugar que as pessoas tinham uma relação com o lugar tão forte, tão ímpar, quanto aqui, sabe, e isso é uma coisa que me chamou, e eu queria ser isso...uau! Eu quero isso para mim assim, sabe, porque é muito apaixonante gostar do lugar onde tu vive. E tu sim eu viajo, vou e tal, mas eu volto, porque eu realmente sou parte disso daqui, sabe, ou para onde eu for eu levo...***(Dona Corunilha, 2018).

*Levo, e me faz refletir nessa pessoa que tu tava falando ali, dessa audiência do Paulo Paim, o Pampa tá dentro de mim e ele vai comigo, mas quando eu vi essas pessoas tão assim oh, que **elas eram a sua terra, elas eram o seu lugar, isso foi muito forte em mim*** (Aradia, 2018).

Somos atravessadas por essas narrativas, visto que, lembramos ao(a) leitor(a) que, no capítulo 1 mostramos os caminhos percorridos pela pesquisadora, havendo uma trama que a envolve com a pesquisa. Como uma pesquisa-experiência - como falamos - buscamos provocar nosso próprio pensamento naquilo que nos constitui e nos move. Através dessas narrativas, evidenciamos que no entrelaçamento entre cultura e natureza o *sentimento pampeano*, torna-se parte dos sujeitos por ser muito forte, tão ímpar, como nos fala Dona Corunilha.

Nessa seção nos debruçamos nas primeiras análises, sendo que algumas verdades foram aqui trazidas e evidenciadas e outras apenas provocadas. Nas narrativas citadas acima, assim como em outras, é possível identificar a recorrência de uma relação de pertencimento ao Pampa, a partir desse vínculo humano-natureza. Seguimos na próxima seção as análises das narrativas ao olhar para as relações entre mulheres e natureza.

4.2. “Contem melhor esta história”: mulheres e natureza

Nesta seção buscamos olhar para as narrativas no que tange às relações que se estabelecem entre as mulheres e a natureza no pampa gaúcho, como uma das possibilidades para a emergência do que chamamos de *sentimento pampeano*, ao manifestarem uma sensibilidade estética, um modo de ver, de narrar e de sentir. No entanto, não podemos deixar de considerar as condições que foram produzidas ao longo da nossa história e cultura para que esse sentimento surgisse. Afinal, como vimos no capítulo 2, a história e cultura do Rio Grande do Sul é marcada pelo enaltecimento do homem – gaúcho, viril, forte – na centralidade das relações com o pampa.

Em suma, a história crítica do pensamento não é uma história das aquisições nem das ocultações da verdade; é a história da emergência dos jogos de verdade: é a história das “veridicções”, entendidas como as formas pelas quais se articulam, sobre um campo de coisas, discursos capazes de serem ditos verdadeiros ou falsos: quais foram as condições dessa emergência, o preço com o qual, de qualquer forma, ela foi paga, seus efeitos no real e a maneira pela qual, ligando certo tipo de objeto a certas modalidades do sujeito, ela constituiu, por um tempo, uma área e determinados indivíduos, o *a priori* histórico de uma experiência possível (FOUCAULT, 2006, p. 235) [grifos do autor].

Em um processo que não é linear ou finalizado nos constituímos como mulheres e homens pampeanos, ao longo das nossas vidas, através de práticas sociais e culturais, atravessadas pelos jogos de verdade. Nessa perspectiva, para nos auxiliar nas análises das narrativas desta seção, buscamos a compreensão do conceito de gênero, entendendo-o como uma construção social e cultural que diferencia mulheres de homens, produzindo seus corpos, distinguindo-os, nomeando-os como seres dotados de sexo, gênero e sexualidade e mais, como produto e efeito das relações de poder. O conceito de gênero nos auxilia a problematizar as representações e processos culturais e históricos que implicam a constituição dos sujeitos. E aqui vemos a importância dos estudos de Michel Foucault para nossa pesquisa, assim como para Ana Colling (2014) em seu estudo sobre a construção histórica do corpo feminino:

Michel Foucault revolucionou a vida das mulheres, ou pelo menos a sua história. Ao mostrar em suas obras que os objetos históricos são meramente construções discursivas, Foucault libertou as mulheres da sua natureza, permitindo que pudessem tomar para si sua história. Mostrou-nos que tudo aquilo que invocamos do passado passa por um trincado jogo de relações de poder e saber que instituem verdades (COLLING, 2014, p. 34).

Tomar para si a história relaciona-se a olhar, a problematizar, a questionar as diferenças nas posições entre homens e mulheres no pampa, entendendo-as como sociais, culturais e discursivamente construídas e não biologicamente determinadas, assim como nas relações de poder, elas são produzidas, vividas e legitimadas. Essas conexões de poder podem ser entendidas como uma malha que, por meio de estratégias, de táticas e de técnicas “são postas em funcionamento na medida em que se exercem sobre os menores espaços da vida individual e social” (FONSECA, 2003, p. 33).

Ao olhar para as narrativas percebemos essas posições marcadas, esses espaços legitimados e que reproduzem diferenças baseadas no gênero:

Eu me lembro quando a gente era pequena, lá nos meus avós... Mas me lembro assim...se eu falar de pampa extensão eu me lembro do homem que levantava todo mundo cedo e ia embora pro campo e voltava ao meio dia, e aí tava tudo pronto, é terreiro varrido e essas coisas... de dar leitinho para os cordeirinhos, a mulher ficava fazendo tudo isso, a mulher ficava em casa, eu não vejo a mulher um tanto assim, fazendo as mesmas lidas do homem do campo, lá em casa pelo menos era assim. Mas acho que a mulher, assim também, aquela que

assume... vai sempre, só o marido e a mulher acho que ela vai também nas lides do campo (Lala, 2018).

A narrativa de Lala mostra um espaço que, ao longo dos anos, no pampa gaúcho, é instituído o espaço privado para as mulheres e o público para os homens. “A dicotomia entre o privado e o público ocupa um lugar de destaque na história das mulheres” (COLLING, 2004, p. 21), sendo a problematização potente para pensarmos não somente nesta dicotomia ou separação, mas em como esses espaços são dotados de hierarquização na produção política, no espaço público e aqui, nas maneiras de se relacionar com o pampa. Ao ler a narrativa acima, ela nos remete a muitos artefatos culturais que “narram” dessa mesma forma: na literatura, na fotografia, nas músicas e assim como também na arte, como nas obras de Juan Manuel Blanes, artista uruguaio. E aqui mais uma vez, vemos a potência de articular a arte e a filosofia nas discussões desta dissertação, “não se pode falar do contato entre a imagem e o real sem falar de uma espécie de incêndio”, lembrando Didi-Huberman (2012, p. 210).

Blanes teve entre seus trabalhos mais reconhecidos diversas representações dos chamados “gauchitos”, nas quais prevalece a figura masculina e romantizada do gaúcho em contato com a natureza. Conhecido como pintor da pátria uruguaia e fundamental na constituição da identidade nacional daquele país, Blanes apresenta, em suas pinturas, poucas mulheres dedicadas ao espaço rural, construindo o pampa como espaço do trabalho masculino. O óleo sobre tela de 1881, intitulado “Os três chiripás” (Figura 11), é um dos poucos trabalhos de Blanes dedicados ao espaço pampeano que apresenta figuras femininas.

Figura 11. Juan Manuel Blanes, “Os três chiripas”, 1881, óleo sobre tela, 81 x 101 cm.



Fonte: O Gaúcho, 2018.

Na tela “Os três chiripás” (Figura 11), Blanes representa um grupo de seis pessoas, três homens e três mulheres. O título faz referência às figuras masculinas que voltam a ser representadas em outras telas do mesmo artista, como na obra “O chiripá vermelho”. A composição acima apresenta uma cena de aparente descanso, na qual quatro das personagens, escoradas em uma espécie de cerca de madeira, observam a interação de um dos homens, a esquerda da tela, com um grupo de cachorros. Duas das mulheres aparecem cercadas nas laterais pelos outros dois homens enquanto a terceira ocupa a porta da casa ao fundo. Ainda que presentes no trabalho de Blanes, dedicado aos gaúchos, as mulheres aparecem acompanhadas por homens e próximas ao ambiente da casa, ocorrendo seu contato com a natureza por conta do próprio cenário e dos animais presentes. Em nenhum outro trabalho do mesmo artista, produzido no

século XIX, que tatua modos de ser e viver o nosso contemporâneo, são representadas mulheres desacompanhadas ou distantes do ambiente doméstico.

Na cultura vamos analisando os modos de ser mulher no pampa e as maneiras de se relacionar com a natureza. E nos provocamos a pensar: como elas ocupam esse espaço pampeano marcado pela masculinidade? Como elas atuam na ocupação desses espaços como mulheres ambientalistas pampeanas? Como o modo de se relacionar com a natureza vai constituindo essas mulheres?

Eu acho que é interessante também ver como essa cultura é uma cultura viva, né. Porque isso que a Dona Lala fala, né, eu vou perguntar vinte vezes (risos). Isso que ela coloca isso é muito real assim... A mulher realmente não ocupava um lugar no campo, e nem era... não existia essa opção : “- Ah você vai trabalhar...” Não existia essa opção. Era mulher, ia trabalhar em casa, limpar em casa... (Dona Corunilha, 2018).

Porque era a cultura que se tinha, que se vivia naquele momento histórico, não só no pampa, mas no geral, né. Era essa a cultura que se vivia e com os anos isso foi tendo uma abertura, não só no pampa, mas uma coisa que vai acompanhando o processo geral, e hoje tu tem, a mulher tem a liberdade de fazer o que bem entender, enfim, assim como o homem também, tem também a liberdade de não sair pro campo e fazer as lidas da casa. Hoje eles têm essa liberdade!(...) (Dona Corunilha, 2018).

Trazer essas narrativas de Dona Corunilha se torna potente para pensar na construção histórica, social e cultural das mulheres, assim como na pluralidade e conflitualidade dos processos que fabrica e distingue corpos e sujeitos femininos e masculinos. Provocar o pensamento naquilo que nos fabrica, nos produz e nos constitui se torna urgente pensar nos elementos históricos do pampa gaúcho: a cultura e a tradição gaúcha como importantes aspectos para produção de feminilidades e masculinidades que são vividas e experienciadas na atualidade.

O modo mais eficiente para desconstruir algo que parece evidente, sempre dado, imutável, é demonstrar como esse algo se produziu, como foi construído. Ao se admitir o caráter de construção que a história possui, inclusive o papel de homens e mulheres na sociedade, é possível criar o que Michel Foucault chamou de “fraturas do presente” pois, se algo não foi sempre assim, nada determina que assim se conserve (COLLING, 2004, p. 14) [grifo da autora].

Assumimos a história como construída, legitimada através de jogos de poder. Importante lembrar que a “história das mulheres é uma história recente” (2004, p. 13) como nos fala Ana Colling. O lugar da mulher dependeu das

representações dos homens, que até pouco tempo eram os únicos a escrever a história universal, sendo estes responsáveis pelas construções conceituais que hierarquizaram a história, com os dois sexos assumindo valores diferentes, transformando o universalismo também em desigualdade (COLLING, 2004).

Trazer à tona essas evidências, através das narrativas das mulheres do pampa, nas suas experiências cotidianas, se tornam importantes para as discussões sobre gênero. Ao percorrer as narrativas das mulheres que fazem parte desta pesquisa observamos fragmentos de memórias, de recordações e de histórias sobre o viver pampeano uma vez que elas, ao falarem, narram os acontecimentos e a própria vida cotidiana.

Lembramos ao(à) leitor(a) que na seção 2.2 desta dissertação, ao olhar para a literatura, escolhemos o Diário de Cecília de Assis Brasil (1983) e o conto “Segredo Segredo” de Aldyr Schlee (1983), nos provocando a pensar nas relações mulheres e natureza no pampa gaúcho. E questionamos: qual o lugar da mulher no pampa? Ela é, não raras vezes, posicionada como aquela que ocupa o espaço do cuidado com as plantas, com os animais e com os outros seres.

Na Charla do Pampa, levamos alguns artefatos para provocar o pensar e o falar sobre as relações entre mulheres e natureza no pampa: como fotografias, imagens do Google sobre homem-natureza, mulher-natureza e também um trecho do Diário da Cecília de Assis Brasil que está presente no capítulo 2 e 3 desta dissertação:

Segunda-feira, 25 de dezembro (de 1916) – [...] Papai disse que dará um dote à filha que souber ser uma cozinheira de verdade. Não quero o tal dote, quero mostrar que sirvo para alguma coisa. Serviço é que não falta! Todos deviam nascer com o firme propósito de embelezar e tornar perfeito o canto do mundo em que vivem; por menor que seja, o esforço sempre há de aparecer. Tenho verdadeira pena de quem nunca comeu sequer uma batata plantada pelas suas próprias mãos, bem como dos que não conhecem os encantos que há na criação de um guacho, que nunca souberam como é bom colher flores no jardim onde se tenha acompanhado o desenvolvimento da planta, desde o primeiro broto saído da terra negra até alcançar os raios do sol, até abrir das pétalas em flor (ASSIS BRASIL, 1983, p. 24).

Após esse momento, provocamos alguns questionamentos: Que posições as mulheres são assumidas ou colocadas nas relações com o pampa? Que outras posições são possíveis para homens e para mulheres no pampa? Nas narrativas vamos delineando também o que chamamos de *Sentimento Pampeano*,

marcado também pelas posições que se legitimam um amor e um cuidado pelo pampa:

Eu vejo a mulher assim na sua relação com o pampa, eu tava dizendo que a mulher é parideira por si, parideira assim, não só de botar os filhos, mas ela tem essa sensibilidade de né...(Aradia, 2018).

Diferente eu acho (Lala, 2018).

Diferente. Então eu acho, não sei se desse cuidado, desse amor assim, eu sinto que esse olhar feminino tem um tanto diferente assim, do olhar do homem, assim, que talvez seja mais economicista, mais monetarista, e que talvez ainda. Não tô dizendo o homem, todos os homens, mas eu vejo a mulher assim, por ter essa questão mais... o acolher, isso por ela acolher mais e de trazer mais para seu regaço, para seu peito, ela também traz esse lugar... Achei muito lindo assim “de embelezar o canto do mundo em que vivem” então acho que esse canto do mundo em que vivem a mulher na sua natureza enfim, na sua origem, tem mais esse cuidado (Aradia, 2018).

As mulheres são posicionadas como as que têm mais cuidado nas suas relações com o pampa, o seu canto no mundo, diferente do homem. A historiadora Ana Colling (2014, 2004) nos ajuda a compreender a construção histórica do feminino – natureza, emoção, amor, intuição; e do masculino - cultura, política, razão, justiça, poder; “esta dicotomia constitui uma oposição desigual entre homens e mulheres, caracterizando a sujeição destas aos homens dentro de uma ordem aparentemente universal e igualitária” (COLLING, 2004, p. 22). Assim, estudiosas do gênero, como Joan Scott nos auxilia a compreender que a relação entre os sexos, não é um fato natural, mas sim uma relação social construída e constantemente remodelada. Logo, as relações que se estabelecem no pampa com a natureza são resultantes de diferentes contextos históricos passados e atuais. Como nos fala Joan Scott (1995), é preciso uma desconstrução histórica, se fazendo necessário rejeitar o carácter fixo e permanente da oposição binária.

Entendemos aqui a importância de desnaturalizar esse modo binário quando analisamos as relações humanas com o pampa, entendendo que há marcas históricas, culturais, sociais, políticas, econômicas que vêm tradicionalmente posicionando o feminino e o masculino nesta trama.

Dessa forma, vemos a potência desse eixo de análise, em um exercício filosófico de pensar como se estabelecem as relações mulheres e natureza no

pampa gaúcho, bem como vamos nos constituindo nesses interstícios, a partir de uma sensibilidade estética pampeana. Na sequência da conversa, é questionado esse espaço quase que exclusivamente da mulher: o cuidado. Ao analisar as narrativas podemos observar algumas práticas que instituem e reforçam questões relacionadas às posições de gênero.

Mas também essa cultura do cuidado de que a mulher é do serviço do cuidado. E muito isso. Eu acho interessante do que ela coloca, e de quando ela faz isso, porque “só ganha o dote a mulher que soubesse cozinhar”, a filha que souber cozinhar... que era isso. A mulher dentro de casa, nos serviços da casa, nos serviços do cuidado da casa. Só que a forma que ela se coloca no mundo, ela também não é uma forma que coloca ela como o homem, ou até com essa visão do homem, que é o reflexo dessa... “o meu serviço é o gado”, o meu guri é assim também, é cavalo, gado, cavalo, gado, cavalo, gado, uma ovelha quando ele tropeça numa ele ah tem uma ovelha aqui vou olhar, sabe...(Dona Corunilha, 2018).

Cordeirinho, eu criei aqui na cidade, terneiro, abichado num olho, que não comia, mamadeira, que aí um dia viram uma caixa tinha seis gatinhos, “ah pai vamos levar para a mãe” e eu criei os seis na mamadeira (Lala, 2018).

Então... a gente nunca disse para ele “o teu serviço é o gado”, não mas o vizinho tá dizendo tu é o homem da casa, tu tem que fazer tal coisa. E é óbvio que tu vai absorvendo. E aí ela se coloca dessa forma, que é isso assim. De sim se abrir, de sim não estar encerrada dentro de casa cozinhando, né, eu não aceito que eu vou ficar em casa cozinhando, enfia teu dote no seu...(Dona Corunilha, 2018).

Somos frutos do momento em que vivemos, da nossa história e cultura extremamente machista, que deixa marcas nos modos de vida das mulheres e dos homens. Mas se torna importante entendermos que a cultura não é estritamente imposta, se não cabe uma outra, não teríamos espaços para respiros possíveis. Que resistência é isso...

Logo, não se trata de pensar as resistências como algo que viria a romper, superar ou libertar-se das relações de poder, mas como um combate interno, interior a determinado jogo e arranjo de forças. Tal entendimento passa pela concepção do poder como relação, como ação que se exerce sobre a ação dos outros (MARQUES; TEIXEIRA; DIAS, 2018, p. 218).

Somos construção dessas relações de forças, muitas vezes formas assimétricas do poder, mas mesmo essas lutas difíceis de serem travadas, de se conseguir brechas, não quer dizer que sejam deterministas. Portanto, a partir de pequenas revoltas diárias e pequenos espaços é possível resistir a essa cultura.

Através dessas vozes, escutamos uma nova história que começa a ser contada, outras histórias possíveis para o pampa. Talvez a nossa resistência esteja aí, em escutá-las, em trazê-las na intensidade, como colocar em movimento uma máquina de sons, como nos fala Ana Godoy (2008) no desejo de um devir menor. Não nos interessa inverter essa dicotomia e trazer para um patamar as mulheres e suas relações com a natureza, mas mostrar ali, no cotidiano, o que nos faz ser e sentir pampeanas.

Mas vem cá, tinha o tempo que ficar em casa, tinha que fazer o pão, o queijo, se fazia tudo o doce, de noite tinha a mesa cheia...(Lala, 2018).

Mas não pela questão do tempo, mas de quem faz né, não se tinha a opção se era a mulher ou o homem, era a mulher que fazia e ponto, né. E era uma obrigação, e aí da filha que não soubesse, eu sou uma tragédia, não sei costurar, se eu tivesse em 1916 (risos), ia dar muito trabalho, iam me colocar no tronco... (risos). Porque né, porque era uma obrigação, não era uma função, os cuidados era obrigação, além dos cuidados que era obrigação, tu podia, fazer uma horta, uma outra coisa, para fugir, desses cuidados da obrigação, que era uma coisa... que ela fala do guacho, que é uma coisa da volta da casa, ela fala do jardim, que é da volta de casa, mas ela tem essa visão, e que eu acho que ... de embelezar seu canto no mundo, que pra mim é muito legal, que por mais que ela esteja falando daquele limite onde ela pode ir, ela tem essa visão muito ampla, que o Diário dela todo é muito bom, né. Mas ela tem isso, e tu vê isso como uma precursora de todas outras mulheres, nós, que podemos hoje andar a cavalo, por exemplo, e fazer o serviço de campo, sem ser represada, sem sofrer represália, então o que elas não fizeram, o que elas faziam, elas sofriam represália, então. Na minha volta ali, tem os Ferreiras, que é uma família muito antiga, e tem a L.F. que é uma amiga minha, mais velha que eu, mas que ela traz muito da memória da avó dela, e a avó dela andava só de bombacha e fazia o serviço de campo, sim, e aí ela descobriu umas fotos antigas, aí ela foi questionar: “para aí que vocês não estão nos contando, estão escondendo uma história”, aí acharam no casarão, nas coisas na casa da avó dela, uma bombacha feminina, com um corte maravilhoso, super confortável, nós ficamos assim, ahh. Aí ela mandou fazer, tirando o modelo, para a gente mandar fazer, porque era muito boa, né. E era a que a vó usava. E aí ela achou as tais fotos da vó dela de bombacha, mas para aí, “contem melhor esta história”... (Dona Corunilha, 2018).

“Contem melhor esta história”, outras tantas possíveis nos interstícios pampeanos, são histórias de vidas infames, silenciadas e invisíveis para a história oficial, tramadas e escrita pelos homens muitas vezes posicionando as mulheres do pampa como a prenda, o regalo, a coadjuvante nas suas relações

com esse território. Muitas vezes, a história oficial mostra-nos mulheres delimitadas e encerradas no ambiente doméstico, marcadas por uma cultura que ensina modos de falar, de se vestir, de ser mulher no pampa.

Nas narrativas que finalizamos esta seção, entendemos que há alguns deslocamentos possíveis, outros nem tanto: o cuidado com a terra e com os outros não mais é uma obrigação, mas torna-se uma essência e uma subjetividade feminina. Compreendemos que a relação de cuidado entre as mulheres e o pampa torna-se uma condição de possibilidade para que o *sentimento pampeano* emergja nas vozes dessas mulheres, já que, em suas falas, enfatizam muito o amor pelo lugar, narrado através de suas memórias e de suas experiências de vida, das recordações dos antepassados, mas também nas músicas, na literatura, na arte.

Mas eu, talvez até não tenha me expressado bem, eu não falo em mulher assim, ahh. Até a engenheira espacial, lá astronauta, não estou segmentando assim, a mulher e o homem, mas eu acredito firmemente que a nossa índole assim, pode ser a profissional mais brilhante. Sempre (Lala: sempre vai ter a mesma coisa...) sempre, tu vai ter algo, sentir que é essa cuidadora. Não tô dizendo que a mulher fique lá, nas lides domésticas e que por isso ela vai cuidar mais da terra, é porque a nossa essência feminina, (...) Mas assim, eu acredito que a mulher veja o mundo de uma forma diferente, veja o seu, como que é... “o canto do mundo que vivem” de uma forma diferente, eu sinto isso, assim (Aradia, 2018).

Eu não vejo o homem como um devastador, que ele vai ser, que ele vai derrubar tudo, que vai desmatar a mata, e que a mulher vai plantar, não, não é isso. É algo assim, muito subjetivo, e aí tu perguntou o homem e a mulher... É a subjetividade feminina que eu creio que nos faz este sentir o cuidado assim, claro que tem mulher que passa o trator e derruba tudo (Aradia, 2018).

Assim como tem homens supersensíveis (Dona Corunilha, 2018).

Acho que é uma coisa muito assim pensei... morre o Dono da casa e ninguém assume? Tem mulheres que assumem uma fazenda inteira, criação de cavalo, e assume mesmo, assume mesmo, é o homem da casa, no caso a mulher. Mas agora que outras posições o homem poderia assumir? (Lala, 2018).

Tensionamos o pensamento, nos provocamos ao escutar as narrativas acima e questionamos mais uma vez, em que posição são colocadas as mulheres nas relações com o pampa? Não seria mais uma posição coadjuvante? Ou uma

posição – quase exclusivamente! – vinculada ao cuidado e à proteção? E aqui reforçamos que não há o certo e o errado nas relações com o pampa, mas se torna necessário desnaturalizar olhares, romper com a essência, mirar as verdades que se tornam legítimas nas relações históricas e culturais pampeanas e que determinam maneiras de ser e de viver.

Na continuidade deste capítulo vamos provocando o pensar sobre o *sentimento pampeano*, naquilo que nos fabrica, naquilo que nos move. Ao finalizar esta seção lembramos uma narrativa que nos inspirou a escrita:

Até porque me lembrei de outra história que eu revi um filme antiquíssimo, a Lala com certeza lembra que é o “E o Vento levou” e aí ele vai embora (Dona Corunilha: mas a gente lembra!). O grande amor da vida Scarlett vai embora e ela fica com o quê? Ela fica com a Tara, ela fica com a terra, achei muito lindo assim, agora lendo isso [o trecho do Diário da Cecília de Assis Brasil]me lembrei...(Aradia, 2018).

Somos atravessadas por artefatos culturais que vão nos ensinando modos de se relacionar com a terra, com o lugar. Finalizamos esta seção com a reprodução do diálogo entre o pai e Scarlett no filme “E o vento levou”:

- Quando eu morrer deixarei Tara para você!
- Eu não quero Tara, plantações não significam nada para mim.
- Você está me dizendo ScarlettO’ Haara que a terra não significa nada para você? Terra é a única coisa que vale no mundo do trabalho, pelo que vale lutar, pelo que vale morrer. Porque é somente o que fica!
- Pare Papai! Fala como um irlandês!
- Eu sinto orgulho de ser irlandês e trate de não esquecer que você é meio irlandesa também. E para mostrar que tenho uma gota de sangue irlandês a terra que vive é como se fosse Mãe. Mas você é apenas uma criança. **Ele virá a você, o amor pela terra, não há como fugir** sendo irlandês!(1939) [grifo nosso].

A escrita se tece a partir de inquietações potentes para pensar em como nos constituímos mulheres ambientalistas do pampa, onde o cuidado e o amor pelo lugar tornam-se fundamentais para o sentimento de pertencimento - o *sentimento pampeano*. Na próxima seção buscamos pistas contemporâneas da educação ambiental para que essa sensibilidade seja recorrente nas narrativas.

4.3. Educação ambiental nos interstícios pampeanos

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar

para escutar, pensar mais devagar, e escutar mais devagar [...] (LARROSA, 2015, p. 25).

Como um gesto de interrupção, esta pesquisa-experiência requer criar possibilidades de parar para pensar sobre nosso campo de saber da educação ambiental. Para isso, pretendemos, nesta seção, exercitar a escuta da diferença que se faz no encontro com as intensidades (GODOY, 2008), ao “parar para olhar, parar para escutar” as vozes que ressoam os atravessamentos culturais, cotidianos que dão sentido à vida e às vidas dedicadas à educação ambiental. Nosso desejo e pretensão foi buscar possibilidades da experiência, cultivando a arte do encontro com as mulheres-narradoras: Lala, Dona Corunilha e Aradia, ao escutar suas narrativas:

[...] cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2015, p. 25).

Atentar às vozes que narram e também falar sobre o que nos acontece, sobre nossas inquietações e pensamentos é relevante, por isso as questionamos e também a nós mesmas: que educação ambiental/educações ambientais são possíveis?

Na Charla do Pampa, as narrativas sobre a educação ambiental permeiam ao longo da conversa, por isso trouxemos falas importantes para entender de que forma o *sentimento pampeano* é potencializado por essas discussões, como uma possibilidade de sentir-se pertencente ao lugar - ao pampa.

*Aí a Juliana tava falando sobre a educação ambiental possível né, dentro do pampa, e eu acredito que **ver e se sentir parte desse pampa** produz uma educação ambiental (...)* (Aradia, 2018) [grifo nosso].

A educação ambiental é tecida no cotidiano através de práticas pedagógicas que ensinam formas e modos de se relacionar com o pampa, o ambiente. Como já evidenciamos anteriormente, não faremos um exercício de explicitar o dualismo entre a educação ambiental maior e a menor. Mas sim, trazer provocações potentes com um devir menor ao olhar as narrativas.

Ao transitar pelas falas das mulheres, notamos um delineamento do que é educação ambiental, que ocorre numa estrita relação entre humano-natureza, mas também na relação humano-humano. Nas experiências contadas, as mulheres definem um lugar para a Educação Ambiental: ampla, conectada, com

coerência social, em que natureza e humano fazem parte um do outro. Mas nos provocamos a questionar novamente: qual o lugar que a EA ocupa? Existe um ideal de educação ambiental?

*Eu falo que a Educação Ambiental tem que ser ampla, né. Porque tá tudo conectado, o econômico, o ambiental, o social, o cultural tá tudo conectado. Então não tem como trabalhar uma coisa sem trabalhar a outra, sem trabalhar as outras todas. Aí eu venho sempre pelos pilares né. Não tem como fazer educação ambiental e ser um machista, não tem como fazer educação ambiental e ser racista, não tem como fazer educação ambiental e ser fascista. Tem que ter o mínimo de coerência social para tu fazer a educação ambiental, porque é isso... **É esse viver com, não é, a gente já passou da fase de achar que ser humano não é natureza, que não faz parte e tal. Já passou isso...** Mas é uma cultura imposta, desenhada, foi pensada pelas culturas de botarem leis inclusive de que o animal tinha menos valor que o ser humano, e tal. E a gente é construção disso. E aí vocês pioneiras neste processo, nós já frutos e frutejando, na construção deste processo, a gente desconstruir isso e dentro disso desconstruir todos esses outros paradigmas no formato da sociedade, de não igualdade, pois o processo é esse, né. Da gente se enxergar com e não contra (Dona Corunilha, 2018)[grifo nosso].*

Qual o lugar da Educação Ambiental? Ela ocupa um lugar indispensável nas nossas vidas de diferentes formas no nosso cotidiano. A partir do que entendemos a educação ambiental, vamos nos produzindo sujeitos corretos, seja em ações sociais, políticas, econômicas e ambientais. Questões como o racismo, o machismo, o fascismo, estão em pauta na atualidade, mas somos contra isso. Embora, nos interstícios da EA, ainda possamos encontrar sujeitos racistas, machistas e fascistas.

Así, la producción discursiva de la Educación Ambiental va constituyéndose en un campo necesario en la contemporaneidad. Es necesario ver y hablar sobre cuestiones ambientales y enseñarlos “modos correctos” de comportarse en el Planeta Tierra (HENNING, 2017, p. 345) [grifo da autora].

A maneira como conduzimos nossos modos de vida, de relações com outros humanos, com o planeta, com o pampa e com nós mesmos mostram práticas que se aproximam mais ou menos da educação ambiental.

A partir das narrativas vemos que se produz uma nova subjetividade que é acionada pelo *sentimento pampeano*, o “viver com”, a relação humana conectada com a natureza que vai nos subjetivando em sujeitos pampeanos,

ensinando modos de ser e de viver com o pampa e com outras pessoas que se compreendem como parte da natureza.

O exercício filosófico de questionamentos, provocações, inquietações compartilhadas fez com que outras questões fossem levantadas pelas mulheres-narradoras desta pesquisa no decorrer da Charla do Pampa:

*Mas me lembro dessa coisa que se **tu é ambientalista?** Aí eu olhava... Olha não sei aí ele ficava: Ah tu é feminista! Olha não sei, porque na verdade eu fui descobrir que existia um nome para aquilo que eu acreditava depois que eu já acreditava né. Já tinha aquela concepção e fui descobrindo né, aí nesses dias a gente conversava numa formação desse processo né... Tu não vai sentar ler um livro e: Ah agora eu sou ambientalista! Ah agora eu sou feminista! Ah agora eu sou antifascista! Não é assim que funciona. É uma coisa que realmente tem que ser uma transformação interna porque a pressão externa vai... para que tu seja “normal”, esteja dentro do “senso comum” é enorme, então para tu conseguir te modificar e realmente fazer diferente é um esforço do cotidiano, porque todos os dias a mídia, a tv, tararara, estão para te dizer ao contrário (Dona Corunilha, 2018) [grifo nosso].*

Vamos nos subjetivando, tornando sujeitos deste tempo - ambientalistas, antifascistas, feministas, educadoras ambientais - a partir de ações cotidianas que realizamos, atravessadas por uma cultura, por modos de viver a contemporaneidade. As mídias, assim como outros artefatos culturais, estão aí “para te dizer o contrário”, mas também em amplos espaços de divulgação nos ensinam modos ecologicamente corretos de viver no Planeta Terra, nos ensinando ambientalmente:

Poco a poco estos artefactos nos convocan a cambiar los hábitos, a conducir la vida de otro modo, a *conscientizarnos* de los problemas ambientales. La EA, echando mano de los materiales que circulan en espacios formales, no formales e informales de aprendizaje, parece traer la solución a los graves problemas por los cuales estamos viviendo (HENNING, 2017, p. 348)[grifo da autora].

A educação ambiental muitas vezes é colocada como uma estratégia de conduzir a conduta dos sujeitos, frente à necessidade urgente de mudança de hábitos perante os gravíssimos problemas ambientais enfrentados hoje. Nos provocamos neste estudo a pensar nosso campo de saber, a educação ambiental, nos afastando da tagarelice midiática, para tentar escutar as vozes dessas mulheres sobre sua relação com a natureza e com a EA nos interstícios pampeanos.

Talvez o “silêncio tropeiro” que Aradia nos fala na narrativa abaixo, nos sugira pistas para pensar sobre o *sentimento pampeano* atravessado por uma educação ambiental menor. “Em um mundo frenético e assolado pelos meios midiáticos, como é possível calar? Como é possível encontrar espaços para o silêncio?”(HENNING, 2018, s/p). Pode-se, a partir de um pensamento menor, experimentar paisagens num tropeirear silencioso de uma educação ambiental tramada no pampa, um caminhar que nos toca com outros sons, outras intensidades, outros devires...

E se pudéssemos aceitar o convite de suspeitar dessas tagarelices midiáticas? E se pudéssemos torcer o pensamento e criar outros modos de educar para viver no meio ambiente? Para além de ensinar sobre sérios problemas que vivemos no cotidiano - e vale pensar o modo como estamos ensinando sobre isso! -, a EA pode falar de outras coisas: da relação que estabelecemos com o mundo; do cotidiano com vizinhos, pessoas, lugares, animais, espaços; dos modos como nos sentimos humanos e nos relacionamos com os elementos naturais; etc. (HENNING, 2018, s/p).

Na expressão “Torcer o pensamento e criar outros modos de educar”, encontramos a possibilidade de trazer a ecosofia (GUATTARI, 1995) para nos ajudar a torcer e a criar diferentes modos de se fazer a educação ambiental nos interstícios pampeanos, pela via da singularização, da invenção, da criação estética a partir de um devir ético e político. Porque é no silêncio que há a possibilidade de escutar os outros seres, as outras vozes e, quiçá, educações ambientais menores.

*É e me fez lembrar das três ecologias...de se tu é machista. Então é a ecologia cósmica, é também a ecologia pessoal, é também a ecologia planetária, então a ecologia social, como tu te relacionas com as pessoas, e a tua ecologia pessoal, né, das suas emoções, da tua, dos teus sentires. **Bah! E aqui do pampa achei assim muito lindo de ver o silêncio tropeiro como ele vai influenciar, né, essa natureza como vai então vai bater em nós, na verdade ela não vai bater em nós, ela vai...Eu achei muito bonito quando diz assim oh... “Eu percebo que meu sangue é o mesmo do meu cavalo”, eu não tô sendo separada e isso eu faço, (...) tá lá e eu tô aqui, não, essa ilusão da separatividade é isso aí, “meu sangue é o mesmo do meu cavalo”, então eu acho isso muito lindo, então, se eu não sou separado eu não vou né, ser um fascista, né.** (Aradia, 2018).*

As três ecologias que Aradia nos convida a pensar na educação ambiental se constituem mergulhadas pelo *sentimento pampeano*. Elas são fruto do trabalho do filósofo Félix Guattari (1995), autor que nos propõe uma

recomposição de práticas sociais e individuais a partir de três ecologias, sob uma guarida ético-estética de uma ecosofia: a ecologia social, a ecologia mental e a ecologia ambiental. “Não é justo separar a ação sobre a psique daquela sobre o *socius* e o ambiente” (GUATTARI, p.24) [grifo do autor]. O autor não nos propõe regras práticas ou um guia de práxis, mas ao contrário, trata-se de liberar as contradições possíveis entre esses três níveis ecológicos. Em nível mental estão os modos de produção de singular existência, de dissenso e de criação. Já no nível social é possível pensar nas reconstruções das relações humanas. Tais níveis e visões estão intrinsecamente ligados à ecologia ambiental, às relações entre a humanidade e ao ambiente.

Marcas atuais nos fundamentos da educação ambiental nos mostram que é preciso se sentir pertencente ao Planeta, ao lugar em que vivemos, aos espaços em que convivemos, ao grupo de pessoas com quem nos relacionamos. O enaltecimento do sentimento, nos interstícios da educação ambiental, deixam vestígios nas maneiras como nos relacionamos com a natureza, com outros seres e outros humanos. Importante questionarmos como essas relações foram se estabelecendo na atualidade? Qual a importância de se sentir pertencente? Vale provocar que para sentirmo-nos pertencente é porque fomos, pouco a pouco, travando um distanciamento com os elementos naturais. É preciso – enquanto valor de verdade – voltarmos a ter essa conexão... Provocadas pela potência do dissenso (HENNING e SILVA, 2018, p.) questionamos e estranhamos o que muitas vezes se considera fundamento da educação ambiental, e aqui observamos as relações de pertencimento.

*Feminicídio não existe, não... como tem muitos por aí dizendo. Homossexualidade não, tô contra, que é isso? **Ou somos parte, não, somos um dentro de um todo, e o todo tá dentro de nós, ou, nós estamos nos enganando... (...)** Então eu acho que é o vento pampeiro, dessa **sensibilidade(...)** (Aradia, 2018)[grifo nosso].*

A sensibilidade estética pampeana, que aqui chamamos de *sentimento pampeano*, presentes nas narrativas, se constitui também pelas maneiras como o pertencimento presente na educação ambiental atravessa a vida dessas mulheres, e as nossas também. Sim, nos sentimos pertencentes ao pampa, isso nos tece, nos produz, nos trama a própria vida!

Podemos potencializar o pensar nas relações de pertencimento ambiental, atravessadas pelas três ecologias de Félix Guatarri ao afirmar que “trata-se de pensar a diferença e a singularização ética, estética, política convocadas pela Ecosofia como um dos atravessamentos possíveis entre resistência e educação ambiental na contemporaneidade” (MARQUES, TEIXEIRA, DIAS, 2018, p.223). “*Quem tem coragem de fazer?*” Aradia se questiona, nos questiona e nos provoca com essa pergunta. Quem tem coragem para fazer outras, mais, possíveis educações ambientais tramadas no pampa?

Então assim... Quem é que tem a coragem de fazer? De viver algo que não é algo que a sociedade ah, aqui, ali, mas fazer algo para se modificar, assim, né. Dentro das suas pequenas caridades, dentro dos seus mundos, bom, eu estou vivendo... Outro dia até me disseram: “- tu és pagã?” (risos) eu não sei se sou pagã... – “Mas tu acredita em quê? Tu acredita na Pachamama?” Eu disse eu acredito, acredito na vida una que tem uma mãe generosa nutritiva...- “Então tu é pagã?!” Olha se tu achar que eu sou pagã. Mas não entrei em detalhes, acredito em Cristo em Buda, mas se tu acha que sou pagã eu sou pagã! (risos) (Aradia, 2018).

Ao nos questionarmos constantemente como nos tornamos aquilo que somos, pagãs ou não, ambientalistas, feministas, nos potencializamos a suspeitar daquilo que nos produz e nos constitui, a partir de nossas escolhas e de nossas vivências como mulheres pampeanas que educam ambientalmente.

Importante lembrar que somos sujeitos marcados pelo momento histórico em que vivemos - um momento de crise ambiental. Não há como negar a materialidade dos fatos que estamos vivenciando hoje no planeta e no pampa: destruição dos biomas, derretimentos de geleiras, aumento na produção de lixo e poluição, extinção da fauna e da flora. Tudo isso requer um chamado urgente para encontrar soluções...

Eu agora tô na campanha não chupo mais (risos), chupá não aí eu vou num restaurante, eu vou em qualquer lugar e “canudinho?” não eu não chupo mais moça (risos). É isso gente, é pequenos gestos que eu fico assim indignada. Uma vez por semana tem o almoço com as primas tá, aí via de regra, elas pagam com cartão de crédito, aí para que imprimir aquela segunda via ali, se tu tá recebendo no teu celular... (Aradia, 2018).

Vamos nos constituindo educadoras ambientais ao assumir esse discurso de verdade, “*subjetivándonos, la EA crea un nuevo sujeto, el ecológico, el verde,*

el ecologicamente correto, a su vez, el consciente” (HENNING, 2017, p. 346). Segundo Henning, há a produção de nova subjetividade que ensina comportamentos corretos e delimita ações e condutas.

A solução dos problemas ambientais é um dos objetivos da educação ambiental e, assim, ela vai ensinando cotidianamente, seja pela mídia ou na escola, a importância das ações individuais e dos pequenos gestos, para a transformação do planeta. Vamos experienciando maneiras de viver o planeta de acordo com atitudes necessárias para o nosso futuro na Terra embora sejamos alarmadas constantemente pelas notícias que chegam...

Sim, e quando tu falaste de quando o pedaço de papel da árvore é um milhão e meio de hectares a mais, a FEPAM divulgou na semana passada, vão plantar um e meio, 1,5 milhões de hectares a mais, dos milhões que já têm plantado na metade sul do Rio Grande do Sul de eucalipto de papel (Dona Corunilha, 2018).

O que fazer diante de tamanha destruição? A urgência torna-se uma maneira de nos fazer agir constantemente em prol do planeta e do pampa. Somos educadoras ambientais capturadas por tais urgências e dispostas a solucionar, ou então a lutar por soluções para os problemas que assolam o pampa. São questões que atravessam qualquer um de nós, sobretudo nós, mulheres ambientalistas do pampa.

Sabe quando dá uma tristeza, quando agora eu vou para o Rio e vou olhar coisa triste quando a gente vai chegando, os quadradinhos, aquilo, no Rio Grande do Sul é só quadradinho a terra, quadradinho, tu vê campo, mas é só quadradinho, quadradinho, ou é soja ou é arroz, assim é a mesma coisa, as imagens que a gente tem aqui, nossa do arroio daqui para Herval, e daqui para lá, da faixa para lá é só, quadradinho de arroz, muito triste, tudo amarelo e quadradinho de arroz, e as aguinhas saindo do arroio para lá (Lala, 2018).

E essa região nossa, pampeana a gente é historicamente, jogada a pobreza, depois pós Revolução Farroupilha, os caras quiseram mostrar as asinhas, é uma política atrás da outra de empobrecimento da região, porque é uma região riquíssima. Então é uma sucessão histórica (Dona Corunilha, 2018).

Sim porque agora nós temos, só na metade sul do Rio Grande do Sul, no nosso bioma, 132 projetos de mineração, 132 projetos de mineração! (Dona Corunilha, 2018).

A partir de um exercício filosófico, é importante problematizar a Educação Ambiental como um discurso de verdade, tão potente nos dias atuais

e que vai ensinando modos de ser e de viver no mundo moderno. A emergência da Educação Ambiental tem nos ensinado modos de ser? Como esse processo de subjetivação se opera nos sujeitos de pesquisa? Pensar nesses modos de ser educadora ambiental ou nos modos de fazer educação ambiental torna-se potente para nosso campo de saber.

Me parece importante tensar los discursos que ponen la EA como estrategia de conducir la conducta de los sujetos, llevándolos al convencimiento de la necesidad de cambiar sus hábitos de vida, de convertirse en un nuevo sujeto, concatenado con su tiempo, un tiempo de sérios problemas ambientales (HENNING, 2017, p. 346).

Somos atravessadas por essas educações ambientais, seja maior ou menor, que vão nos constituindo enquanto sujeitos. Fica aqui nosso desejo de junto com as mulheres-narradoras tensionar essas práticas pedagógicas que ensinam ambientalmente para soluções urgentes. Assim, vemos a potência do *sentimento pampeano* para disparar outras formas, encontrar novos caminhos e novas trajetórias para a educação ambiental tecida aqui, no pampa!

Talvez a EA pudesse encontrar na potência do dissenso a possibilidade de sua criação, do encontro e do desejo por outros modos de compor-se. Uma coragem para pensar, provocar, ranger, rachar as verdades estabelecidas, os modos comuns e a sua reprodução. Pensar a partir do dissenso é romper com o pensamento universalizante, com um único jeito de se fazer e pensar a Educação ambiental. O problema não está nas ações que as práticas pedagógicas da EA nos ensinam: fechar a torneira, separar o lixo ou diminuir o tempo do banho. Nossos modos de vida assumem essas práticas por uma questão política, de implicações éticas no cotidiano da vida ou por uma condução de rebanho, sempre homogêneo, linear e de repetição? (HENNING E SILVA, 2018, p.158)

Nesse sentido, urge uma coragem necessária que nos impulsione a querer mais, a querer experimentar educações ambientais possíveis no pampa gaúcho. E assim, finalizamos a última seção das análises das narrativas, com o desejo de estar atentas às vozes que narram e que tramam suas vidas a partir do *sentimento pampeano*, uma vez que vimos aqui uma educação ambiental marcada por um sentimento de pertencimento ambiental, pelo forte entrelaçamento entre humano e natureza.

4.4. Considerações Finais

Dedicamos-nos às análises das narrativas das mulheres ambientalistas pampeanas neste quarto capítulo. A partir do material analisado, nos instigamos a pensar nas condições de emergência para que o *Sentimento Pampeano* fosse recorrente às narrativas das mulheres ambientalistas do pampa, por isso dividimos capítulo em três seções de acordo com as análises.

Na seção **“Eu sou do pampa, o pampa sou eu”: subjetividade, cultura e natureza no pampa**, encontramos a recorrência de uma relação de pertencimento ao pampa, a partir dessas relações humano-natureza, articuladas com a história e a cultura gaúcha marcadas por uma estética e sensibilidade. Em **“Contem melhor esta história”: mulheres e natureza** foi possível observar o amor e o cuidado pelo pampa na construção do *Sentimento Pampeano*. E, na terceira seção, **Educação ambiental nos interstícios pampeanos**, analisamos os atravessamentos potentes na vida dessas mulheres de educação ambiental/educações ambientais possíveis.

Ao finalizar, ansiamos pela potência de provocar em nós e em outros pesquisadores uma escuta da diferença, criar uma máquina de intensidades e sons para ir além do já dado e estipulado para a educação ambiental. Buscamos no encontro com as mulheres-narradoras a possibilidade de tecer a arte e a filosofia para pensarmos juntas, educações ambientais possíveis, modos de ser e de viver o pampa na atualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO: ALGUMAS INQUIETAÇÕES E PERSPECTIVAS

D. Celeste riscou-lhe sorrindo três cruzeiras na testa com o polegar. Saiu da frente de Marita e apontou-lhe lá embaixo a vaca:

- *Sabés apoiar uma vaca?*

Marita também sorriu:

- *Sim...*

- *Te gusta bibi com leite?*

Marita sorriu de novo:

- *Sim!*

- *Como te sentis?*

- *Bem...*

- *Bueno. Entonce soltá el pássaro!*

Marita estava ainda com a gaiola nas mãos.

- *Bamos! Soltá el pássaro!* – repetiu a velha.

- *Bamos... soltá!*(SCHLEE, 2018b, p. 122).

Marita é a última protagonista feminina do escritor Aldyr Garcia Schlee, presente no seu livro “O Outro Lado”(2018). Falecido em novembro de 2018, o escritor nos deixou lembranças e saudades, mas também nos deixou uma vasta literatura *pueblera*. Escrevia principalmente contos, contos *puebleros* como costumava chamar e com inúmeras personagens mulheres – Marita, Ildaídes, Ojola e Ojoliba, ...- que viveram aqui ou do outro lado da fronteira, no Uruguai. Constantemente atravessadas pelas leituras dos contos de Aldyr Schlee, fomos construindo inicialmente o projeto de pesquisa, que iria se dedicar à literatura para problematizar sobre as relações entre as mulheres, o pampa e a natureza. Mas decidimos não só trazer a arte, a literatura, a fotografia e a música para o interior desta dissertação, mas também nos dedicar a uma investigação narrativa, com o desejo de escutar estas mulheres ambientalistas do pampa – Aradia, Dona Corunilha e Lala.

“*Bamos!...soltá!*” Após alguns dias de convalescença a cuidados de uma benzedeira chamada Dona Celeste, Marita estava pronta, restabelecida sua vida, poderia então libertar o pássaro. E aqui podemos pensar em quantos pássaros soltamos ao longo desta dissertação! Provocadas pelo filósofo Michel Foucault, buscamos pensar nesta pesquisa como uma experiência de vida, em que a filosofia atravessa a própria existência. Pensar sobre o que nos constitui como mulheres pampeanas educadoras ambientais e questionar o que tomamos como verdades que assumimos. Uma maneira de provocar o pensar sobre o próprio pensamento, retomamos as palavras de Foucault “se deve ter uma atitude exigente, prudente, ‘experimental’; é preciso a cada instante, passo a passo, confrontar o que se pensa e o que se diz com o que se faz e o que se é” (2006, p.219) [grifo do autor].

Para retornarmos mais fortes é preciso deixar-se convalescer. É preciso parar para pensar, para ruminar ideias, desejos, pensamentos. Envolvidos pelo silêncio talvez pudéssemos estender os olhares possíveis para as coisas que nos arrebatam. Como se pode pensar, pensar paulatinamente, uma e outra vez, no murmúrio dos espaços coletivos? O silêncio e a solidão podem nos jogar para o encontro conosco mesmo. Olhar para seu silêncio e permanecer nele requer coragem. Uma coragem de se permitir enxergar o que se pensa, o que se vê e os sentidos que se atribui ao que se olha. Se o nosso silêncio for acompanhado dessa coragem, ele pode ser extremamente vigoroso para um mundo onde a compulsão por falar, por defender posição, por professar o tempo futuro são suas ações cotidianas. Tal coragem vem atrelada ao desejo de superar a convalescença e voltar à ativa, sempre com mais vigor. Não se trata de permanecer na solidão, mas dela

retirar suas forças para, uma vez de volta à ética dos amigos, encher a vida e os pensamentos de perspectivas (HENNING, 2018, s/p).

Nos silêncios de cada manhã, acompanhada pelo mate, a escrita foi tecida, dedicando um tempo para pensar sobre o que pretendíamos com esta pesquisa: **problematizar como mulheres ambientalistas do pampa gaúcho narram a sua relação com a natureza e com a Educação Ambiental**. Com este problema de pesquisa em mãos, fomos ruminando as ideias e os pensamentos sobre o que constitui a própria pesquisadora nas suas relações com a natureza, com o pampa e com a educação ambiental. “Essa transformação de si por seu próprio saber é – penso - algo bastante próximo da experiência estética. Por que um pintor trabalharia, se ele não é transformado por sua pintura?” (FOUCAULT, 2014, p. 204).

Esta dissertação foi sendo tramada com atravessamentos culturais, estéticos e éticos de educações ambientais possíveis. Passo a passo, a pesquisa foi se delineando, impulsionada por inquietações, por questionamentos, pela filosofia e pela arte! Pouco a pouco, as páginas foram preenchidas de intensidades, devires e coragem.

Sendo assim, no primeiro capítulo foram destacados os caminhos percorridos pela pesquisadora, uma vida tramada pelo pampa e pela educação ambiental. Então, tais temáticas foram exploradas e articuladas com o que se pretendia com a pesquisa, assim como delineamos a metodologia e o *corpus* empírico.

No segundo momento da pesquisa, foi necessário um aprofundamento teórico. Para isso, nos munimos de leituras e estudos sobre as relações das mulheres do pampa gaúcho com a natureza e com a educação ambiental. Discutimos sobre a posição que as mulheres ocupam nas relações com o pampa na trama da cultura, da história e da tradição gaúcha sul-rio-grandense. Miramos também para a literatura ao problematizarmos as relações entre as mulheres e a natureza pampeana. Mas, não deixamos de olhar também para nosso campo de saber, a educação ambiental, e vimos que as relações entre as mulheres e natureza foram articuladas nas conferências internacionais nos últimos anos.

No terceiro capítulo, potencializamos a escrita, ao aprofundarmos as pistas metodológicas, para travar a Charla do Pampa com as mulheres ambientalistas do pampeanas. Nosso desejo foi criar um devir menor para escutar essas vozes de vidas infames, suas experiências de vida com a educação ambiental, tanto que, para isso, tramamos a arte e a filosofia para intensificar nosso encontro.

No último capítulo desta dissertação nos dedicamos a analisar as narrativas dessas mulheres. Para isso foi necessário pensarmos nos modos de subjetividade e subjetivação, nos modos como nos constituímos sujeitos atravessadas por um forte sentimento de pertencimento, o *sentimento pampeano*, o qual é tramado pela história e cultura do pampa gaúcho, pelo cuidado e amor pelo lugar nas relações entre as mulheres e o pampa, e finalmente, pelas marcas atuais de um pertencimento ambiental, fruto da educação ambiental. Esse sentimento que a todo o momento recorre nas narrativas, atravessa a vida dessas mulheres, nas suas relações com a natureza, com o pampa, com os outros e nas relações consigo mesmo.

Com tudo isso, na caminhada desta pesquisa, chegando à finalização dos capítulos, podemos considerar que as mulheres ambientalistas do pampa gaúcho narram suas relações com a natureza e com a educação ambiental mobilizadas, atravessadas, constituídas por um sentimento muito forte, ímpar, que chamamos de *sentimento pampeano*. Ele possui vestígios da nossa cultura e da história pampeana, assim como marcas nas relações entre as mulheres e a natureza em que o cuidado pelo lugar recorre. Também consideramos os rastros de uma educação ambiental que faz parte da vida dessas mulheres com um intenso apelo pelas relações de pertencimento ambiental, entendendo o humano como parte da natureza.

Ao longo desta pesquisa, a filosofia nos movia com inquietações e problematizações sobre como a educação ambiental se tornava uma experiência nas nossas vidas e nas vidas dessas mulheres. Podemos perceber o quanto somos sujeitos constituídos pelos atravessamentos culturais, históricos, políticos, estéticos, éticos e como isso nos produz mulheres ambientalistas do pampa, mobilizadas pelo *sentimento pampeano*.

Com a vontade de olhar a educação ambiental nos interstícios pampeanos, nos lançamos nesta pesquisa, percorrendo um caminho que culmina provisoriamente nesta dissertação, a qual encerro com muitas inquietações e perspectivas. Este estudo me levou a novas possibilidades, a novos horizontes de investigações sobre nosso campo de saber que é a educação ambiental. Como nos tornamos educadores ambientais atravessadas por uma EA maior e menor? Quais as possibilidades e as multiplicidades da EA menor? Qual a potência de um devir menor para o tempo em que vivemos? Como a filosofia e a arte potencializam as criações de possíveis educações ambientais?

Sendo assim, desejo continuar os caminhos da pesquisa, pensando nessas questões que me potencializam a trilhar um doutorado, a querer pesquisar sobre os atravessamentos da educação ambiental menor. É possível uma educação ambiental menor? Talvez... se conseguirmos deslocar o olhar e ver as ações cotidianas, as micropolíticas expressas nas práticas pedagógicas que buscam uma desterritorialização, afastando-se de uma educação ambiental que ensina o que fazer e como fazer nas relações com o Planeta e com o lugar em que vivemos e com os problemas que enfrentamos.

Criar novas possibilidades de pensar a educação ambiental que escapem a condução das condutas, que driblem os mecanismos e as estratégias de subjetivação de uma educação ambiental maior. Empreender revoltas e resistências ao já dado, já instituído por esse campo de saber, nos provocar a pensar nos seus fundamentos e nas suas bases concretas e instituídas. Além disso, abrir frestas, ranhuras nos espaços maiores para se pensar diferentemente a um nível micropolítico. Não me interessa em propor modelos, mas a possibilidade de pensar a educação ambiental com um devir menor, experimentando paisagens, pensando nos modos de ser e de viver daqui para frente.

Bamos...soltá! É necessário nos empenharmos corajosamente num voo, para que, através das práticas de liberdade, busquemos a possibilidade de pensar a educação ambiental como um movimento, com uma substância ética sobre si mesmo, nas relações com os outros e com o lugar em que vivemos. Finalizo esta dissertação, no desejo que os(as) possíveis leitores(as) desta

pesquisa possam pensar sobre os modos como nos tornamos aquilo que somos... educadoras(es) ambientais a partir de suas vidas e experiências.

Bamos! Soltá el pássaro!

Referências

ADAUTO, F. O elemento humano no Pampa: o gaúcho e sua história In: CHOMENKO, L.; BENCKE, G. A. **Nosso Pampa Desconhecido**. Porto Alegre: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul. 2016. p.16-27

ALENCAR, J. M. de . **O Gaúcho**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

AMARAL, Lizandro. Picaço Oveiro. Intérprete: Lizandro Amaral. In: **16º Vigília do Canto Gaúcho** – Cachoeira do Sul, RS, 2005. Disponível em: <https://youtu.be/42a5UZnalFo> Acesso em: 11 de novembro de 2018.

AMIGOS DA TERRA BRASIL. Disponível em: <https://amigosdaterrabrasil.wordpress.com/about/> Acesso em: 17 de abril de 2018.

ANGELIN, R. Mulheres, ecofeminismo e desenvolvimento sustentável diante das perspectivas de redistribuição e reconhecimento de gênero. Itajaí: **Estamos preparados? Rev Eletr. Direito e Política**. UNIVALI, v.9, n.º 3, p. 1569-1597, 2014.

ASSIS BRASIL, Cecília. **Diário de Cecília de Assis Brasil**. REVERBEL, Carlos (org.). Porto Alegre, L&PM, 1983, 208p.

ÁVILA, D. A. RIBEIRO, P.R.C. E HENNING, P.C. “O Gênero é fundamental para o desenvolvimento sustentável”: reflexões sobre a operação de dispositivos em programas globais e seus efeitos para a Educação Ambiental. Rio Grande: **REMEA**, Ed. Especial, p.95-119, julho/2016. Disponível em: <https://www.seer.furg.br/remea/article/viewFile/5962/3685> Acesso em: 05 de setembro de 2016.

BLANES, Juan Manuel. **Os três chiripás**. 1881. Disponível em: <http://miriasantanna.wixsite.com/gaucha/juan-manuel/blanes?lightbox=dataItem-igtb09li6>. Acesso em 24 de janeiro de 2019.

BLOG FLORESTAS PAMPEANAS. Disponível em: <http://florestaspampeanas.blogspot.com.br/> Acesso em: 04 de abril de 2018.

BENCKE, G. A.; CHOMENKO, L. & SANT’ANNA, D. M. O que é o Pampa? In: CHOMENKO, L.; BENCKE, G. A. **Nosso Pampa Desconhecido**. Porto Alegre: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul. 2016. p.16-27

BRAIDOTTI, Rosi; CHARKIEWICZ, Ewa; HAUSLER, Sabine; WIERINGA, Saskia. **Mulher, ambiente e desenvolvimento sustentável. Para uma síntese teórica**. São Paulo: Instituto Piaget, 1994.

BRASIL DE FATO, 2017. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/01/24/o-pampa-virou-areia-agronegocio-intensifica-processos-de-erosao-no-bioma-gaucha/> Acesso em: 28 de abril de 2017.

CARVALHO, I.C. de M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 6 ed., 256p., 2012.

CARVALHO, M. **O que é Natureza?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

CASTRO, M.G.; ABRAMOPVAY, M. **Gênero e Meio Ambiente**. São Paulo: Cortez Editora, 2 ed., 144p., 2005.

COLLING, A. A Construção Histórica do Feminino e do Masculino. In: STREY, M.N.; CABEDA, S.T.L.; PREHN, D.R. (Orgs.). **Gênero e cultura: questões contemporâneas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p.13-38.

_____, A. **Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino na história**. Dourados/MS: Editora UFGD, 2014.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE MEIO AMBIENTE HUMANO. DECLARAÇÃO. Estocolmo, 1972. Disponível em: www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/arquivos/estocolmo.doc Acesso em: 18 de setembro de 2017.

CONFERÊNCIA INTERGOVERNAMENTAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL. DECLARAÇÃO. Tbilisi, 1977. Disponível em: www.mma.gov.br/port/sdi/ea/deds/pdfs/decltbilisi.pdf Acesso em: 18 de setembro de 2017.

CONFERÊNCIA INTERGOVERNAMENTAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL. RECOMENDAÇÕES. Tbilisi, 1977. Disponível em: www.fzb.rs.gov.br/upload/20130508155354tbilisi.pdf Acesso em: 18 de setembro de 2017.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE. PLATAFORMA DE AÇÃO, CAPÍTULO 24. Rio de Janeiro, 1992. Disponível em: www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/arquivos/cap24.doc Acesso em: 18 de setembro de 2017.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE MULHER, DESENVOLVIMENTO E PAZ, IV. DECLARAÇÃO E PLATAFORMA DE AÇÃO. Pequim, 1995. Disponível em: <http://www.un.org/womenwatch/daw/beijing/pdf/BDPfA%20S.pdf> Acesso em: 18 de setembro de 2017.

CONNELLY, Michael & CLANDININ, Jean. Relatos de experiencia e investigacion narrativa. In: LARROSA, Jorge. **Déjame que te cuente**. Barcelona: Editorial Laertes, 1995.

CUNHA, M.I.DA. Conta-me agora! As narrativas como alternativa pedagógica na pesquisa e no ensino. **Revista Faculdade Educação**. São Paulo, v.23, n.º 1-2, jan-dez 1997.

CZAPSKI, S. **A implantação da Educação Ambiental no Brasil**. Brasília: MEC, 166p.,1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka, para uma literatura menor**. Editora Assírio & Alvim. Lisboa: 2003.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. **Pós**: Belo Horizonte, v.2, n.4, p.204-219, nov. 2012.

DUTRA, C.P. **A Prenda no Imaginário Tradicionalista**. (Dissertação). PUC/RS. Porto Alegre, RS, Brasil, 2002.

ÉPOCA, 2017. Disponível em: <https://epoca.globo.com/ciencia-e-meio-ambiente/blog-do-planeta/noticia/2017/05/o-pampa-perdeu-38-de-sua-paisagem-natural-em-17-anos.html> Acesso em: 28 de abril de 2018.

ESTRADA, Ezequiel M. **Radiografía de la Pampa**. Editora Losada. SA. Buenos Aires. 1933.

FABINI, Luis. **Gauchos**. Uruguai. Pressur Corporation AS. 2012.

FISCHER, Rosa Maria B. Foucault, Clarice: as palavras, as coisas, a experiência. **Revista Cadernos da Educação**, nº54, p. 4- 22, 2016.

FONSECA, Márcio Alves da. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. São Paulo: EDUC, 2003.

FORTES, A.B. **Compêndio de História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Livraria Sulina, 3 ed., 1965.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro, Forense Universitária. 2002.

_____. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002. (b)

_____. A vida dos homens infames. In: _____. **Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p.203-222.

_____. O filósofo Mascarado. In: _____. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento. Ditos e Escritos II**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005, p.299-306.

_____. **Ética, sexualidade, política**. Ditos & Escritos V. 2º ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. Eu sou um Pirotécnico. In.: POL-DROIT, Roger. **Michel Foucault Entrevistas**. São Paulo: Graal, 2006. P.67-100.

_____. CAPÍTULO. In.: **Ditos e escritos. Repensar a Política**. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. v. 6. p.289 a 297.

_____. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

_____. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.

_____. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970.** São Paulo: Edições Loyola, 24 ed. 74p., 2014.

_____. **Ditos e Escritos IX.** Genealogia da Ética, Subjetividade e Sexualidade. RJ: Forense Universitária, 2014.

FRERS, Celine. Patria Mía. **Álbum Gauchos.** 2012. Disponível em: <http://www.celinefrers.com/fineart/gauchos#&gid=1&pid=12> Acesso em 04 de abril de 2018.

_____. (2019) Disponível em: <https://www.facebook.com/CelineFrersPhotography/photos/a.121933431280139/1336820686458068/?type=3&theater> . Acesso em 24 de janeiro de 2019.

G1, 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2012/06/pampa-gaucha-e-o-segundo-bioma-mais-desmatado-no-brasil.html> Acesso em: 28 de abril de 2018.

GALLO, Sílvio. Em torno de uma educação menor. **Educação & Realidade**, v. 27, n. 2, p.169-178, jul/dez. 2002.

GARCIA, S.M. Desfazendo os vínculos naturais entre gênero e meio ambiente. **Revista de Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v.0,n.0, p.163-68,1992. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/381/38126508015.pdf> Acesso em: 05 de setembro de 2016.

GEAN. Disponível em: [https://pt-br.facebook.com/pg/GrupoEcologicoAmantesdaNatureza/about/?ref=page_int](https://pt-br.facebook.com/pg/GrupoEcologicoAmantesdaNatureza/about/?ref=page_internal) ernal Acesso em: 17 de abril de 2018.

GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

GODOY, A. **A menor das ecologias.** São Paulo: Editora da USP, 2008.

_____. Nietzsche-Foucault-Deleuze-Guattari: a EA e a potência do pensamento minoritário, um diálogo intempestivo. In: CALLONI, H.; CORRÊA DA SILVA, P.R.G. **Contribuições à Educação Ambiental.** Pelotas: Editora Universitária/UFPEL, 2010.

_____. O modelo da natureza e a natureza do modelo. **São Paulo em Perspectivas**, n.º 14, v.4, p. 129-138, 2000.

GOLIN, T. Reflexos entre o gaúcho real e o inventado. In: GONZAGA, S.; FISCHER, L.A. (Coord.). **Nós, os gaúchos.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, p.91-94, 1992.

_____. **O povo do pampa: uma história de 12 mil anos do Rio Grande do Sul para adolescentes e outras idades.** Passo Fundo: UPF, 2.ed., 2001.

Google, 2018. Homem e Natureza. Disponível em: https://www.google.com.br/search?q=homem+e+natureza&rlz=1C1EKKP_enBR797BR797&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=oahUKEwi_nbrPkeDcAhWJhZAKHV1FAMUQ_AUICigB&biw=1242&bih=557 Acesso em 09 de agosto de 2018.

Google, 2018. Mulher e Natureza. Disponível em: https://www.google.com.br/search?rlz=1C1EKKP_enBR797BR797&biw=1242&bih=557&tbm=isch&sa=1&ei=3UlsW6LhOIqnwATrjr_gDg&q=mulher+e+natureza&oq=mulher+e+natureza&gs_l=img.3...60342.63487.0.65888.11.11.0.0.0.530.1624.0j1j2j1j0j1.5.0...0...1c.1.64.img..7.2.448...oi7i3ok1joi7i5i3ok1joi8i7i10i3ok1joi8i7i3ok1.o.ysULdfMAGsk Acesso em 09 de agosto de 2018.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Campinas, SP: Papiros, 1995.

GUIMARÃES, L. B. A importância da história e da cultura nas leituras da natureza. **Inter-Ação: Rev. Fac. Educ.** UFG, v. 33, n.1, p. 87-101, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/viewFile/4244/4174> Acesso em: 05 de setembro de 2016.

_____. A invenção de dispositivos pedagógicos sobre o ambiente. **Pesquisa em Educação Ambiental**, São Paulo, v.5,n.1, p.11-26, jan. 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/pea/article/view/30083/31970> Acesso em: 05 de setembro de 2016.

_____. Notas sobre o Dispositivo de Sustentabilidade e a produção de sujeitos “verdes”. In: Saraiva, Karla, Marcello, F.A. (Org.). **Estudos Culturais e Educação: desafios atuais**. Canoas: Editora da ULBRA, 2012.

HENNING, Paula Corrêa. Provocações para este tempo... a Educação Ambiental nos atravessamentos midiáticos. In.: PREVE, Ana Maria H.; GUIMARÃES, Leandro B.; BARCELOS, Valdo e LOCATELLI, Julia S. (org). **Ecologias Inventivas: conversas sobre educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012. P. 241-253.

_____. Límites y Posibilidades de la Educación Ambiental. **Bajo Palabra**. 11Época, n.º 17, 2017, p.341-358.

HENNING, Paula Corrêa. O silêncio e a problematização como exercício do pensamento. **II Seminário de Michel Foucault**: Palestra Proferida em “Os “usos” de Foucault nas pesquisas em educação”. 12 de julho de 2018. Instituto Federal Sul Rio-Grandense. Pelotas/RS.

HENNING, Paula C.; MUTZ, Andressa; VIEIRA, Virgínia T. (orgs). **Educações Ambientais Possíveis: ecos de Michel Foucault para pensar o presente**. Curitiba/PR: Appris Editora, 2018.

HENNING, Paula C; SILVA, Gisele R. Rastros da educação ambiental. O dissenso como potência criadora. In: HENNING, Paula C.; MUTZ, Andressa; VIEIRA, Virgínia T. (orgs). **Educações Ambientais Possíveis: ecos de Michel Foucault para pensar o presente**. Curitiba/PR: Appris Editora, 2018, p.151-162.

HENNING, P.C.; RATTO, C.G.; HENNING, C.C.; GARRÉ, B.H. Educação Ambiental e Discurso: estratégias biopolíticas e produção de verdades. **Educ. Foco**. Juiz de Fora, v.19, n.1, p.221-242, mar-jun 2014.

- KÜHN, F. **Breve História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2002.
- LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e Educação. In: TADEU DA SILVA, T. (org.). **O Sujeito da Educação: Estudos Foucaultianos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2015.
- LdSM 3D. 2011. Site: <http://www.ufrgs.br/ldsm/3d/?p=1426>
- LOPES NETO, João Simões de. No manatíal. In: SCHLEE, Aldyr G.(Org.) **Os Contos & Lendas de João Simões de Lopes Neto**. Pelotas, RS: Viena Gráfica & Editora, 2011.
- LOPEZ, L.R. **Revolução Farroupilha: a revisão dos mitos gaúchos**. Porto Alegre: Editora Movimento, 1992.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.
- MADRUGA, E. **A Educação ambiental e suas estratégias de governo no jogo eletrônico Minecraft**. (Dissertação de Mestrado). PPGEA/FURG. Rio Grande/RS, 2018.
- MAGALHÃES, C. DA S. **A literatura infantil e o discurso da Educação Ambiental escolarizada: lições de como cuidar o planeta**. (Dissertação de Mestrado). PPGEA/FURG. Rio Grande/RS, 2016.
- MARCELLO, F. A. Sobre os modos de produzir sujeitos e práticas na cultura: o conceito de dispositivo em questão. **Currículo sem Fronteiras**, v.9, p. 226-241, 2009. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol9iss2articles/marcello.pdf> Acesso em: 07 de outubro de 2016.
- MEYER, D.E. Teorias e Políticas de Gêneros: fragmentos históricos e desafios atuais. Brasília (DF): **Rev. Bras. Enferm.**, n.º 57, v.1, p.13-18, jan-fev. 2004.
- MOREIRA, M.E. Regionalismo e Literatura no Rio Grande do Sul. In: ALVES, F. das N.; TORRES, L.H. (Orgs.) **Pensar a Revolução Federalista**. Rio Grande: Editora da FURG, 1993, p. 131-135.
- MARQUES, Isabel R.; TEIXEIRA, Juliana C.; DIAS, Raquel S. D. É possível resistir? Experimentações com Michel Foucault e Félix Guattari. In: HENNING, Paula C.; MUTZ, Andressa; VIEIRA, Virgínia T. (orgs). **Educações Ambientais Possíveis: ecos de Michel Foucault para pensar o presente**. Curitiba/PR: Appris Editora, 2018, p.213-225.
- NIETZSCHE, F. **Sobre Verdade e mentira no sentido extra-moral**. São Paulo: Editora Hedra, 2007.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce homo: de como a gente se torna o que a gente é**. Porto Alegre: LP&M, 2008. 192p.
- OLIVEIRA, R.D. de. **Memórias do Planeta Fêmea**. Estudos Feministas, n.º 0, 1992, p. 131-142.

OLIVEN, R.G. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

ONG PACHAMAMA. Disponível em: <https://www.ongpachamama.org/quem-somos>. Acesso em 17 de abril de 2018.

PAIVA, Zé. **Natureza Gaúcha**. São Paulo: Metalivros, 2008.

PANITZ, Lucas Manassi. **Por uma geografia da música: o espaço geográfico da música popular platina**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências. Programa de Pós-graduação em Geografia, Porto Alegre, RS, 2010.

PEREIRA, Cláudio C. **Minuanos/Guenoas: os cerritos da bacia da Lagoa Mirim e as origens de uma nação pampiana**. Porto Alegre: Fundação Cultural Gaúcha – MTG, 2008.

_____. **80 minuanos para Carlota Joaquina: a nação Minuano/Guenoa; história documentada pelos colonizadores no pampa rio grandense e uruguaio**. Porto Alegre: Evangraf, 2015.

PESAVENTO, S.J. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2. ed., 1982.

PESAVENTO, S.J. A invenção da sociedade gaúcha. **Ensaio FEE**. Porto Alegre, (14)2, p. 383-396, 1993.

PESSOA, Fernando. **O Eu profundo e os outros Eus**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.

PINHO JÚNIOR, S.R. **O Discurso de Natureza nas HQS do Chico Bento: provocações ao campo de saber da educação ambiental**. (Dissertação de Mestrado). PPGEA/FURG, Rio Grande, 2015.

RAGO, M. As Marcas da Pantera. Foucault para historiadores. **Resgate**, v.4, n.5, 1993, p. 22-32.

RAMIL, Vítor. Indo ao Pampa. In: **Ramilonga: a estética do frio**. 1997.

_____. No Manatíal. In: **Ramilonga: a estética do frio**. 1997.

_____. **A estética do frio**. Pelotas: Satolep Livros, 2004.

_____. Chimarrão. In: **Délibáb**, 2008.

REIGOTA, Marcos. **O que é Educação Ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2014.

RIBEIRO, P.R.C.; ÁVILA, D.A. Sujeitos, histórias, experiências, trajetórias... A narrativa como metodologia na pesquisa educacional. In: SILVA, G.R.; HENNING, P.C. (org.) **Pesquisas em Educação: experimentando outros modos investigativos**. Rio Grande: Editora da FURG, 2013, p. 71-78.

RIBEIRO, P.R.C; SOUZA, N.G.S.; SOUZA, D.O. Sexualidade na sala de aula: pedagogias escolares de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental.

Estudos Feministas, Florianópolis, v.12, n.1, p109-129, jan./abr. 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2004000100006/7945> Acesso em: 05 de setembro de 2016.

RIO GRANDE DO SUL. Lei Estadual nº 12.992, de 13 de junho de 2008. Declara a Estátua do Laçador integrante do patrimônio histórico e cultural e escultura-símbolo do Estado do Rio Grande do Sul. Disponível em: http://www.mtg.org.br/public/libs/kfinder/upload/files/LEIS_DECRETOS/1EI%2012.992%20-%20Est%C3%A1tua%20do%20la%C3%A7ador.pdf Acesso em 09 de janeiro de 2018.

SELZNICK David O. (Produção). **Gone Withthe Wind** (E o Vento Levou). Direção: Geirge Cukor, San Wood, Victor Fleming. Produção: Estados Unidos da América. 1939.

SENADO. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2013/03/22/lista-oficial-de-herois-da-patria-pode-aumentar> Acesso em 02 de janeiro de 2018.

SCHLEE, Aldyr Garcia. **Contos de Sempre**. São Paulo: LR Editores Ltda. 149 p. 1983.

_____. **Uma terra só**. São Paulo: Melhoramentos. 153p. 1984.

_____. **Linha Divisória**. Porto Alegre: Melhoramentos. 104p. 1988.

_____. **Lembrança de João Simões Lopes Neto**. Pelotas, RS: Editora Viena, 2010.

_____. Elucidário. In: GÜIRALDES, R. **Dom Segundo Sombra**. Porto Alegre: ardotempo, 2011.

_____. **O Outro Lado: noveleta pueblera**. Porto Alegre: ardotempo, 2018 b.

_____. **Dicionário da Cultura Pampeana Sul-Rio-Grandense**. Pelotas: Fructos do Paiz, v. I e II, 2019.

SCHLEE, J.C.P.; SCHLEE JR., J.M.; SCHLEE, I.M. Florestas Pampeanas: um projeto de Educação Ambiental pela preservação e conservação do Bioma Pampa. In: VIII Encontro e Diálogos com a Educação Ambientais. Anais... Rio Grande: FURG, 2016. Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/83c8a2_4acf9860645a48b9b48422236b97d652.pdf Acesso em: 09 de maio de 2018.

SCHLEE, J.C.P.; SCHLEE JR., J.M.; SCHLEE, I.M. Projeto Florestas Pampeanas e a utilização de diferentes meios de comunicação como ferramentas para a Educação Ambiental. XVI Encontro Paranaense de Educação Ambiental. Anais..., Curitiba: UFPR, 2017. Disponível em: <http://www.epea2017.ufpr.br/wp-content/uploads/2017/05/547-E7-S1-PROJETO-FLORESTAS-PAMPEANAS-E-A-UTILIZA%C3%87%C3%83O.pdf> Acesso em: 09 de maio de 2018.

SCHLEE, R.L. HENNING, P.C. Pensar a história do presente: contribuições para olhar o Pampa gaúcho. In: II Seminário Internacional Michel Foucault: cinquentenário de As Palavras e As Coisas. V. 1. 2016, Pelotas: **Anais...Pelotas**: UFPel, p.506-532.

SCHLEE, R.L. **A vida, a arte e a Educação Ambiental nos atravessamentos de uma natureza pampeana**. (Tese de Doutorado). PPGEA/FURG, Rio Grande, 2018.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p.71-90, 1995.

SUERTEGARAY. M.A. & SILVA, L.A. PIRES DA. Tchê Pampa: histórias da natureza gaúcha. **Campos Sulinos – conservação e uso sustentável da biodiversidade**. Valério de PattaPillar...(et al.)Editores – Brasília: MMA, p. 42-59, 2009. Disponível em: file:///D:/Users/User/Downloads/campos%20sulinos_completo.pdf Acesso em: 05 de setembro de 2016.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, 454p.

VARGAS-MONROY, L.; PUJAL I LLOMBART, M. Governamentalidad, dispositivos de gênero, raza y trabajo: La conducción de La conducta de lãs mujeres trabajadoras. **Universitas Psychologica**, Colombia, v.12,n.4,1255-1267. Doi: 10.11144/Javeriana. Upsy12-4.gdgt. Disponível em: <http://revistas.javeriana.edu.co/index.php/revPsycho/article/viewFile/6501/5927> Acesso em: 05 de setembro de 2016.

VEIGA-NETO, A.J. Michel Foucault e Educação: há algo novo sob o sol? In: **Crítica pós-estruturalista e educação**. Veiga-Neto, A.J (org.) et al. Porto Alegre: Sulina, p.9-51, 1995.

_____. Pensar a escola como uma instituição que pelo menos garanta a manutenção das conquistas fundamentais da Modernidade. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org). **A Escola tem Futuro?** RJ: Lamparina, 2003. P. 103-126.

_____. Na oficina de Foucault. In: GONDRA, José; KOHAN, Walter (org.). **Foucault 80 anos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p.79-91.

_____. Teoria e método em Michel Foucault (im)possibilidades. **Cadernos de Educação (UFPel)**, n. 34. P.83- 94, 2009.

VEIGA-NETO, A.; RECH,T.L. Esquecer Foucault? **Pro-Posições**. V.25, n.º 2 (74), p.67-82, mai-ago 2014.

VIEIRA, V.T. **Naturalismo Poético-pampeano: uma potência musical do pensar**. (Tese de Doutorado). PPGEA/FURG. Rio Grande, 2017.

_____. **O Discurso da Crise Ambiental nas Letras de Rock and Roll: modos de ser sujeitos em tempos contemporâneos**. Rio Grande:

Programa de pós-graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande, PPGEA - FURG, 2013. (Dissertação).

VIEIRA, Virgínia T.; HENNING, Paula C.; RODRIGUES, Carla G. A música como uma possibilidade de respiro ao campo da educação ambiental. In: HENNING, Paula C.; MUTZ, Andressa; VIEIRA, Virgínia T. (orgs). **Educações Ambientais Possíveis: ecos de Michel Foucault para pensar o presente**. Curitiba/PR: Appris Editora, 2018, p.201-211.

VIEZZER, M.L. Gênero. In: FERRARO JÚNIOR, L.A. (Org.). **Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras (es) Ambientais e Coletivos Educadores**. V. 3. Brasília: MMA/DEA, p.171-184, 2013.

WILLIAMS, R. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo; Companhia das Letras, 2011.

WORTMANN, M. L. C. A Educação Ambiental em perspectivas culturalistas. In: CALLONI Humberto; SILVA, Paulo Ricardo Granada (Org.). **Contribuições à Educação Ambiental. II Encontro e Diálogos com Educação Ambiental FURG**. Pelotas, RS: Editora Universitária/UFPel, 2010. p. 13-38.



ANEXO



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada para participar, como voluntária, em uma pesquisa. Após ser esclarecida sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento. Você está recebendo duas cópias desse documento, uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: MULHERES, PAMPA E NATUREZA: UM OLHAR ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL.

Pesquisador Responsável: Mestranda Juliana Corrêa Pereira Schlee

Orientadora: Prof^a Dr^a. Paula Corrêa Henning

Telefone para contato do pesquisador(a) (53) 999769315

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

A pesquisa que apresentamos aqui dedica-se a seguinte investigação: ***como mulheres do pampa gaúcho narram suas relações com a natureza e a EA?*** Nesse sentido, vemos a importância de que mulheres-narradoras se tornem os sujeitos desse estudo. Gostaríamos de problematizar as maneiras de se relacionar com a natureza e com o Pampa e a Educação Ambiental na atualidade.

A pesquisa se justifica por ***buscar entender os fundamentos históricos, especialmente filosóficos da Educação Ambiental utilizando as entrevistas para compreender as relações entre a natureza e a mulher no Pampa gaúcho.*** Os objetivos desse estudo são: ***pesquisar como se constitui as relações das mulheres no pampa gaúcho; questionar que EA é construída a partir dos trabalhos desenvolvidos por mulheres no Pampa gaúcho; e pensar e problematizar como as preocupações com o ambiente se atravessam nas relações entre mulheres e natureza no pampa gaúcho a partir das narrativas das entrevistadas.*** Os procedimentos de coleta de dados serão da seguinte forma: ***entrevistas individuais e rodas de conversa. Não serão divulgados os nomes das participantes.***

A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELO(A) PARTICIPANTE:

Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo Mulheres, Pampa e Natureza: um olhar através da Educação Ambiental. Fui informada pela pesquisadora Juliana Schlee dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo () Não autorizo () a publicação de eventuais fotografias que a pesquisadora necessitar obter de mim, de minha família, do meu recinto ou local para o uso específico em sua Dissertação de Mestrado.

Local e data: _____/_____/_____.

Assinatura do sujeito ou responsável: _____

Assinatura da pesquisadora: _____